

**IGREJA DE SANTO AMARO E LUGAR DE LEGOINHA (SÉC. XVI - SÉC. XX):
PROJECTO DE REABILITAÇÃO E DE UM CENTRO INTERPRETATIVO**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2013/2014

Marta Alexandra Carneiro Aires Ferreira

Sob orientação do Professor Doutor Rui Póvoas e co-orientação da Arquitecta Maria Sofia Santos

A presente dissertação não adopta o acordo ortográfico de 2011.

Ao meu avô

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Rui Póvoas e à Arquitecta Maria Sofia Santos, com admiração e agradecimento pela constante motivação e acompanhamento rigoroso.

À Câmara Municipal de Alfândega da Fé, em especial à Dra. Ana Dias e ao Arquitecto Paulo Pereira pela disponibilidade e cedência de documentos indispensáveis à elaboração desta dissertação.

Aos meus avós, em especial ao meu avô, e à memória das nossas viagens a Alfândega da Fé entre medidas e fotografias.

À minha irmã que me acompanha sempre. Pela inspiração. Pela paciência. Por acreditar em mim.

Aos meus pais pelo apoio, dedicação e pelos ensinamentos.

Ao professor Nelson Bernardo e família por me inspirarem a tentar ser melhor.

À Dionísia, à Marina e ao Miguel por toda a ajuda que sempre me prestaram.

Abstract

The site of Legoinha is the starting point for this work of analysis, comprehension and intervention in a rural setting inserted in Trás-os-Montes.

Therefore, the present work initiates from the registry that intends to inform and support the fundamental piece, the project, as a response to the proposed exercise.

Thus, the first part explores the comprehension and background of the site regarding three fundamental pieces: the rural setting of Legoinha itself and its relation with the broad territory; the church of Santo Amaro and its relation with the landscape of the site; and lastly, the analysis of a cluster of habitation, corrals and agricultural warehouses.

The second part is exclusively focused on the church, with the intention of identifying the particularities that evoked its study, namely the presence of mural paintings from the XVI century located in the back wall, as well as its current state of degradation and its insertion in the project *Rota da Fé*.

Considering the objective of Câmara Municipal de Alfândega da Fé in potentiate Legoinha in regards of the remaining chapels, it is proposed an intervention in one of the vernacular constructions aiming to become an interpretive center for *Rota da Fé*.

The third and last part will focus on discussing the Project regarding questions related to the implications of intervening in a rural setting, in a religious construction and in a vernacular construction, namely in terms of the specificities to consider in each case.

Resumo

O lugar de Legoinha é o ponto de partida para este trabalho de análise, compreensão e intervenção num núcleo rural inserido na região trasmontana.

Assim, o presente trabalho parte do levantamento e registo que pretende informar e apoiar a peça fundamental, o projecto, como resposta ao exercício que se propõe.

Desta forma, a primeira parte explora a compreensão e enquadramento do lugar em torno de três peças fundamentais: o próprio núcleo rural de Legoinha e a sua relação com o território abrangente; a Igreja de Santo Amaro e a sua relação com a paisagem presente neste lugar, e por último, a análise de um núcleo de habitação, currais e armazéns agrícolas, em particular.

A segunda parte centra-se em exclusivo na Igreja, onde se pretende dar a conhecer as particularidades que suscitaram o seu estudo, nomeadamente a presença de pinturas murais datadas do século XVI na sua parede fundeira, o estado de degradação em que se encontra e a sua inserção no projecto *Rota da Fé*.

Tendo em consideração o objectivo da Câmara Municipal de Alfândega da Fé de potenciar Legoinha face às restantes capelas da rota, propõe-se que o exercício de intervenção numa das construções vernaculares do núcleo corresponda a um centro interpretativo da *Rota da Fé*.

A terceira e última parte focar-se-á na discussão de hipóteses relativas ao projecto, especificamente as questões em torno das implicações de intervir num núcleo rural, numa obra religiosa e numa construção vernacular, assim como, quais as especificidades a atender em cada um dos casos.

Agradecimentos	5
Resumo/Abstract	10/11
Introdução	
Objecto e Tema	13
Objectivos e Motivação	13
Método e Estrutura	15
Capítulo 01 – Descrição, análise e leitura no tempo	
1.1- Enquadramento territorial	19
1.2- Estudo da paisagem envolvente	23
1.3- Análise do tecido e das formas do núcleo rural de Legoinha	24
1.4- Forma do Edificado e do espaço público	28
1.5- Leitura no tempo	45
Capítulo 02 – A Igreja de Santo Amaro:	
2.1- Apresentação do percurso da Rota da Fé	48
2.2- Evolução no tempo dos elementos da rota	53
2.3- Evolução no tempo da Igreja de Santo Amaro	77
2.4- Descrição	86
2.4.1- Sistema Construtivo	
2.4.2- Espaço – Forma e composição	
2.4.3- Pinturas murais	
2.4.4- Análise do estado de conservação da Igreja de Santo Amaro	

Capítulo 03 – Teorias e princípios de intervenção no edificado existente

3.1- Estratégia de Intervenção	103
3.2- Enunciado do programa	111
3.3- Caracterização da solução	115
Considerações finais	125
Referências bibliográficas	127
Referência de imagens	131
Anexos	136

Introdução

Objecto

O objecto de estudo a tratar, a Igreja de Santo Amaro, situa-se no Nordeste trasmontano, mais especificamente no lugar da Legoinha, freguesia de Vilar Chão, município de Alfândega da Fé. A área a incluir como estudo não se limita somente à ermida, pretende-se de igual forma incluir o núcleo rural de Legoinha.

O intervalo de tempo a estudar tem por objectivo perceber o passado, interpretar o presente para desta forma poder intervir no futuro do edificio compreendendo, deste modo, um intervalo de tempo desde o século XVI até ao presente. O início deste intervalo de tempo encontra-se estimado através da descoberta de pinturas murais de relevo histórico-artístico, presentes no corpo primitivo da capela (capela-mor).

É ainda de referir e salientar a intenção da Câmara Municipal de Alfândega da Fé de incluir a igreja de Santo Amaro no projecto “Rota da Fé”, isto é, uma rota na qual constam quatro outras capelas com pinturas murais nas suas paredes fundeiras. Pretende-se ainda potenciar Legoinha como centro interpretativo dessa rota, dada a sua implantação face às restantes.

Motivações

A escolha por este tema relacionou-se, em primeira instância, com o interesse pessoal em realizar a dissertação numa componente em que fosse possível integrar conhecimento teórico e uma componente de prática projectual. Considerando o espaço temporal para a elaboração da dissertação, o problema da escolha foi pautado essencialmente pelo dimensionamento do objecto, assim como pela complexidade da peça e do programa a integrar. Nesse sentido, foram sugeridas como hipóteses núcleos rurais e ermidas, das quais se destacou a Igreja de Santo Amaro em Legoinha. Esta apresenta algumas características específicas que levaram à sua escolha, nomeadamente o seu estado de degradação, a sua localização e a presença de pinturas murais. Estas pinturas, que se encontram na capela-mor na sua parede fundeira assim como as paredes laterais apresentam um estado fragilizado.

Este caso de estudo apresentava também a particularidade de se constituir como um desafio proposto pela Câmara de Alfândega da Fé, uma vez que existiam dúvidas relativamente à manutenção da nave da igreja de Santo Amaro e de que forma reabilitar e preservar o carácter do lugar.

Objectivo

Pretende-se no presente exercício, desenvolver um projecto que tenha em consideração o contexto histórico e actual da obra e do lugar, com intervenção no existente, assim como, potenciar o aparecimento de um novo programa que valorize a inserção das pinturas murais do projecto *Rota da Fé* no concelho.

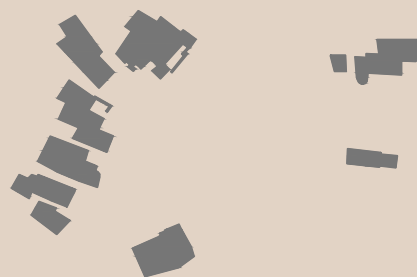
Neste sentido, o objectivo inicial será o de compreender o núcleo rural em que o objecto de estudo se insere, a nível de macro escala, abordando escalas sucessivamente de maior detalhe, que permitam caracterizá-lo no presente, assim como, perceber as razões que levaram à sua crescente desertificação. Para além disso, pretende-se integrar uma contextualização histórica do lugar, partindo do século XVI e analisando os vários períodos relevantes para a construção do edifício, tendo sempre presente o estudo do núcleo rural em que se insere.

Em paralelo a esta análise, é também objectivo o desenvolvimento de um projecto de reabilitação da capela, assim como a realização de uma intervenção no núcleo rural, incluindo a recuperação de uma habitação do núcleo para as funções de centro interpretativo do projecto *Rota da Fé*. Dada a intenção da rota de atrair público geral, assim como, público especializado, albergando em Legoinha o centro deste projecto, esta estrutura será constituída por espaços de apoio a esta função.

Metodologia

Importa ressaltar que, tratando-se de uma tese teórico-prática, não se poderá sectorizar o exercício de projecto e separá-lo da análise do lugar. Deste modo, distinguem-se à partida duas áreas, uma primeira parte de contextualização teórica e uma segunda parte de carácter prático, trabalhadas em simultâneo.

Assim, o processo iniciou-se com a recolha de fontes bibliográficas e documentação de origem diversa, como cartas militares e elementos fornecidos pela Câmara de Alfândega da Fé. Devido à ausência de algum material essencial à elaboração da presente dissertação, foi realizado um levantamento fotográfico e métrico do núcleo rural. De seguida procedeu-se a um trabalho de análise decorrente do material cedido e produzido. Tratou-se desta forma de um processo contínuo de intersecção entre investigação, elaboração de desenhos a diferentes escala, análise e exercício de projecto.



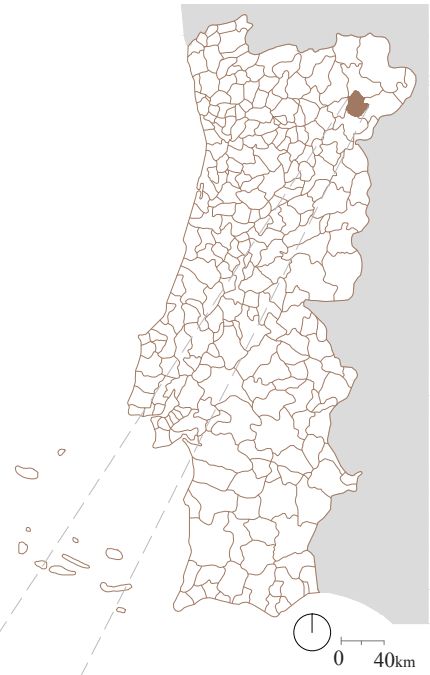


fig. 1- Posição do concelho de Alfândega da Fé em Portugal



fig. 2- Concelho de Alfândega da Fé

1.1 Enquadramento territorial

“*Vou falar dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo (...) Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos (...)*”¹

“*Este Trás-os-Montes da minha alma! Atravessa-se o Marão, e entra-se logo no paraíso!*”²

Miguel Torga

O concelho de Alfândega da Fé situa-se na província de Trás-os-Montes (**fig.1**), ocupando uma área relativamente centralizada no distrito de Bragança. Apresenta como limites físicos os concelhos de Macedo de Cavaleiros a Norte, Mogadouro a nascente, Moncorvo a sul e Vila Flor a poente³ (**fig.2**). Considerando a situação geográfica deste concelho, será importante compreender e analisar as características, em primeira instância, a uma escala mais abrangente, que se reflectem tanto a nível territorial como de paisagem.

A região de Trás-os-Montes caracteriza-se, em termos morfológicos, por plataformas onduladas com vales profundos, contrastando com maciços serranos que sobressaem na paisagem⁴. Assim, observa-se que as terras baixas são maioritariamente agrícolas, as terras intermédias apresentam cereais e pastagens, e as zonas altas apresentam afloramentos rochosos e mato⁵. Na proximidade dos núcleos populacionais verifica-se um parcelamento agrícola mais apertado com áreas de agricultura mais intensa dispersando para áreas de pastagem e cereais⁶. Quanto ao processo de assentamento dos povoamentos, que se revela com uma densidade populacional bastante inferior comparativamente ao Litoral⁷, ocorre essencialmente em pequenos aglomerados (centros) onde predomina a construção em xisto e uma organização do solo inerente à produção agrícola⁸.

¹ TORGA, M. (1950). *Portugal*. 7. Edição, Lisboa: Dom Quixote, p. 23.

² TORGA, M. (1978). *Diário I*. 6ª edição, Coimbra: Ed. do Autor, p. 67

³ VILARES, J. (1925). *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*. Porto: Comp. Portuguesa

⁴ D'ABREU, A. C., CORREIA, T. P. & OLIVEIRA, R. (coord). (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal*. Évora: Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico, Universidade de Évora

⁵ dem

⁶ Idem

⁷ OLIVEIRA, E. & GALHANO F. (2003). *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa : Dom Quixote

⁸ D'ABREU, A. C., CORREIA, T. P. & OLIVEIRA, R. (coord). (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal*. Évora: Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico, Universidade de Évora

No concelho de Alfândega da Fé, relevante para este caso de estudo em particular, destaca-se o lugar de Legoinha na freguesia de Vilar Chão com ênfase na Igreja de Santo Amaro, a qual se insere numa rota⁹ proposta pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé, composta por mais quatro elementos.

Como tal, revela-se essencial o entendimento de uma progressão de leitura por escalas, desde o território abrangente até a uma leitura aproximada e mais específica. Por conseguinte, a análise deste núcleo enquanto parte integrante do todo, cujos parâmetros físicos e paisagísticos são fundamentais na delimitação de uma unidade conferida pelas suas propriedades topográficas, permite deste modo uma melhor compreensão de como esta parte se articula no território.

Com efeito, torna-se assim fulcral compreender que as capelas pertencentes à rota proposta pela Câmara de Alfândega da Fé localizam-se na mesma unidade alveolar (**fig. 3**). Ou seja, é possível delimitar uma unidade, através de dois braços topográficos com a orientação Norte-Sul e que configuram, deste modo, uma unidade especial de paisagem. Todas as capelas surgem assim organizadas em torno desta unidade de paisagem estabelecendo uma forma semelhante a um “U” invertido. As capelas surgem implantadas nas respectivas zonas de cumeada, situadas no mesmo intervalo de cota (de 400 a 600 metros de altitude em relação ao nível do mar) com excepção para o núcleo rural de Sendim da Ribeira que se situa num intervalo de cota inferior. Desta unidade destaca-se um eixo estruturante com orientação Nordeste-Sudoeste, sendo certo que os povoados associados a este braço topográfico estão dispostos de forma coincidente com a linha de fecho. A Igreja de Legoinha, que se encontra a Nascente deste eixo, apresenta-se numa posição excepcional relativamente a estes povoados, não dependendo directamente da principal via.

Como se pode aferir no corte apresentado (**fig. 4**), evidencia-se nesta unidade de paisagem uma depressão comprimida pelos dois braços topográficos que correm de Norte para Sul. Esta mesma unidade encontra-se ainda protegida pela elevação com maior altimetria presente no território- a serra de Bornes, a Noroeste.

⁹ Rota da Fé, que será alvo de estudo no capítulo 2

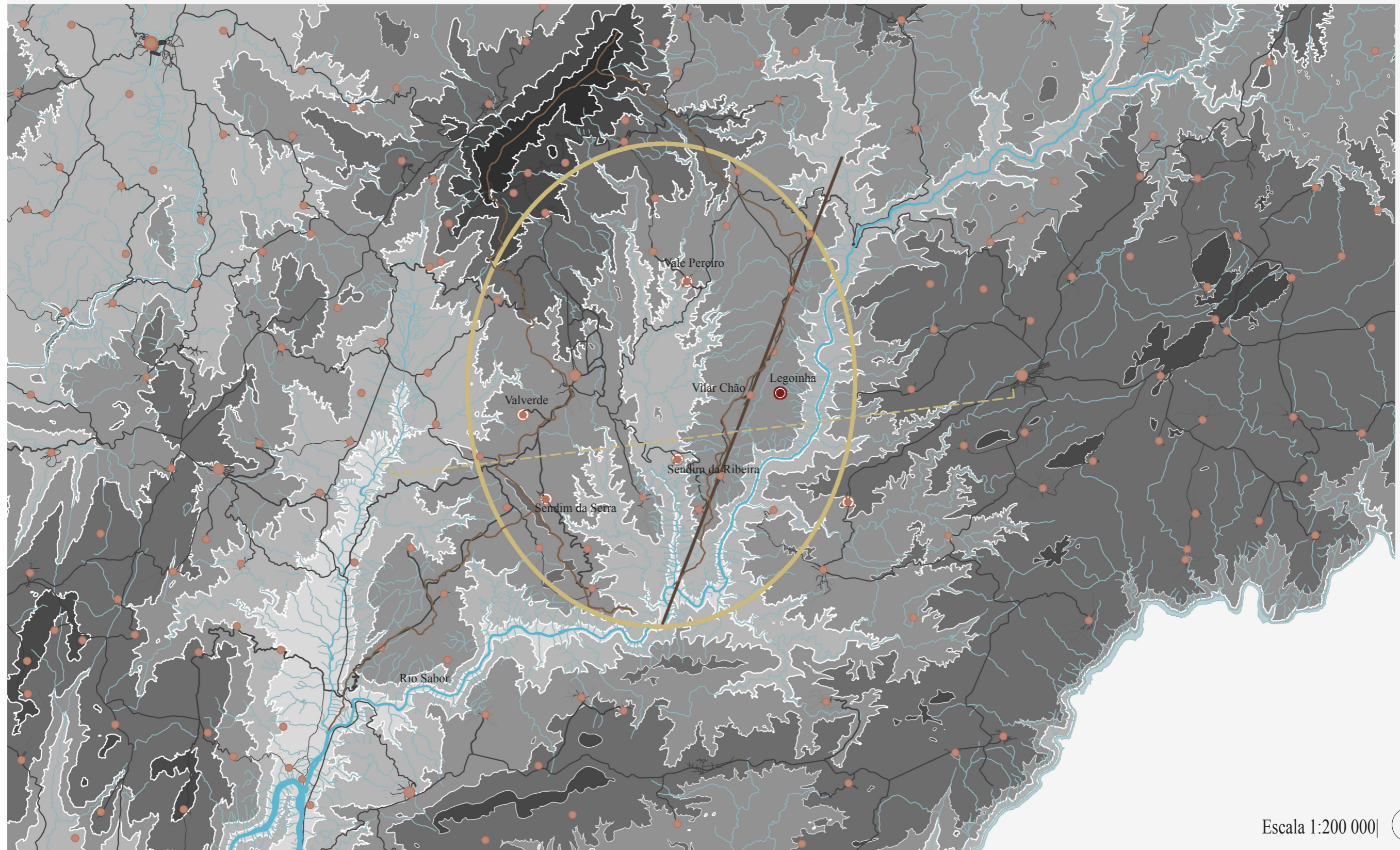


fig.3 - Mapa hipsométrico da zona alvo de estudo

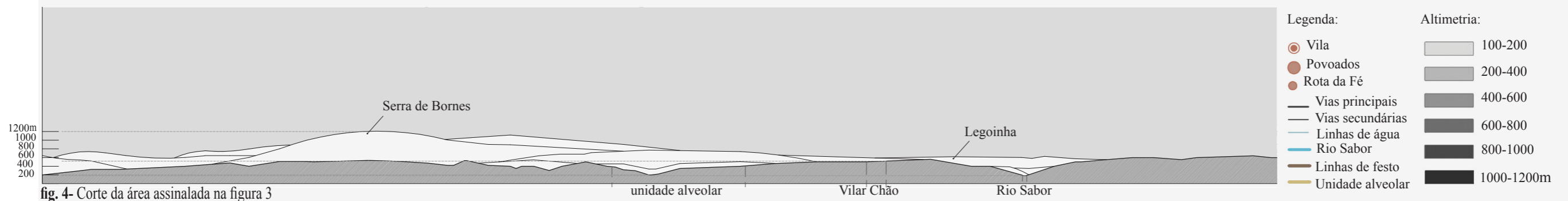


fig. 4- Corte da área assinalada na figura 3

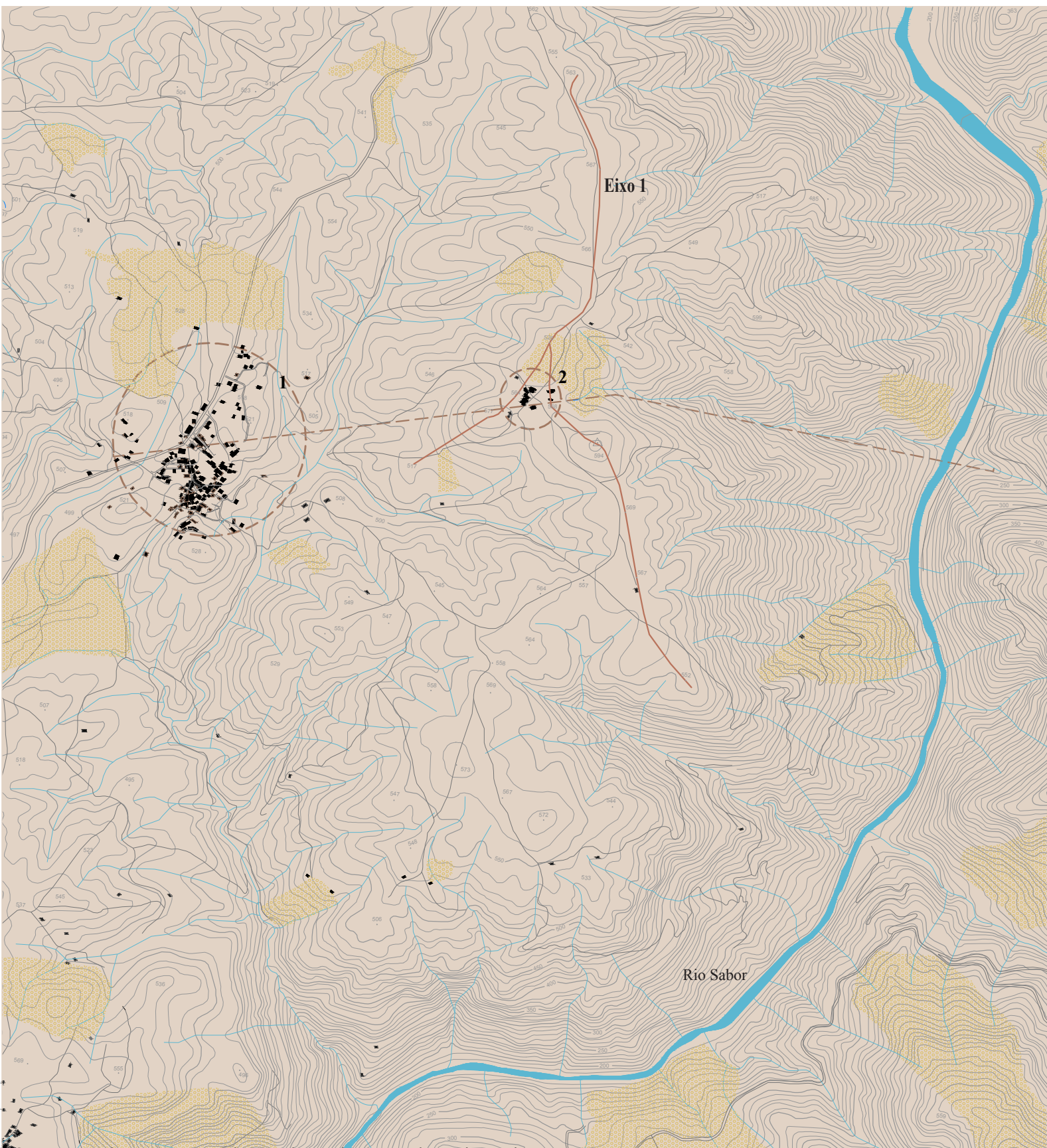
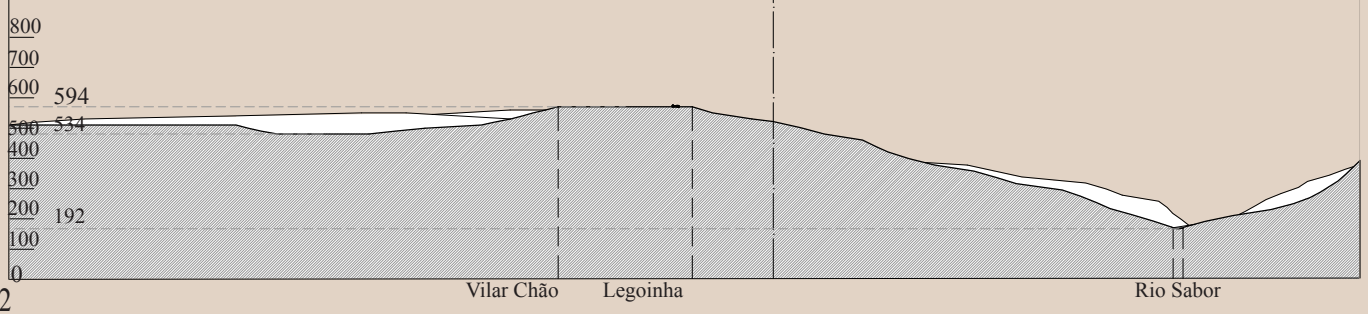


fig.5 - Mapa de representação do caso de estudo e povoados mais próximos

- Legenda:**
- ① - Vilar Chão
 - Linhas de festo
 - Curvas de nível
 - ▨ Vegetação (mata rala)
 - ② - Legoinha
 - Linhas de água
 - Edificado
 - Vias/caminhos
 - = Via de pavimento duro
 - = Via de pavimento mole
- Escala 1:25 000

fig.6 - Corte da área assinalada na fig. 5



1.2- Estudo da paisagem envolvente

Uma análise numa escala mais aproximada da área de estudo revela dois pequenos núcleos: o caso de estudo e de menores dimensões, Legoinha, e o povoado que lhe está mais próximo, Vilar Chão.

A freguesia de Vilar Chão, à qual o lugar de Legoinha pertenceu enquanto freguesia anexa¹⁰, situa-se a cerca de doze quilómetros da sede do concelho (a vila de Alfândega da Fé) do lado nascente. A principal linha de água presente nesta área, o rio Sabor, passa a cerca de três quilómetros, também para o lado nascente.

Uma leitura do território com base na Carta Militar¹¹ permite verificar que Legoinha se localiza a Nascente de Vilar Chão, mais exposta do que a zona envolvente devido à ausência de vegetação que lhe possa conferir alguma protecção, uma vez que a existente para além de escassa, é rala. Assim, e dadas as características planálticas da sua implantação, Legoinha encontra-se exposta à acção do vento e do sol.

A partir do núcleo rural de Legoinha não é possível ver o rio Sabor, uma vez que o terreno se apresenta acidentado junto desta linha de água, tratando-se de um morro que desce abruptamente, não se podendo, assim, visualizar a partir do ponto em que se situa. (**fig.5**) Este lugar assenta numa zona planáltica, como referido, numa cota superior à de Vilar Chão, distando cerca de três quilómetros deste povoamento. Assim, Vilar Chão, colocada numa cota inferior e protegida por um vale/encosta, encontra-se associada a uma via, factores que terão motivado a sua fixação e conseqüente desenvolvimento. Legoinha, por outro lado, situada a uma cota superior, exposta, e de acessos reduzidos, não atingiu outros estágios de desenvolvimento. (**fig. 6**)

Desta forma, importa destacar que a colocação da Igreja de Santo Amaro na paisagem é, possivelmente, ponderada, uma vez que se encontra a eixo com a linha de depressão (linha de água) que desce a encosta, a uma cota alta, numa zona de pendente suave, sob uma linha de fecho que corre de Norte para Sul e que prepara a depressão topográfica para o rio Sabor. A Igreja situa-se, assim, na confluência de duas linhas de fecho derivadas da que corre de Norte para Sul, com sentido Nascente-Poente. É também observável que a Igreja se encontra no topo de uma depressão topográfica, que corresponde a uma linha de água afluente do rio Sabor, e que se encontra entre as duas linhas de fecho referidas anteriormente. Para além destes factores, ressalta-se a cabeceira que se volta para a paisagem, e que se encontra orientada canonicamente a Nascente. A Igreja surge, assim, enraizada no seu lugar e enquadrada pelo seu ambiente natural.

Ressalta-se ainda no conjunto um eixo (**eixo 1**) com o sentido Nordeste-Sudoeste coin-

¹⁰ VILARES, J. (1925). *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*, Porto: Comp. Portuguesa

¹¹ Instituto Geográfico do Exército (1996). *Alfândega da Fé- Carta militar de Portugal 1:25 000 Ed. 2*. Lisboa : I.G.E

cidente com a linha de feito.

1.3 Análise do tecido e das formas do núcleo rural de Legoinha

O núcleo rural nasce num ponto de convergência de eixos, e por esta razão, torna-se essencial compreender como nasce o vazio a que corresponde Legoinha. Assim, é evidente a formação de um espaço que é comum, resultante da confluência de caminhos balizados por muros, irradiando a partir destes as parcelas de cultivo.

Deste modo, e não existindo documentação específica que o comprove, o assentamento deste lugar deixa em aberto a dúvida quanto à linha temporal da sua formação. Assim, o assentamento poderá ter-se iniciado através do aparecimento da Igreja ou a partir do trabalho do parcelamento agrícola.

Quanto à primeira hipótese, importa considerar a implantação das restantes capelas que compõem a rota, uma vez que se as restantes capelas se encontrassem isoladas nos seus respectivos núcleos rurais, tal poderia sugerir que também a Igreja de Santo Amaro poderia ter surgido antes do núcleo. Assim, a análise dos restantes elementos da rota indica a existência de duas capelas isoladas em quatro casos, excluindo a capela do Divino Senhor dos Milagres em Sendim da Ribeira e a Igreja de Nossa Senhora da Anunciação em Valverde.

Relativamente à segunda hipótese, considera-se como ponto de partida o parcelamento do domínio de cultivo, levando conseqüentemente ao surgimento de caminhos ladeados por muros e muretes que permitissem, assim, a recolha de produtos. Neste sentido, a actividade agrícola deste núcleo foi desenhando a forma do lugar, uma vez que o núcleo original funcionaria provavelmente apenas como base logística de controlo do cultivo das terras em torno. Posteriormente ter-se-á dado o assentamento da Igreja, resultando na ampliação do núcleo, que conseqüentemente levou à fixação de casario em volta do vazio gerado.

Perante estas duas hipóteses e a falta de evidências concretas, não é possível estabelecer com rigor a sucessão do assentamento dos elementos que formam este lugar. No entanto, a segunda hipótese assume-se como sendo mais forte uma vez que o critério que sustenta a primeira não aponta nessa direcção.









Destaca-se como via mais importante a que liga a povoação mais próxima, Vilar Chão, a Legoinha e desta até à linha de água mais relevante na proximidade, o rio Sabor. Anteriormente encontrava-se em terra batida, à semelhança dos restantes caminhos, tendo sido mais recentemente pavimentada, o que reforça o seu papel estruturante e o seu valor de acessibilidade a este lugar.

As habitações encontram-se numa relação de proximidade com as vias, de forma mais



fig.7 - Núcleo rural de Legoinha- relação com a envolvente

Legenda:

-  Edificado
-  Parcelamento
-  Curvas de nível (equidistância 10m)
-  Curvas de nível - Legoinha (equidistância 1m)
-  vias (rede actual)
-  Via pavimentada
-  Caminhos de terra batida
-  Arborização

Escala 1:2000

25

compacta no extremo Poente, sendo interrompidas apenas para permitir o acesso às parcelas individuais, por via de caminhos de terra batida de menor expressão no desenho do conjunto. Nos restantes espaços, estas encontram-se de mais forma pontual, ancoradas aos caminhos (fig.7).

O desenho de alguns destes caminhos foi ditado pelo tempo, que traduz a utilização repetida dos seus habitantes resultante de uma ocupação anterior até à sua extinção e actual utilização pontual.

Assim, comparando os dois núcleos de povoamento - Vilar Chão e Legoinha - no que concerne ao seu tecido e formas, Legoinha, como foi referido anteriormente, nasce do cruzamento de vias e de um vazio que se relaciona com determinadas células. A colocação de ambos numa escala de maior detalhe (fig.10) parece sugerir um sentido de crescimento comum, estando no entanto Vilar Chão num estado mais avançado deste processo, enquanto que Legoinha atingiu apenas um estado embrionário. Em Vilar Chão, é possível observar um vazio que poderá indicar a parte mais antiga do povoamento, que continuou a crescer, atingindo um estado mais avançado de crescimento. Assim, ambos os núcleos aparentam estágios de maturação diferentes de estruturas semelhantes.



fig.8 - Núcleo rural de Vilar Chão e Legoinha



fig.9 - Zona Envoltente

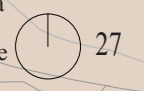


fig.10 - Núcleo rural de Vilar Chão e Legoinha

Legenda:

- Edificado
- Parcelamento
- Curvas de nível (equidistância 10m)
- Curvas de nível - Legoinha (equidistância 1m)
- vias (rede actual)
- Via pavimentada
- Caminhos de terra batida
- arborização

Escala 1:5000



1.4 Forma do edificado e espaço público

O núcleo apresenta como elementos principais a Igreja de Santo Amaro, situada no extremo Nascente, e as habitações dispostas para o largo para o qual se volta a fachada Poente da capela.

Tal como foi referido, os acessos a Legoinha são escassos, resumindo-se a apenas uma via pavimentada, situada no limite Poente do referido largo, que liga Vilar Chão a este lugar. Todos os outros caminhos de acesso às habitações são de terra batida, complementados por zonas de vegetação espontânea (**fig.11**)

Em termos demográficos, é possível encontrar registos datados de 1925 que contabilizam 60 habitantes¹². No entanto, a sua população foi decrescendo progressivamente, encontrando-se actualmente desertificado. Desta forma, todas as habitações ainda presentes encontram-se sem residentes permanentes, sendo-lhes atribuídos outros usos. Algumas habitações apresentam-se totalmente abandonadas e degradadas, enquanto as restantes ostentam acrescentos e modificações com materiais construtivos que em nada se relacionam com o seu desenho original (como por exemplo, tijolo).

As causas que levaram ao crescente abandono deste tipo de núcleos rurais devem-se em parte a factores como o crescimento das cidades e periferias e o deslocamento dos seus habitantes para estas áreas, a emigração, o envelhecimento da população, entre outros. Subsequentemente, estes mesmos factores poderão também levar ao abandono das parcelas de cultivo¹³, assim como à completa e total extinção do núcleo de Legoinha sem uma intervenção a curto prazo que atraia visitas mais regulares independentes da actividade agrícola.

À semelhança da generalidade das aldeias trasmontanas, estas habitações são compactas, contíguas, uniformes, escuras, e de aparência rude e arcaica¹⁴. Encontram-se oito conjuntos de habitações e respectivos acrescentos, voltadas para o largo, sendo certo que deste número, nenhuma mantém as funções de habitação permanente. Deste modo, observando todos os vestígios presentes, é possível aferir que uma se encontra alterada relativamente à sua forma original, apresentando uma nova função (taberna) de utilização esporádica/sazonal; uma outra em completo estado de ruína; cinco constituem agora locais de armazenamento de animais, utensílios agrícolas e feno; as restantes duas, encontrando-se em bom estado de conservação, não se tratando de habitações permanentes, uma vez que o núcleo se encontra desertificado, são possivelmente utilizadas de modo pontual (**fig.13**).

¹² VILARES, J. (1925). *Monografia do concelho de Alfandega da Fé*, Porto: Comp. Portuguesa

¹³ Idem

¹⁴ OLIVEIRA, E. & GALHANO, F. (2003). *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote

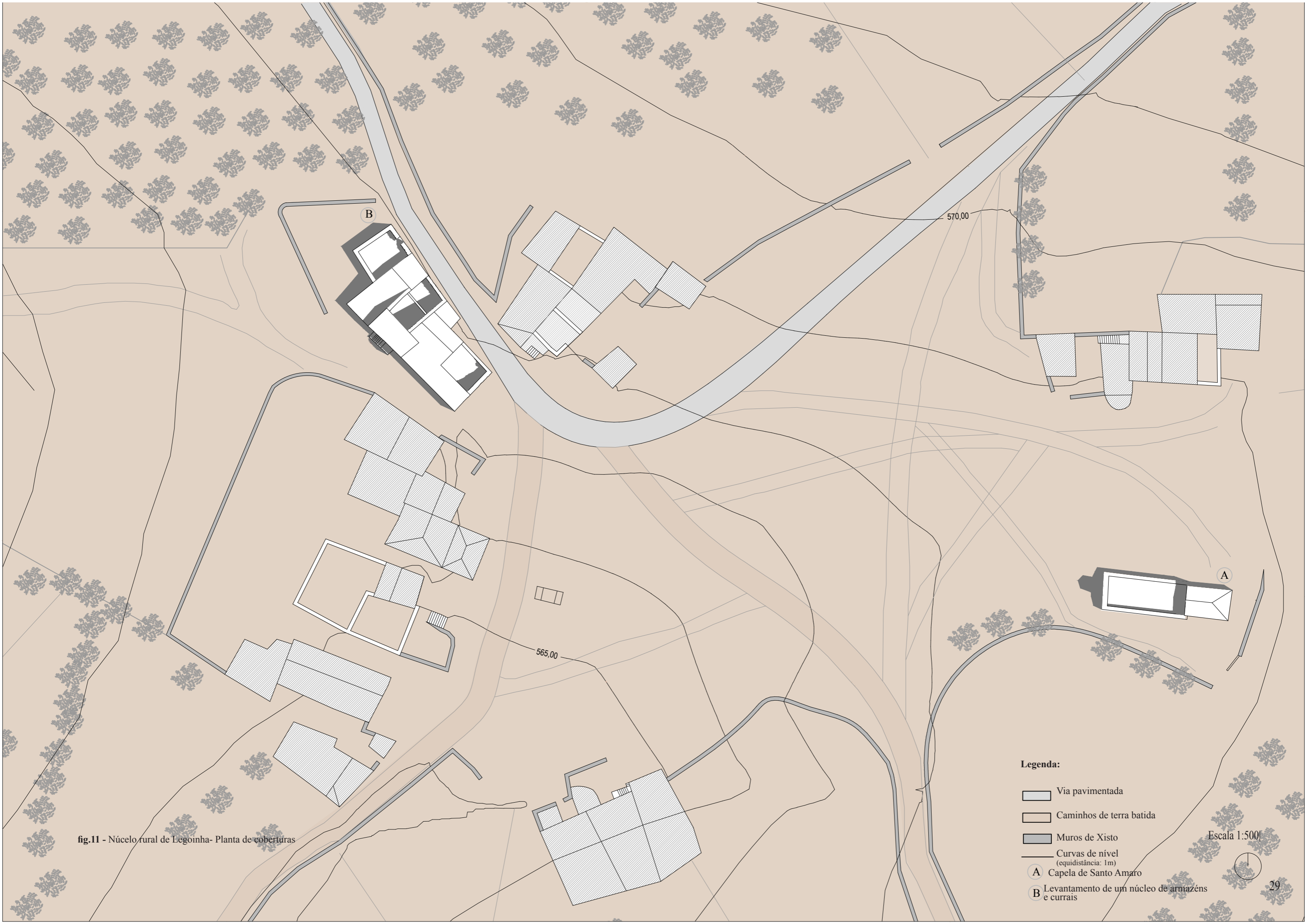


fig.11 - Núcleo rural de Legoinha- Planta de coberturas

Legenda:

- Via pavimentada
- Caminhos de terra batida
- Muros de Xisto
- Curvas de nível (equidistância: 1m)
- A Capela de Santo Amaro
- B Levantamento de um núcleo de armazéns e currais

Escala 1:500



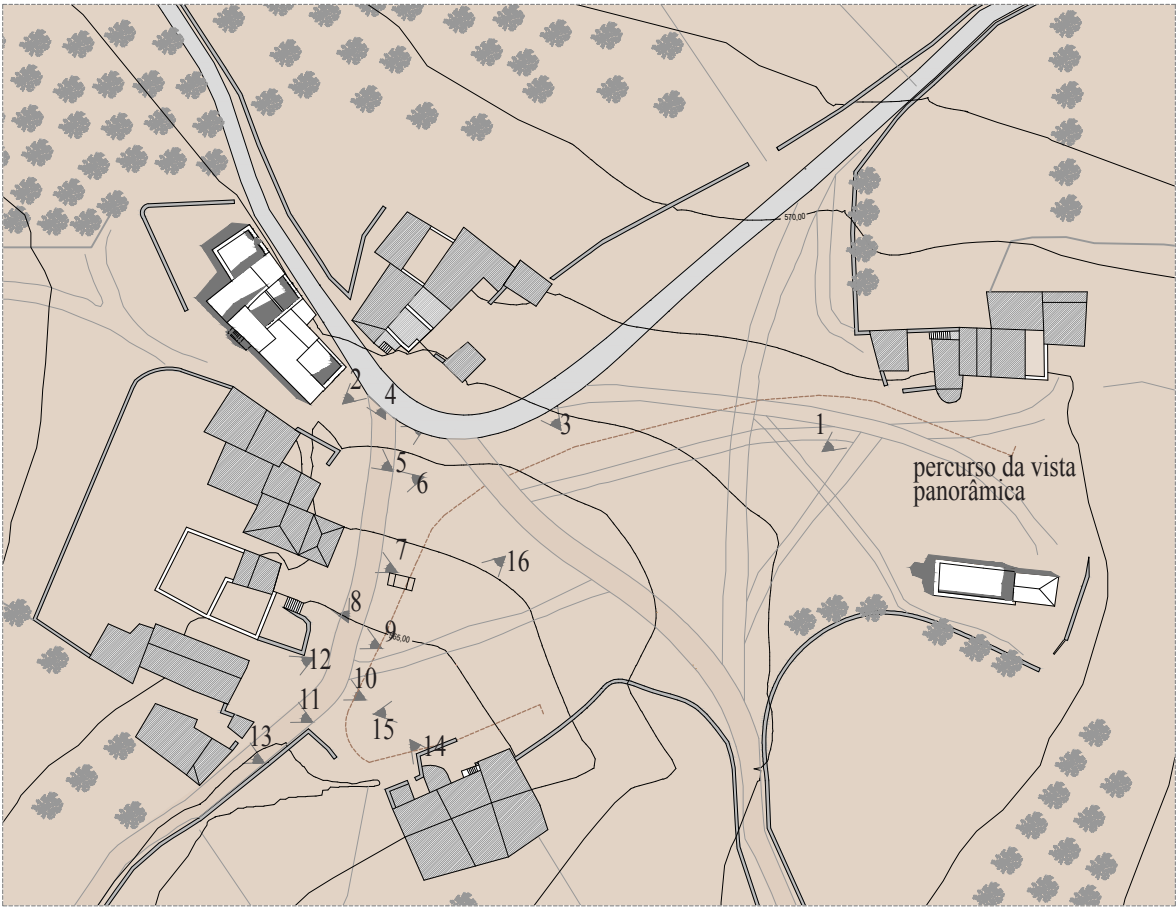


fig. 12- Mapeamento fotográfico do núcleo rural de Legoinha

Planta de localização Escala 1:500





Vista panorâmica



1-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



2-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



3-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



4-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



5-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



6-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



7-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



8-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



9-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



10-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



11-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



12-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



13-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



14-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



15-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



16-Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013

fig. 12- Mapeamento fotográfico do núcleo rural de Legoinha

Assim, procedendo a uma leitura do actual conjunto, esta indica que Legoinha se tornou apenas um núcleo rural de apoio à actividade agrícola, sendo visitado esporadicamente pelos seus antigos habitantes que trabalham as parcelas de cultivo, servindo assim de armazenamento agrícola, encurtando deste modo distância em relação a Vilar Chão.

Tendo sido apresentadas as características genéricas das habitações, avança-se agora para a caracterização de apenas uma construção em específico, situada à entrada do núcleo, por representar o modelo com menos intervenções espúrias.

O caso de estudo em questão apresenta características próprias da casa popular da região trasmontana, uma vez que apresenta o piso térreo independente do piso superior, cujo acesso se realiza por meio de uma escada exterior de acesso adossada à sua fachada. Neste núcleo de armazéns, currais e possivelmente habitação em particular, não se verifica a presença de uma varanda, como se pode observar noutros exemplos desta região.

Nesta tipologia, o piso térreo destina-se geralmente ao gado e arrecadações (lojas), sendo o piso superior reservado à habitação¹⁵.

Apesar de se encontrarem identificados alguns tipos de habitação trasmontana, a organização espacial destas casas não se encontra definida por regras de composição, sendo patente que não existe um cuidado particular na divisão dos espaços associados a funções. No entanto, é de notar que apesar de não ser observável as funções atribuídas a cada divisão, o mais importante seria servir as necessidades dos seus habitantes¹⁶.

Neste exemplo, a divisão de espaços não é tão evidente, uma vez que a maioria apenas se pode aceder a partir do exterior, e considerando ainda o facto da impossibilidade da sua visita devido à vegetação, apenas se poderá deduzir a sua função.

Não existindo quaisquer registos da mesma, não é possível delinear com rigor uma linha temporal da sua construção. No entanto, é perceptível numa situação em particular, a possibilidade de se tratar de um acrescento posterior dada a cicatriz revelada. (**fotografia 21 da figura 16**).

É ainda possível distinguir espaços destinados a animais (assinalados na planta **fig. 15** com os números **2 e 4**), pelos vestígios existentes e pelo pé-direito mais baixo, inferior a dois metros de altura.

Assim, o trabalho desenvolveu-se com a realização de um levantamento métrico rigoroso deste núcleo, através da medição com recurso a fita métrica a partir de um ponto referencial – ponto zero. A partir deste, foram retiradas medidas parciais e totais dos espaços, assim como

¹⁵ Idem

¹⁶ ARAÚJO, A. & DIAS, C & FILGUEIRAS, O. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa : Ordem dos Arquitectos

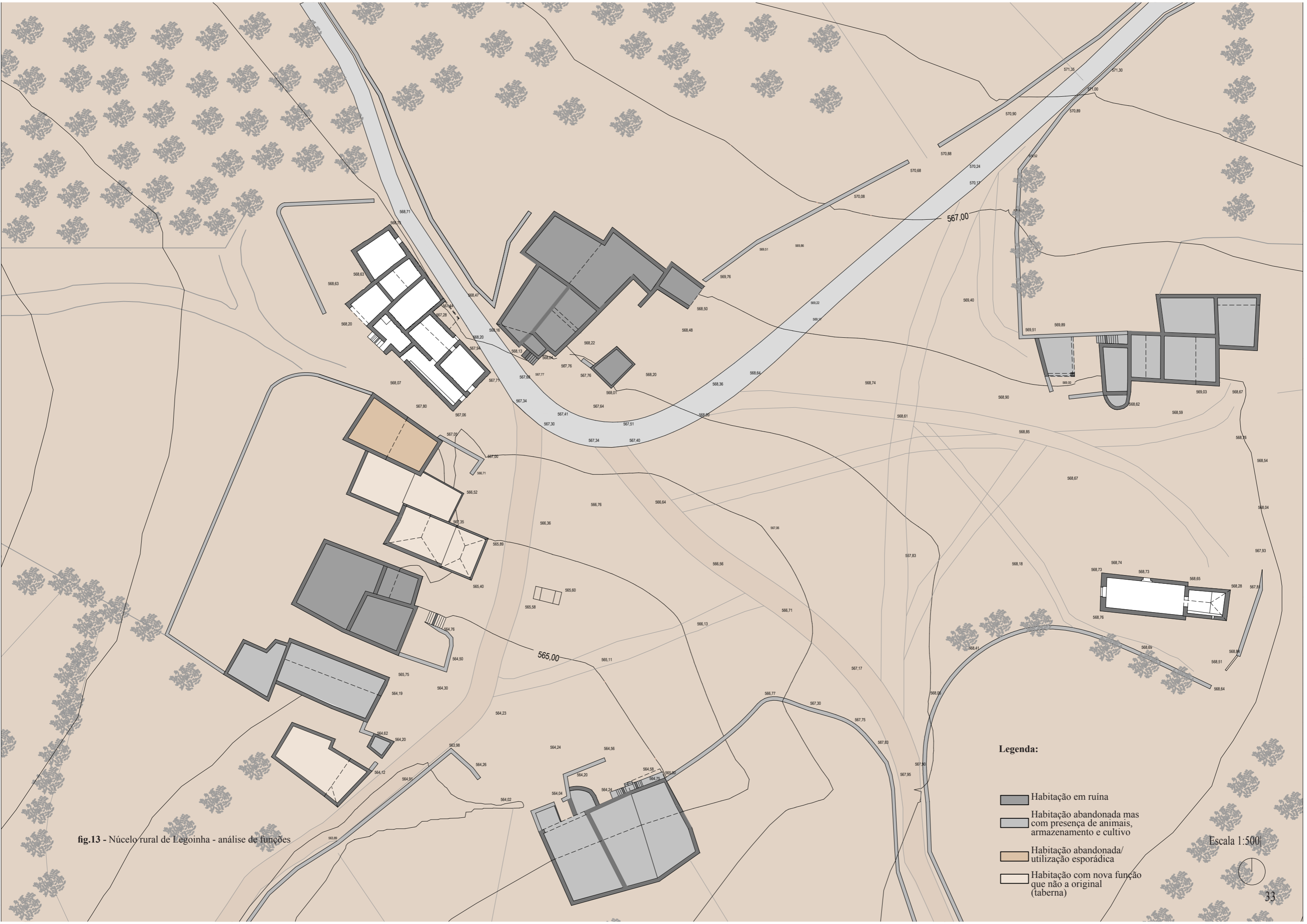


fig.13 - Núcleo rural de Legoinha - análise de funções

Legenda:

- Habitação em ruína
- Habitação abandonada mas com presença de animais, armazenamento e cultivo
- Habitação abandonada/ utilização esporádica
- Habitação com nova função que não a original (taberna)

Escala 1:500



medidas perimetrais e diagonais que asseguram a forma de cada espaço e o posicionamento dos vãos. Relativamente à altura dos mesmos, efectuou-se através de um distanciómetro laser sempre que tal se revelou possível. Para além destas acções, o recurso a um nível possibilitou aferir a pendente do solo, através do lançamento de uma recta imaginária e medindo-se de seguida a diferença de cota por forma a obter a pendente. Quanto aos ângulos formados pelas paredes, em alguns casos foi efectuada a medição de ângulos através de esquadros metálicos. Nos espaços onde a visita se revelou impossível, foram utilizadas fotografias aéreas, tendo por referência medidas retiradas no local para uma total correspondência do desenho. O levantamento fotográfico revelou-se ainda fulcral na realização de fotomontagens como suporte para construção e expressão dos alçados por forma a obter uma maior fiabilidade do desenho.

As fachadas (**fig. 14**) apresentam, na generalidade, poucos vãos, encontrando-se simplesmente pequenas aberturas, localizadas estrategicamente nas paredes robustas e rudes. A construção apresenta uma janela, dez portas e uma abertura de maiores dimensões numa divisão que poderia corresponder a um espaço de albergue do carro de bois (espaço número 7 na **figura 15**). Relativamente a esta questão salienta-se ainda o enquadramento destas aberturas, cuja presença é facilmente notada nestas fachadas, pois é colocada uma pedra de maiores dimensões com uma função estrutural (padieira)¹⁷.

A nível construtivo, a habitação é constituída por paredes de xisto, a partir das quais se efectua a descarga linear, e nas quais assenta um sistema de vigas de madeira que sustentam a cobertura de telha. Nos cunhais aplicam-se pedras de maiores dimensões que efectuam o travamento, acamando-se de forma cruzada (**fig. 18**).

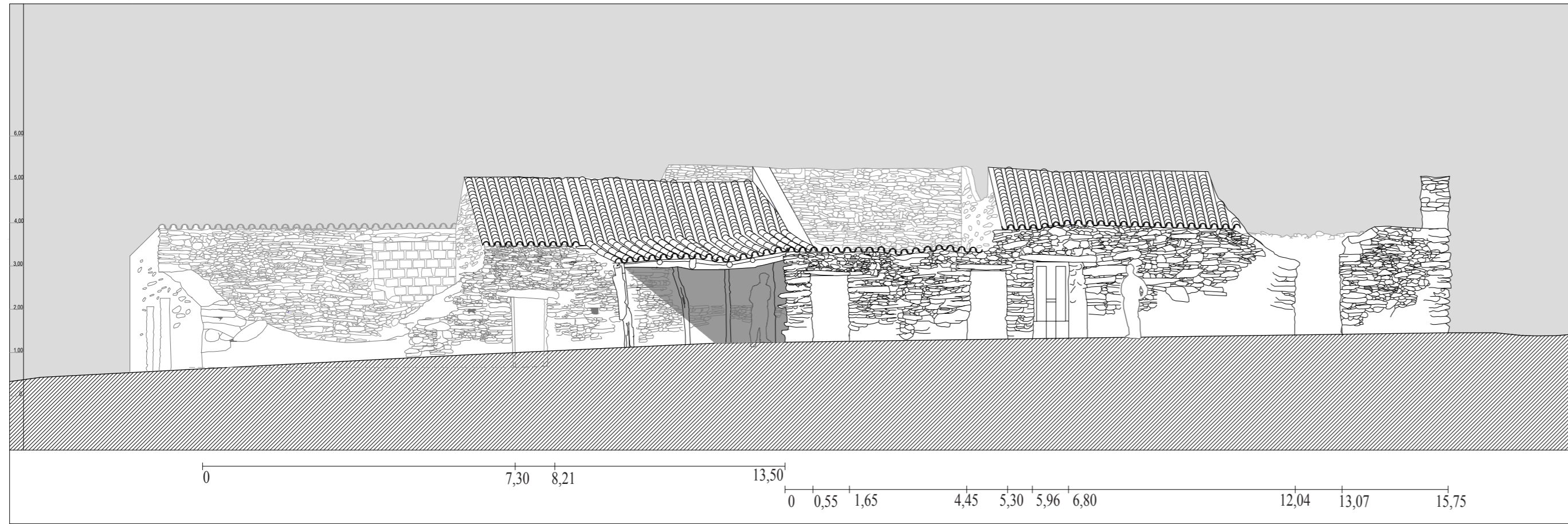
Tal como referido no levantamento de habitação popular relativo a Trás-os-Montes dos arquitectos Octávio Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias “Verifica-se uma certa forma sábia de deixar falar os próprios materiais, dentro daquela verdade que eles próprios descobriram na única realidade que conhecem”¹⁸.

Actualmente, tal como foi referido, alguns espaços encontram-se em estado de ruína, sem cobertura e preenchidos por densa vegetação, impossibilitando a sua visita (espaços 5, 6 e 8, **fig.15**); os restantes servem como armazém (1, 3 e 7, **fig. 15**).

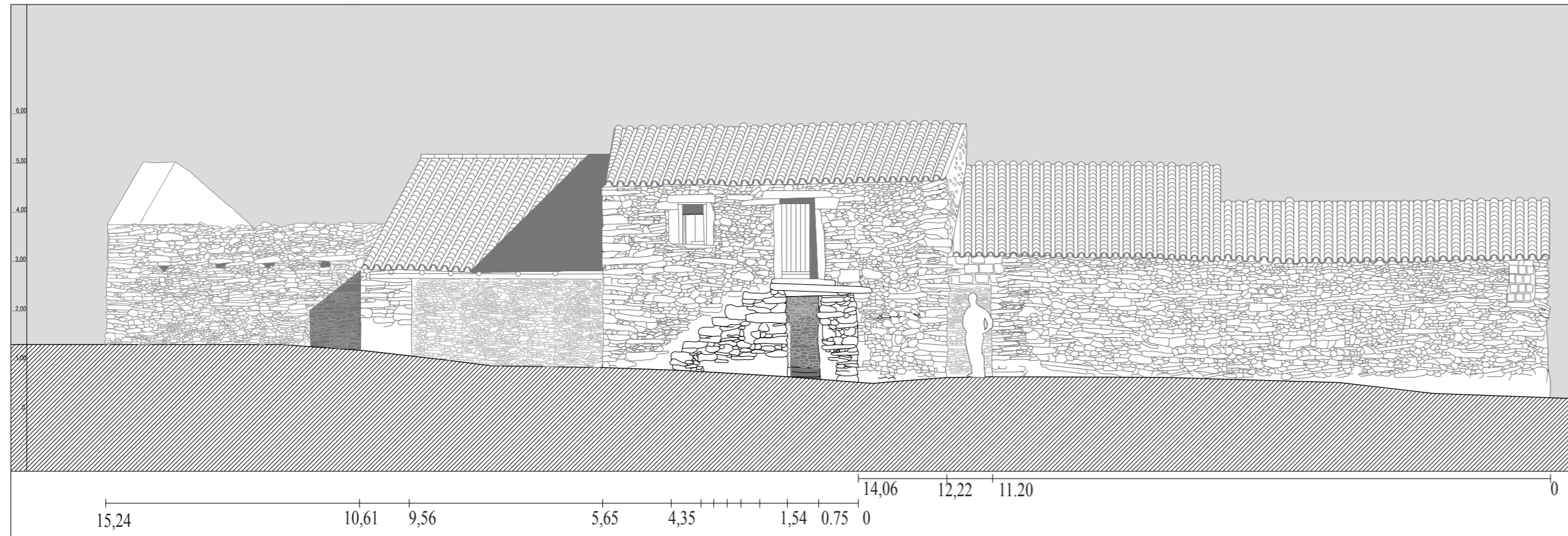
Apesar de não ser possível determinar com rigor as funções originais, poder-se-á proceder a um exercício de caracterização funcional destes espaços, sendo que a parte que se volta para o largo corresponde aos espaços mais identificáveis na sua função e com uma relação de passagem interior. Assim, nesta parte do núcleo é possível distinguir as funções dos espaços: dois espaços de armazém (espaços 1 e 3 da **fig. 15**, sendo que este último ainda mantém a sua função-**fotografias 31 e 32 da fig. 16**) e um espaço lateral estreito e comprido destinado a ani-

¹⁷ Idem

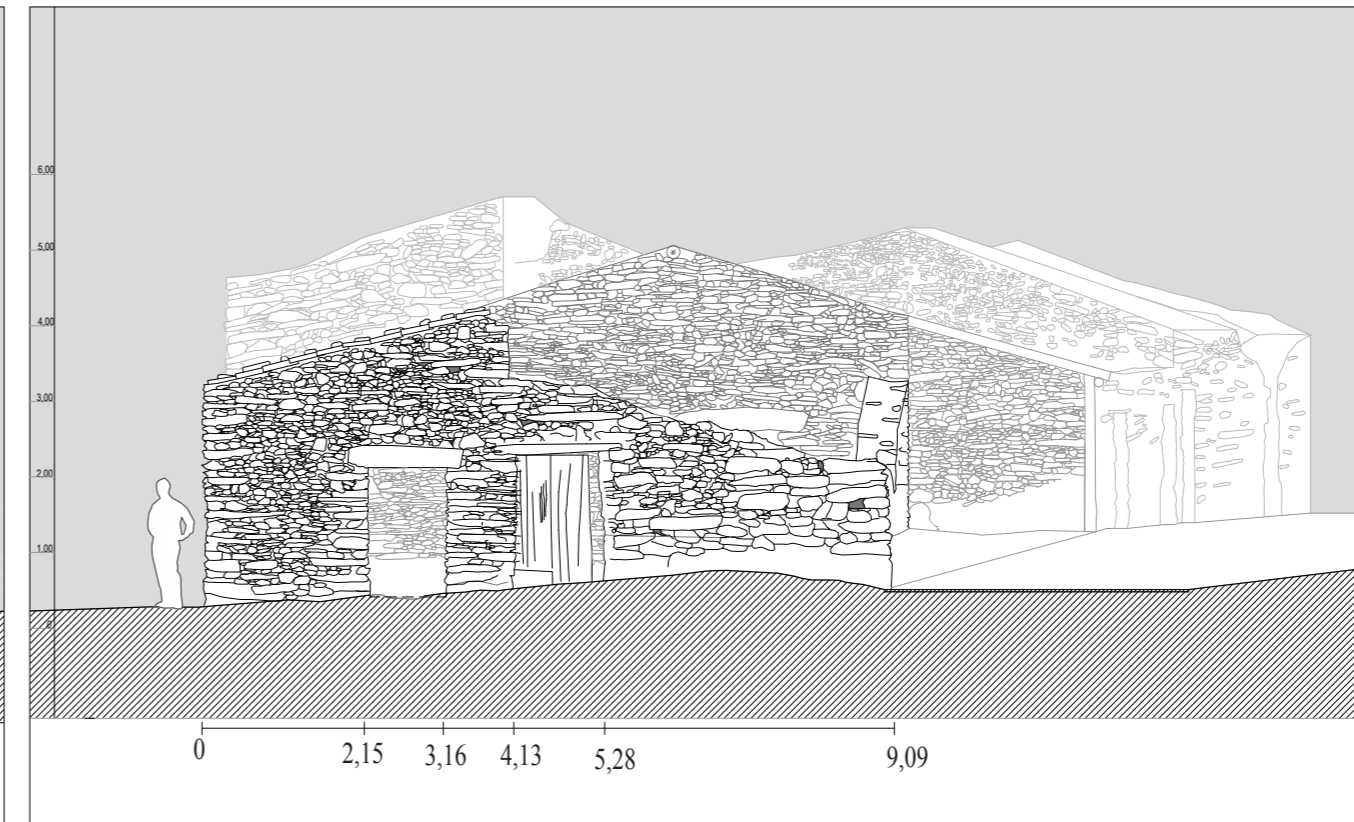
¹⁸ ARAÚJO, A. & DIAS, C & FILGUEIRAS, O. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa : Ordem dos Arquitectos p. 144



Alçado AA'



Alçado BB'



Alçado CC'

fig.14- Desenho de alçados após levantamento rigoroso (estereotomia decalcada a partir de fotografia)

Escala 1:100

mais, facto corroborado pela presença de uma manjedoura (espaço assinalado com o número 2 na **fig. 15- fotografia 34** da **fig. 16**). No alçado Sudoeste surge uma espécie de bloco independente, composto por dois pisos (cujo acesso se resume à escada exterior), apresentando-se o piso inferior com 1,80 metros de pé direito destinado, provavelmente, a animais (espaço assinalado com o número 4, **fig.15**), e residindo a dúvida quanto à função do espaço no piso superior (espaço 9 na **fig. 15- fotografia 38 e 39** da **fig. 16**). Contiguamente surge um espaço, já referido, que se destinaria provavelmente ao carro de bois (espaço 7 na **fig. 15- fotografia 41 da fig.16**), dada a dimensão e altura do vão que apresenta (entretanto reforçado por uma viga metálica).

Restam, assim três espaços degradados e negligenciados (5, 6 e 8, **fig.15**) e que se destinariam provavelmente à armazenagem de produtos agrícolas, dado o facto de o seu acesso ser possível apenas pelo exterior.

Assim, torna-se relevante considerar as características desta peça, que espelha os princípios da arquitectura vernácula que se servia dos meios do lugar e de carácter funcional. Apesar de já ter sido considerada como subdesenvolvida e de má qualidade, actualmente é vista como representação de características e valores a salvaguardar¹⁹.

Neste sentido afirma Fernando Távora em “O problema da casa Portuguesa”: ” É indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da Terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento. A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa (...)”²⁰.

¹⁹ BACA, Luís Fernando Guerrero – *La Salvaguardia de la arquitectura Vernáculain* XXII Reunion Nacional de ASINEA, México, Maio 2003, p.67-68.

²⁰ TÁVORA, F. (1947). O problema da casa portuguesa. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, p.11





fig. 16- Mapeamento fotográfico exterior do núcleo de currais, armazéns e hipotética habitação Escala 1:500|



17- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



18- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



19- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



20- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



21- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



22- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



23- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



24- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



25- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



26- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



27- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



28- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



29- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



30- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013

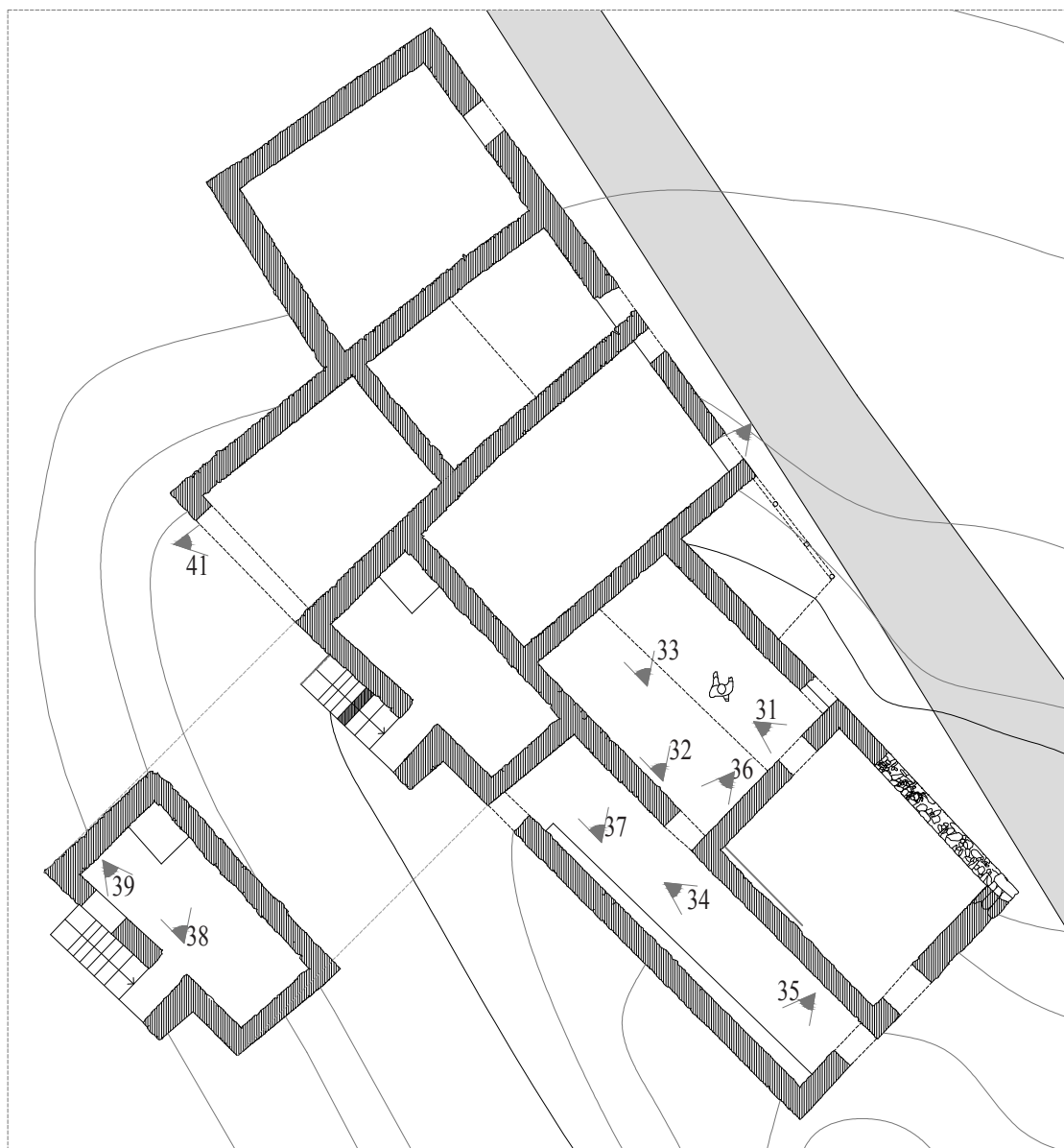


fig. 17. - Mapeamento fotográfico dos espaços interiores

Escala 1:200



Nota: A ausência de fotografias relativas a alguns espaços deve-se à impossibilidade da sua visita ou, como no caso do espaço número 4 da fig .14 ao facto de se tratar de um espaço pouco iluminado e estreito.



31- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



32- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



33- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



34- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



35- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



36- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



37- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



38- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



39- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



40- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



41- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013

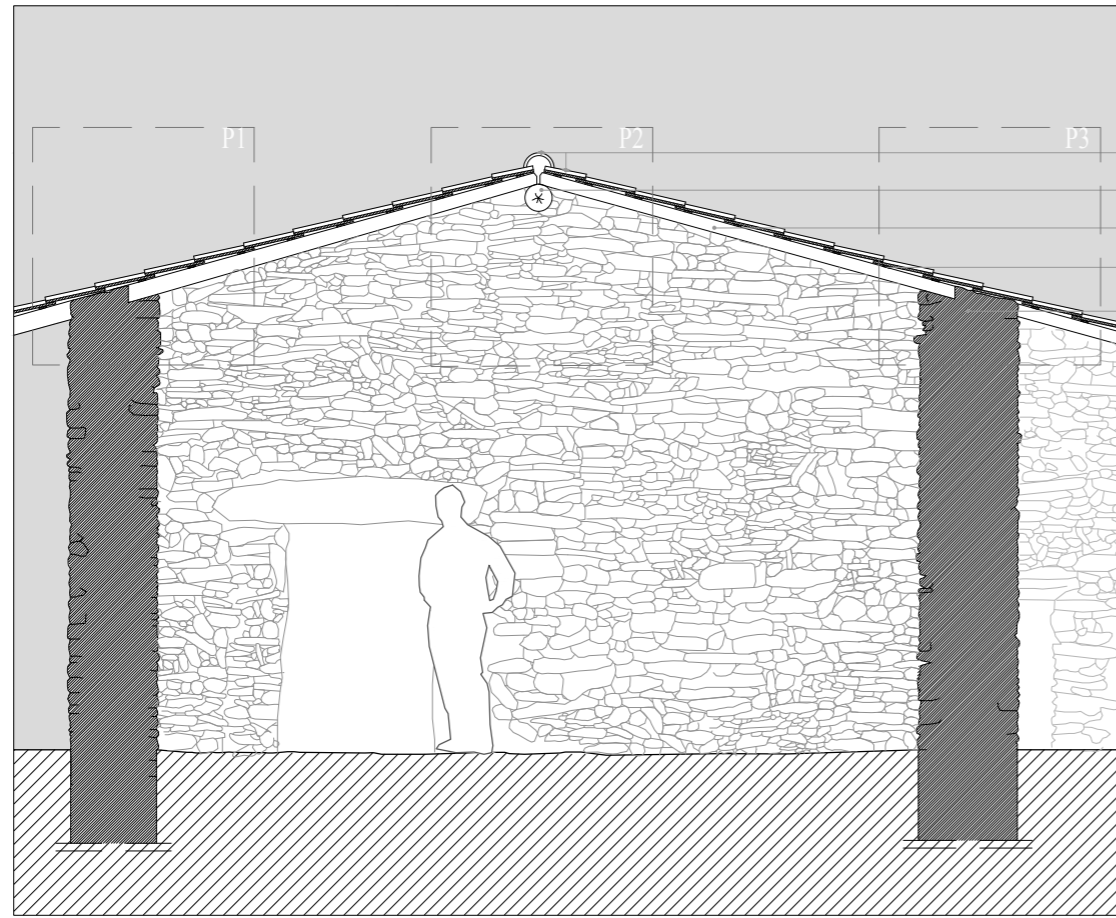
fig. 18- Síntese construtiva do núcleo de armazéns e currais



Nota: Como é possível aferir não se trata da mesma vara que se prolonga de um espaço para o outro



As varas encontram-se encastradas nas paredes de alvenaria de xisto



Corte construtivo | Escala 1:50

- Telha de cano artesanal
- Pau de Fileira
- Vara
- Ripa
- Alvanaria de Xisto

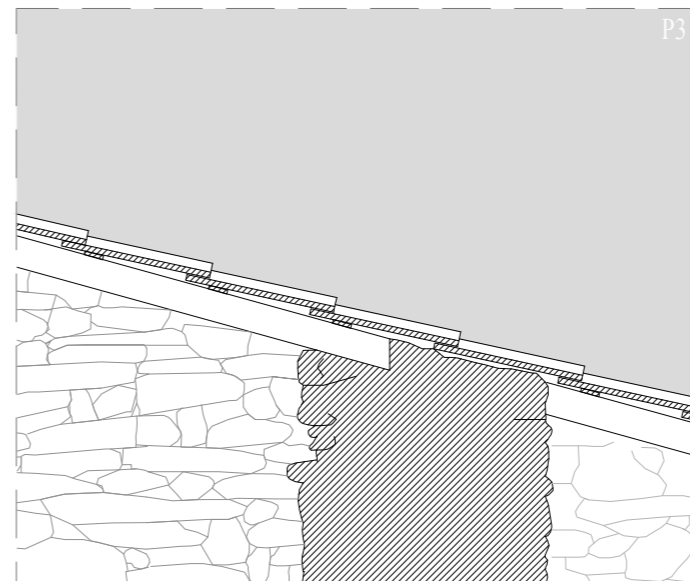
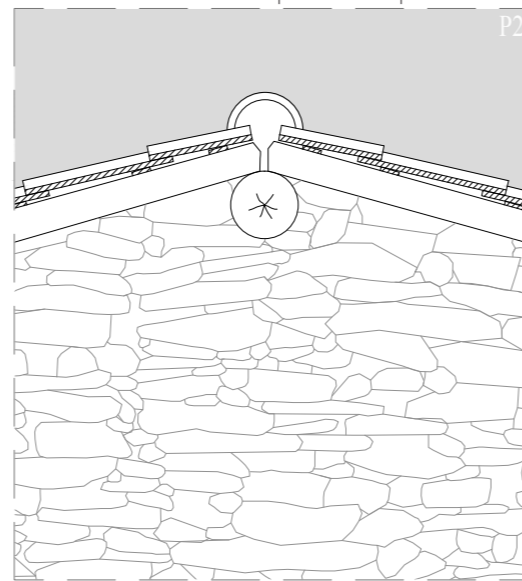
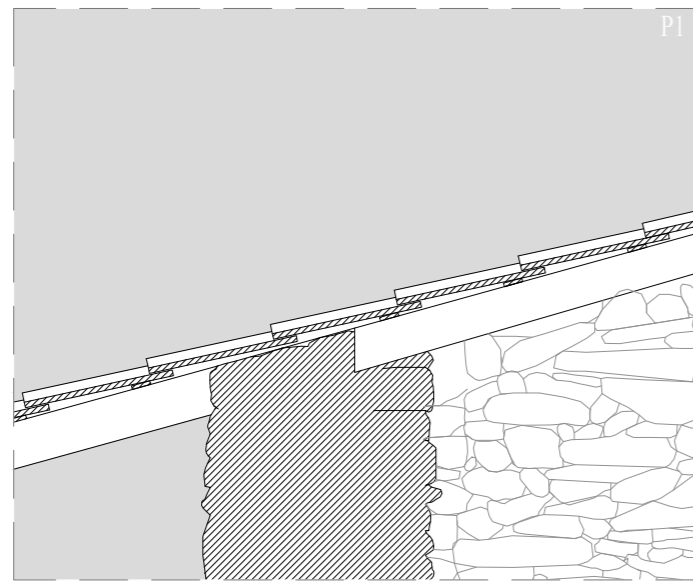
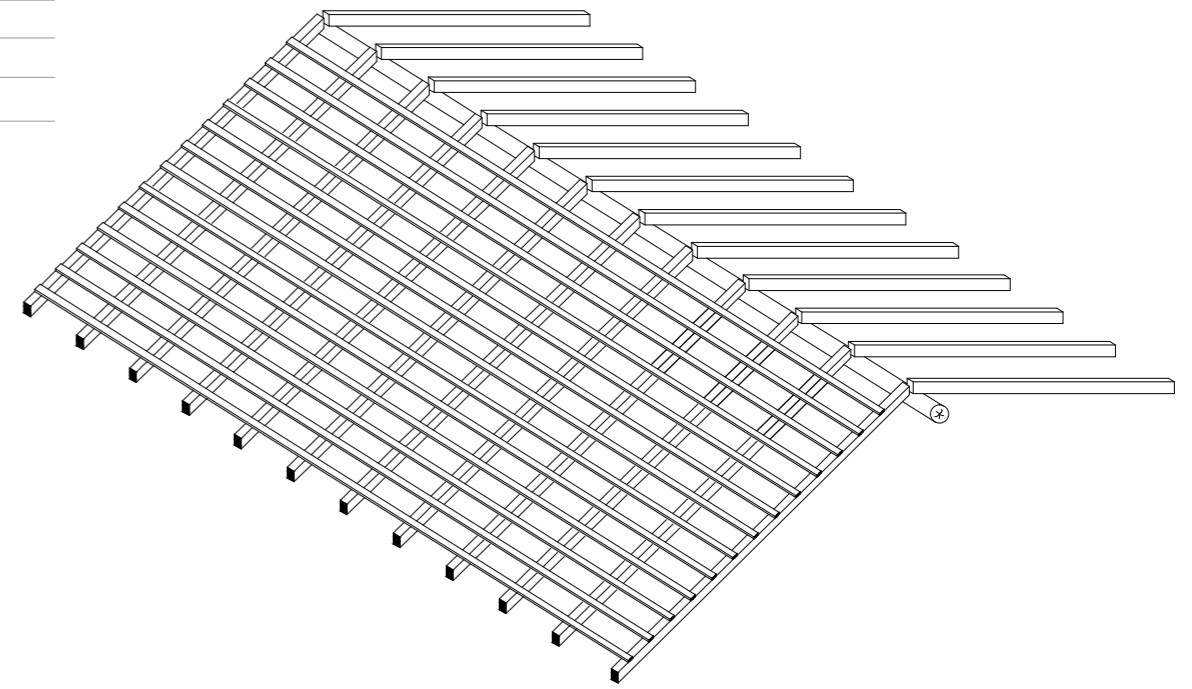
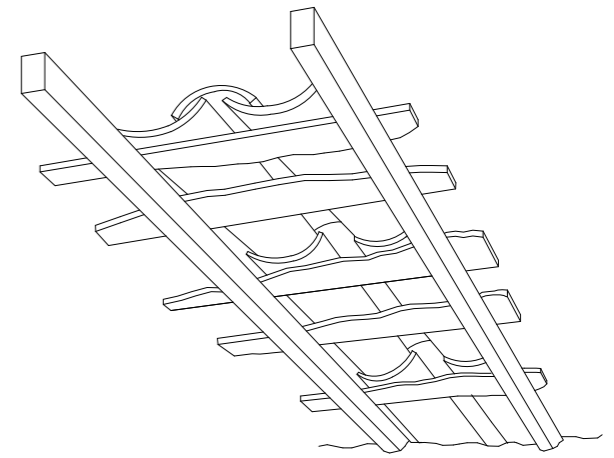
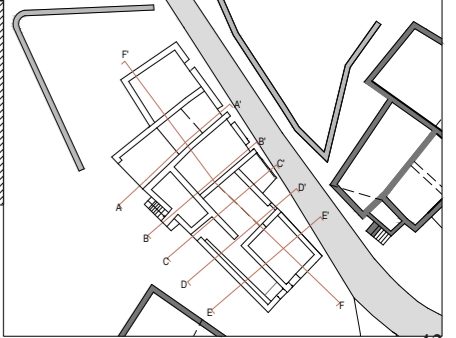
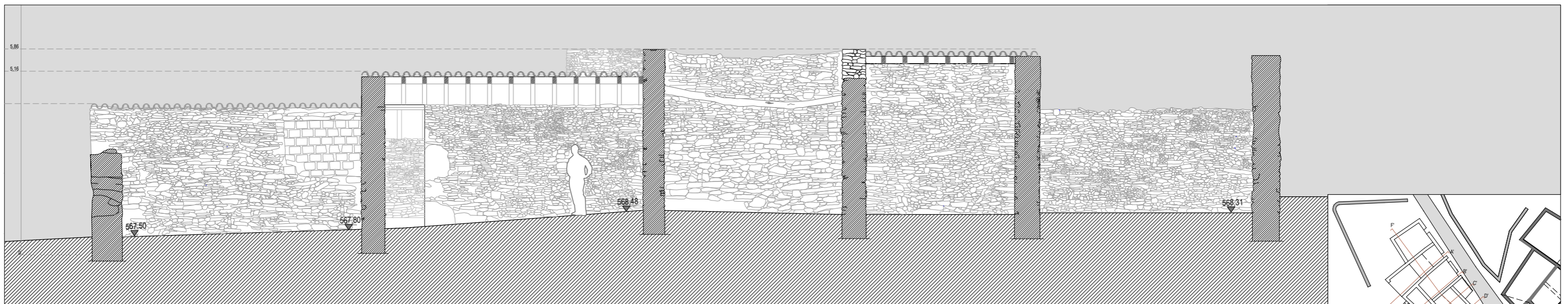
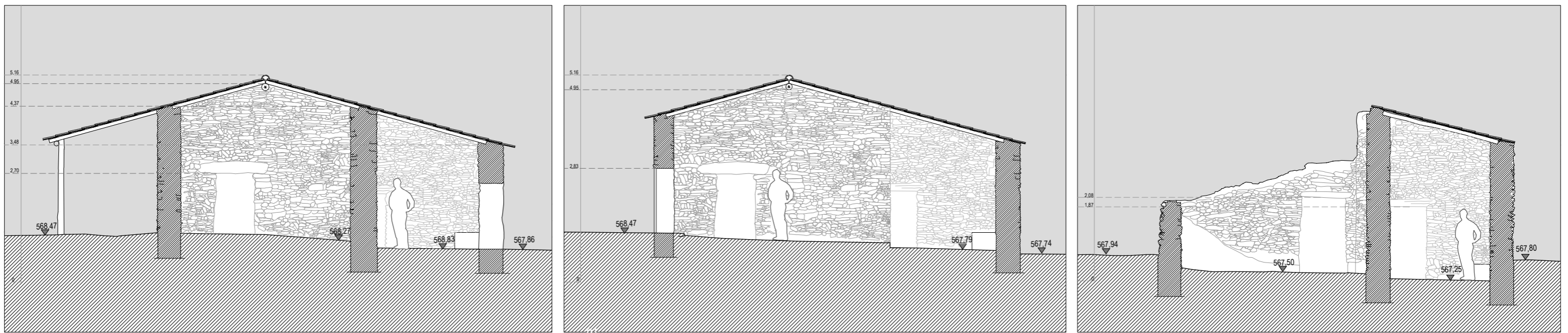
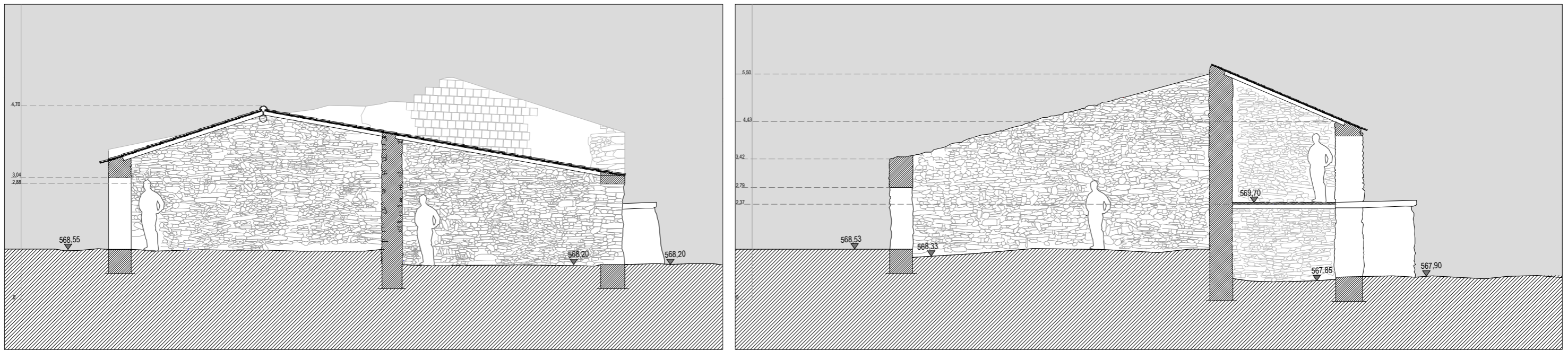


fig.- Pormenores construtivos | Escala 1:20





--- alturas parciais | 0 = 567,25 (cota base da planta)
 --- medidas retiradas com laser

fig. 19- Cortes realizados com base no levantamento rigoroso Escala 1:100|

1.5 Leitura no tempo

Alfândega da Fé, fundada no início do século VIII, remonta às invasões muçulmanas na Península Ibérica, tratando-se assim de uma região de origem árabe²¹. A ocupação do seu território poderá ter correspondido ao assentamento de um hospício árabe na batalha do Chryssus por volta do ano de 711, que serviria as tropas vindas de Sul²².

Desta forma, Alfândega tratar-se-ia de um *fundgh* (i.e. hospício/albergaria) e ter-se-á fixado entre 711 e 718 como povoação permanente ou apenas acampamento fortificado. Posteriormente terá sido abandonada e repovoada por cristãos que conservaram o seu nome árabe²³.

Vilar Chão, juntamente com Legoinha, terá a sua origem no período suevo, sendo repovoado no período Medieval. Só terá integrado o concelho de Alfândega da Fé por volta de 1855, pertencendo anteriormente aos concelhos de Castro Vicente e Chacim, entretanto extinguidos²⁴. Relativamente a Legoinha, é desconhecido o período temporal em que se terá formado, podendo-se apenas especular quanto à origem do seu assentamento enquanto lugar.

²¹ PESSANHA, J. (1897). *Alfândega da Fé – breve estudo feito acerca d’esta villa de Portugal*. Bragança: Typographia Brigantina

²² Idem

²³ Idem

²⁴ RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias- Vilar Chão. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1550> [consultado em Janeiro 2014]



2.1- Apresentação do percurso da rota da Fé

A elaboração do Inventário Histórico-Artístico da Diocese de Bragança-Miranda, em 2004, permitiu identificar e registar nove núcleos de pinturas murais em capelas, cinco dos quais situados em Alfândega da Fé¹. Anteriormente apenas existia conhecimento, através do trabalho das Brigadas de Pintura Mural (IPCR), de dois núcleos de pintura mural, nomeadamente a capela de São Geraldo em Vale Pereiro e a capela de N^a. S^a. de Jerusalém em Sendim da Serra. Estes últimos situam-se no concelho de Alfândega da Fé, apontando deste modo para uma maior relevância deste concelho, uma vez que regista um maior número de núcleos de pintura mural².

Neste sentido, é proposto pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé o projecto *Rota da Fé*³, que decorre da descoberta inédita de três núcleos de pintura mural no concelho de Alfândega da Fé, para além dos dois outros anteriores ao inventário Histórico-Artístico efectuado pela associação *Terras Quentes*, perfazendo assim um total de cinco núcleos. O objectivo deste projecto é integrar estes cinco núcleos num percurso de visita, isto é, uma rota, dada a relevância artística das pinturas murais do século XVI e XVII como elemento agregador e das especificidades arquitectónicas das capelas em que se encontram.

Assim, fazem parte deste percurso as seguintes capelas (**fig. 20**), ordenadas pelo seu descobrimento e respectivo inventário⁴:

- Capela de São Geraldo, Vale Pereiro;
- Capela de N^a S^a de Jerusalém, Sendim da Serra;
- Igreja da N^a S^a da Encarnação, Valverde;
- Capela do Divino Senhor dos Milagres (com anterior dedicação a Nossa Senhora do Rosário), Sendim da Ribeira;
- Igreja de Santo Amaro, Legoinha.

A pintura mural tem suscitado interesse e por consequência poderá atrair público, tanto geral como especializado a nível nacional e internacional, uma vez que se trata de uma manifestação artística rara, pois a partir do século XVII foi substituída pela talha dourada, prateada

¹ LEAL, L., SILVA, L. & NAITO, R. (2009). Relação de novos casos de pintura mural resultantes do inventário histórico-artístico da diocese de Bragança-Miranda. *Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»*, 6, pp. 57-64. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=40>

² Idem

³ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (2012). Memória Descritiva e Justificatória

⁴ Idem

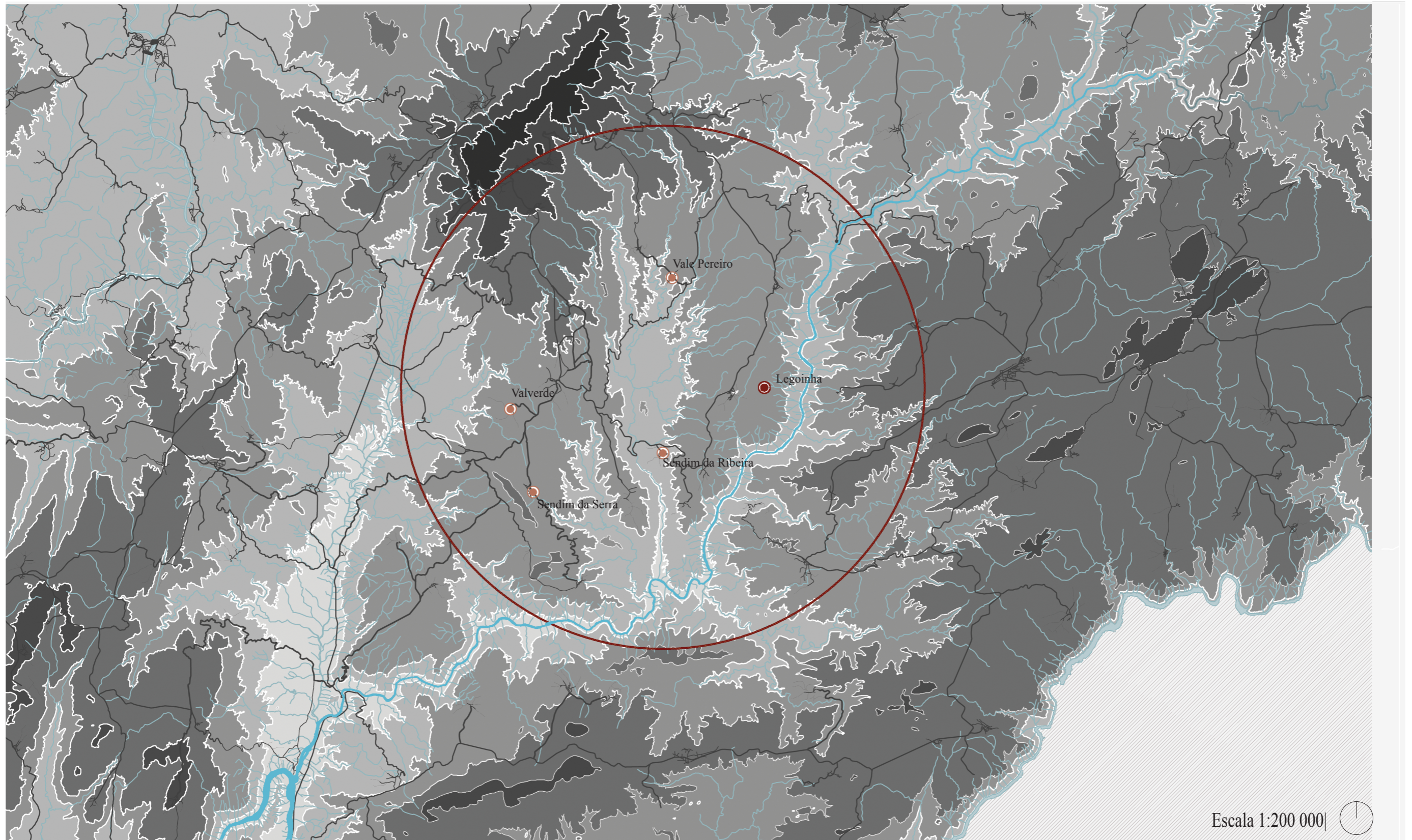














fig. 20- Mapa hipsométrico de representação da Rota da Fé no território

Legenda:

-  capelas da Rota da Fé
-  vias principais
-  vias secundárias
-  linhas de água
-  Rio Sabor
-  Rota da Fé

Altimetria:

-  100-200
-  200-400
-  400-600
-  600-800
-  800-1000
-  1000-1200m

e policroma do Maneirismo e do Barroco⁵.

Anteriormente, no século XVI, as pinturas murais representavam um elemento marcante que existia em várias igrejas e capelas. No entanto, devido às transformações das mesmas ao longo do tempo, estas foram sendo cobertas por sucessivas camadas de cal e por retábulos⁶. São, por esta razão, escassos os núcleos que mantêm as suas pinturas murais originais até aos dias de hoje⁷.

Um dos objectivos da Câmara Municipal para este projecto é potenciar Legoinha como centro interpretativo desta rota⁸. Tal poderá ser explicado pela sua implantação e pelas características topográficas específicas, analisadas no capítulo anterior.

⁵ ROSAS, L. (2003). Arquitectura religiosa tardo-medieval e pintura mural: Relações litúrgicas e espaciais. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e técnicas do património*, I Série vol. 2, pp. 419-441

⁶ Idem

⁷ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (2012). Memória Descritiva e Justificatória

⁸ dem



fig.21- Implantação da Capela de São Geraldo

2.2 – Evolução no tempo dos elementos da rota

Após apresentar a origem do projecto *Rota da Fé*, torna-se relevante atentar sobre pontos comparativos dos restantes elementos que a constituem, utilizando a Igreja de Santo Amaro de Legoinha, caso de estudo neste núcleo rural, como base para o estudo comparativo.

2.1.1- Capela de S. Geraldo de Vale Pereiro, Alfândega da Fé

Núcleo Rural em que se insere: Vale Pereiro (fig.21)

Vale Pereiro situa-se a cerca de onze quilómetros da sede de concelho, num povoado mais baixo, rodeado de cabeços, o que a protege da acção dos ventos, tornando-a, no entanto, insalubre. Tal como Legoinha, Vale Pereiro não se tratava de uma freguesia independente, encontrando-se anexada a Agrobom, da qual era filial até se separar desta no final do século XVIII⁹.

Contrariamente à Igreja de Santo Amaro, em Legoinha, que se insere no núcleo, a capela de São Geraldo situa-se a cerca de dois quilómetros da povoação, do lado Norte, numa pequena encosta da ribeira de Vale Pereiro¹⁰. O seu acesso realiza-se por uma via que liga Vale Pereiro e Agrobom, associando-se um caminho de terra batida de cerca de 500 metros de comprimento até ao ponto onde se situa a capela isolada. Tal como se pode constatar na sua implantação, esta via mantém-se regular até encontrar um espaço mais amplo que se volta para um vale arborizado, local onde se encontra a capela. Encontra-se orientada no sentido Nascente-Poente, tal como Santo Amaro de Legoinha, com a sua fachada principal voltada para o vale e o alçado tardoz para o seu acesso¹¹.

Comparação com a capela de São Geraldo, Vale Pereiro

Quando se compara a capela de São Geraldo com a Igreja de Santo Amaro¹² é possível verificar que ambas apresentam pinturas murais na parede fundeira da capela-mor, interior caiado a branco e entradas de luz semelhantes voltadas a Sul. No entanto, observando atentamente o seu desenho, mais arcaico, e considerando que se desconhece o seu ano de construção, conjectura-se que esta poderá ser anterior a Santo Amaro. Deste modo, as formas de São Geraldo,

⁹ VILARES, J. (1926). *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*. Porto : Comp. Portuguesa

¹⁰ Idem

¹¹ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (2012). *Memória Descritiva e Justificatória*

¹² Excluindo a nave acrescentada posteriormente, como será notado posteriormente.



fig.22 - capela-mor da Igreja de Santo Amaro



fig. 23- capela-mor da Capela de São Geraldo



fig. 24- Fachada Sul



fig. 25- Fachada principal Poente



fig.26- Fachada lateral esquerda e fachada principal Poente



fig. 27- Vista do alpendre



fig. 28- Alpendre

supondo-se anteriores, reflectem um certo empirismo de meios, desligadas de preciosismos de desenho e associadas a métodos racionais de construção. Por outro lado, não se deverá descartar a hipótese de São Geraldo ser posterior a Legoinha, tendo em consideração o portal axial recto (contrariamente ao portal original de Santo Amaro).

Tal como em Legoinha, as pinturas murais não atingem a cota do chão, pelo que poderá ter existido de igual forma uma faixa de cor que poderá ter sido caiada de branco e por isso, omitida. Contrariamente a Santo Amaro, as pinturas murais não continuam nos planos laterais, cingindo-se à parede fundeira. Em ambos casos, as pinturas não atingem o nível da cobertura, porém, em Santo Amaro tal decorre de uma intervenção posterior que aumentou o pé-direito da capela-mor, enquanto que em São Geraldo¹³ se coloca a hipótese de esta se estender para cima da faixa actualmente visível.

O elemento de maior destaque em São Geraldo, considerando as duas obras, é o alpendre que apresenta no seu alçado Poente e que precede a entrada principal. Considerando as semelhanças entre ambas as capelas, pondera-se a hipótese de em Santo Amaro ter existido um elemento similar. Tal poderia ser sustentado se se considerar a Igreja de Legoinha posterior, podendo esta ter seguido o modelo de Vale Pereiro, assim como, pela presença de vestígios na nave junto ao arco triunfal, que poderiam corresponder a bancos semelhantes aos que existem no alpendre de São Geraldo. É possível constatar que os mesmos excedem a altura de um banco, podendo corresponder a altares de menores dimensões. No entanto, o chão alteado do alpendre poderia conferir a altura ideal dos bancos. Porém, para além deste facto hipotético, nada mais subsiste que possa indicar que esse alpendre terá de facto existido.

Quanto ao desenho, como é passível de se verificar, ambas as capelas-mor tem aproximadamente a mesma largura, sendo na profundidade que diferem: Santo Amaro de Legoinha apresenta uma maior profundidade do que São Geraldo de Vale Pereiro. Como foi referido anteriormente, à semelhança de Legoinha, esta capela apresenta uma abertura voltada a Sul, apesar de menos elaborada que a de Santo Amaro, tratando-se de um vão recto.

As suas paredes são constituídas por uma alvenaria de pedra rebocadas de cor branco e a cobertura constitui-se com três águas sobrevestida de telha cerâmica.

Na sua parede fundeira encontram-se as pinturas murais, executadas a fresco, visíveis numa faixa horizontal, assim como no altar, o que também é passível de se verificar em Santo Amaro uma vez retirado o revestimento a madeira do seu altar-mor.

A sua interpretação torna-se difícil devido aos vestígios de cal que terão coberto estas pinturas; no entanto, uma análise mais detalhada permite perceber a existência de alguns fragmentos de figuras, o que leva a crer que terá ocorrido uma segunda pintura sobre a cal, resul-

¹³ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).



fig.29 - Parede fundeira com pinturas



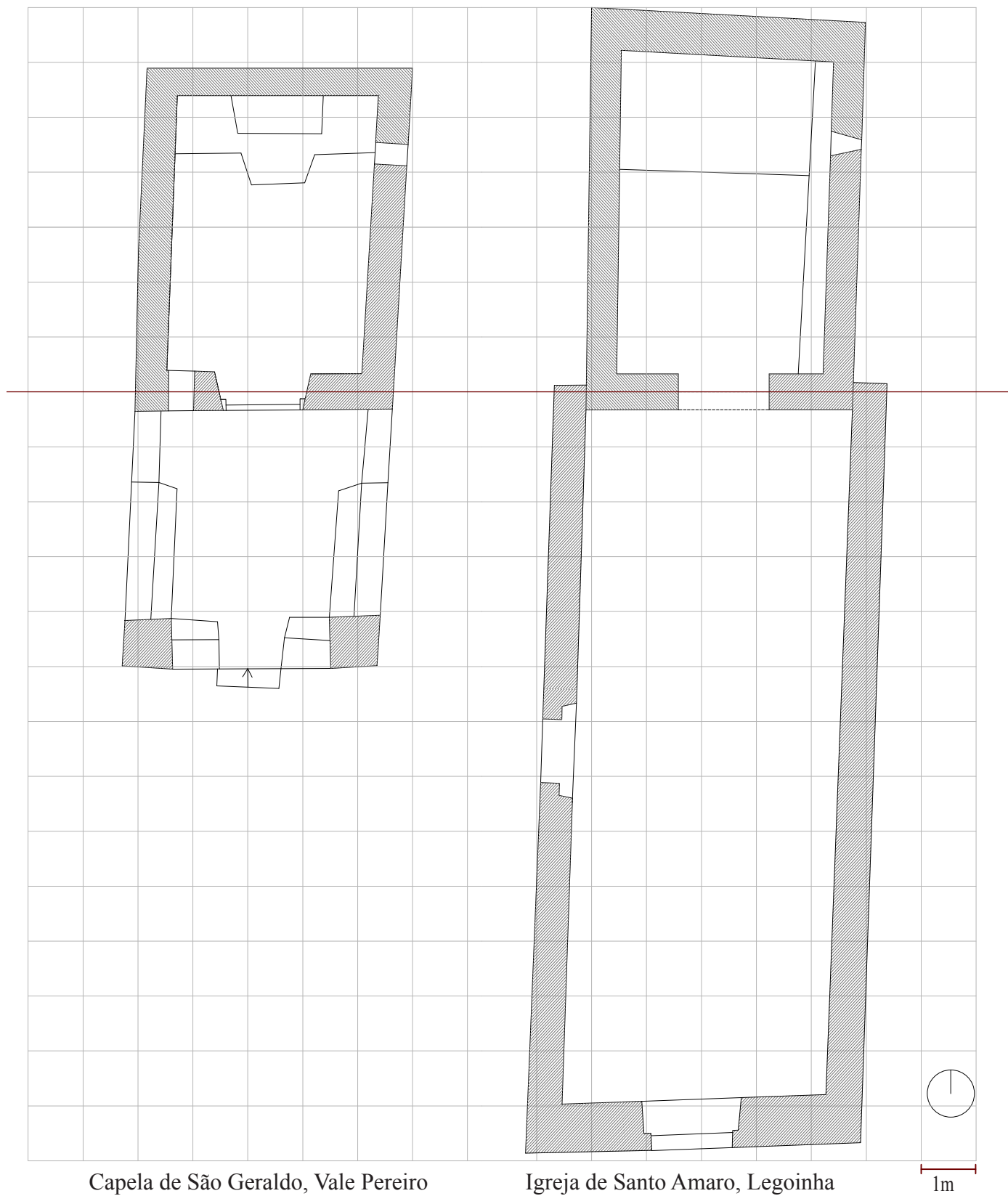
fig.30- Altar-mor com pinturas murais



fig. 31- Pinturas murais na parede fundeira (pormenores)

séc. XVI	séc. XVII	séc. XVIII
Igreja de Santo Amaro		
Capela de São Geraldo		

fig. 32- Cronologia



Capela de São Geraldo, Vale Pereiro

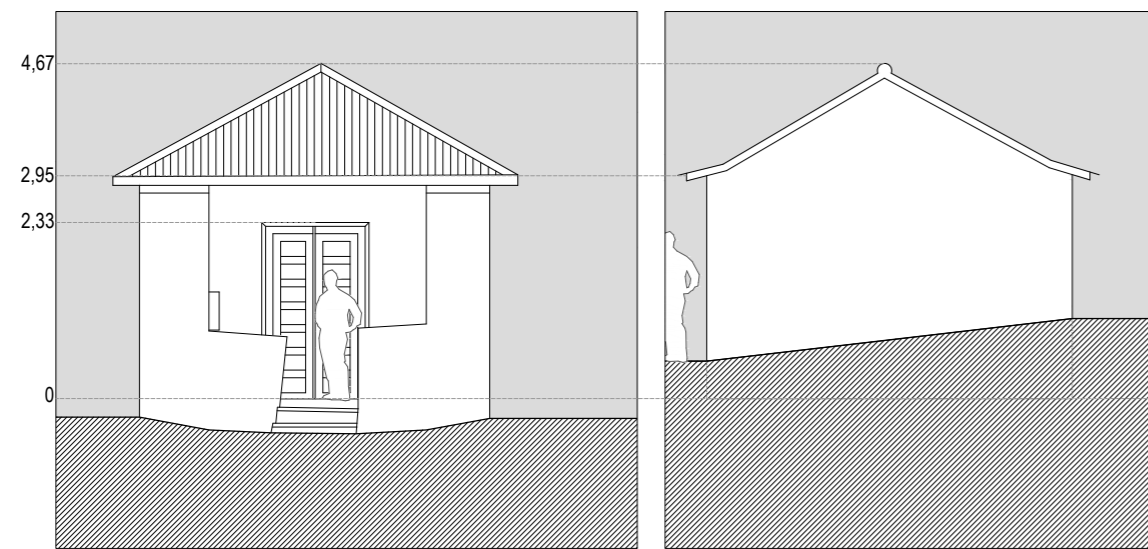
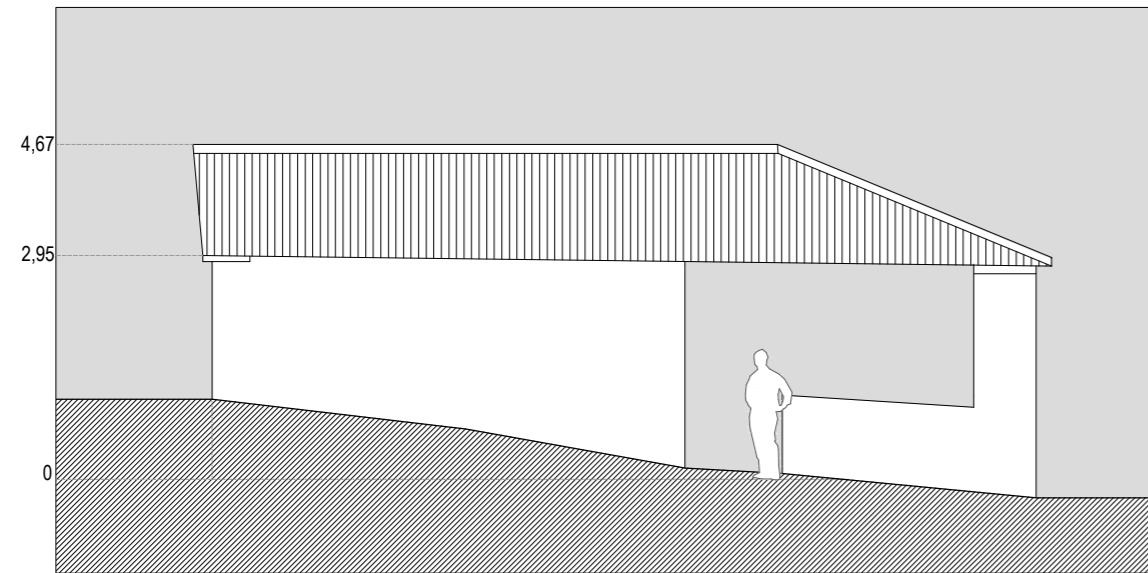
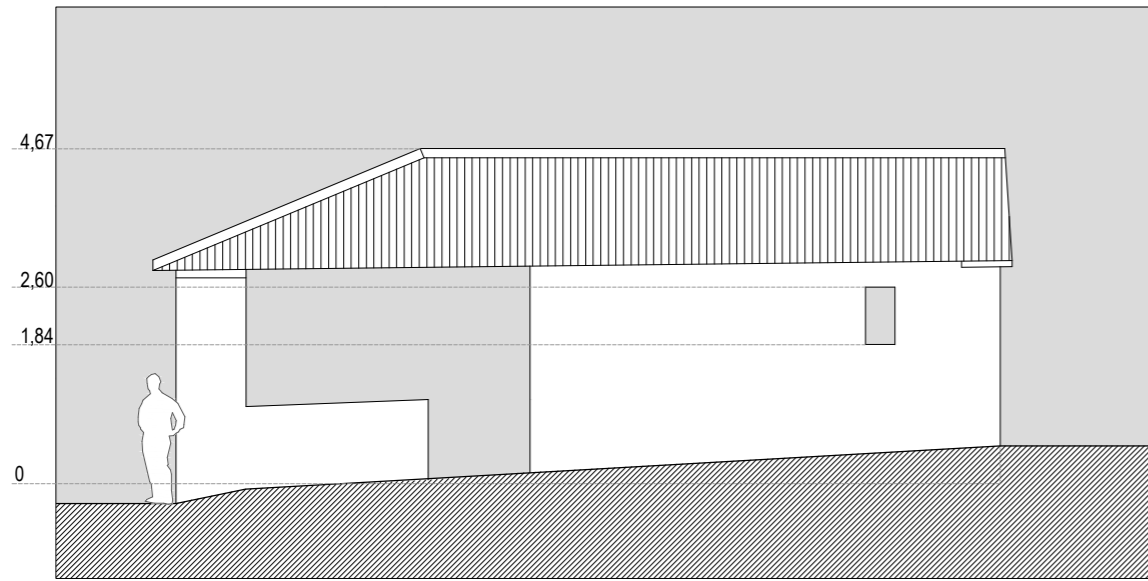
Igreja de Santo Amaro, Legoinha

1m

fig.33- Comparação da Capela de São Geraldo e Igreja de Santo Amaro

Escala 1:100|

Capela de São Geraldo



Igreja de Santo Amaro

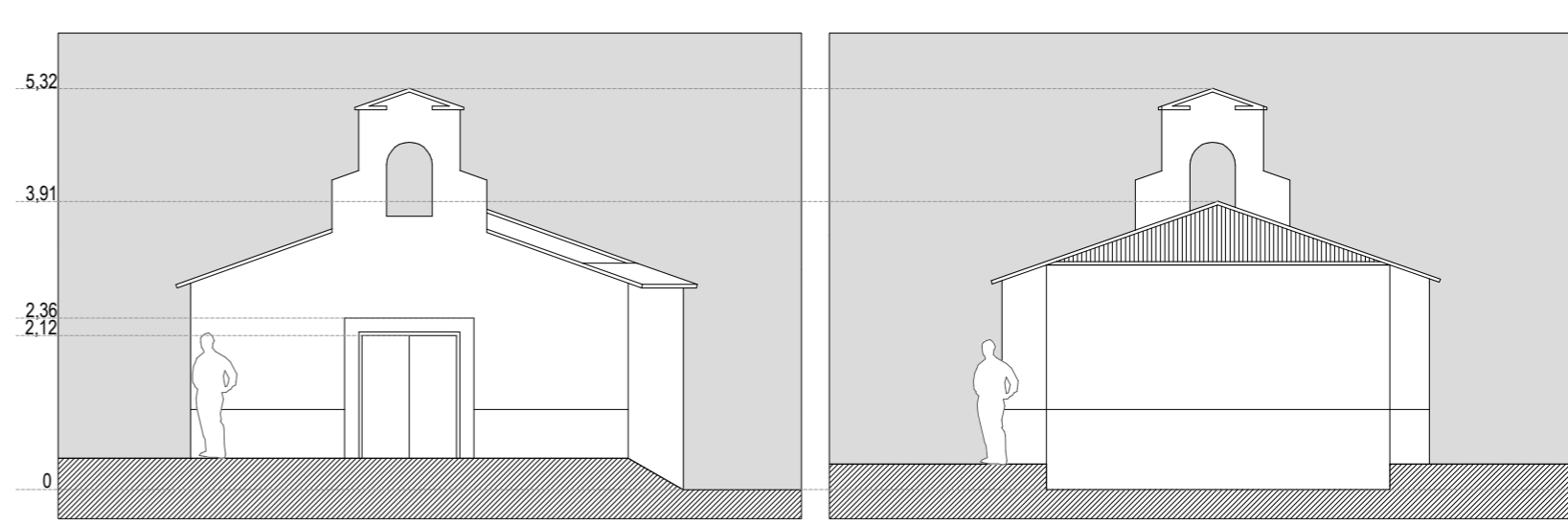
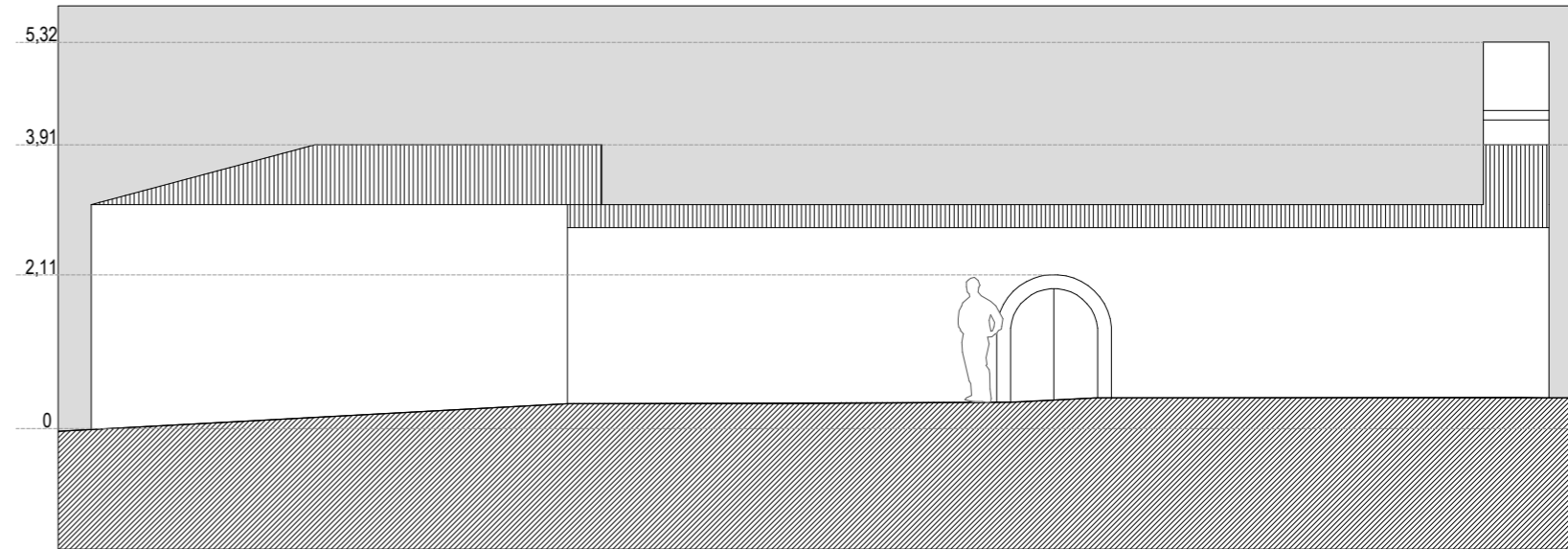
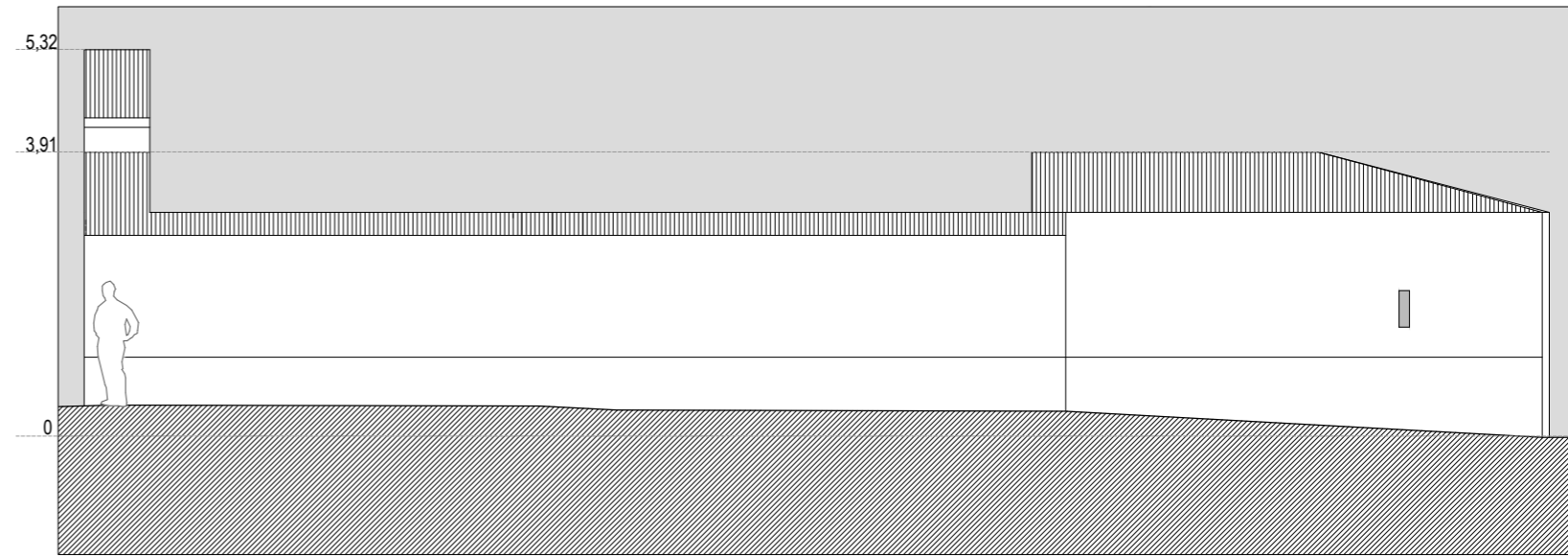
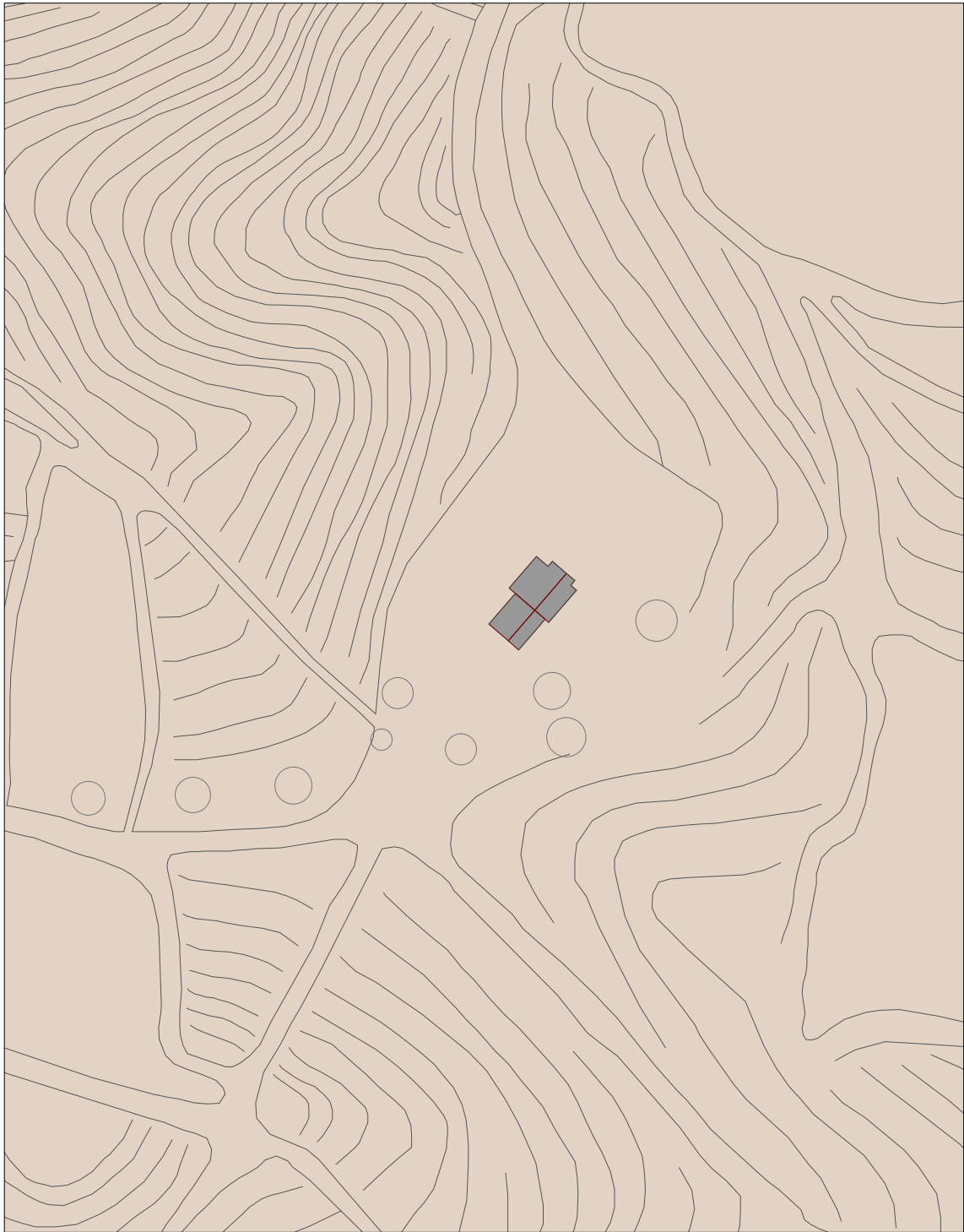
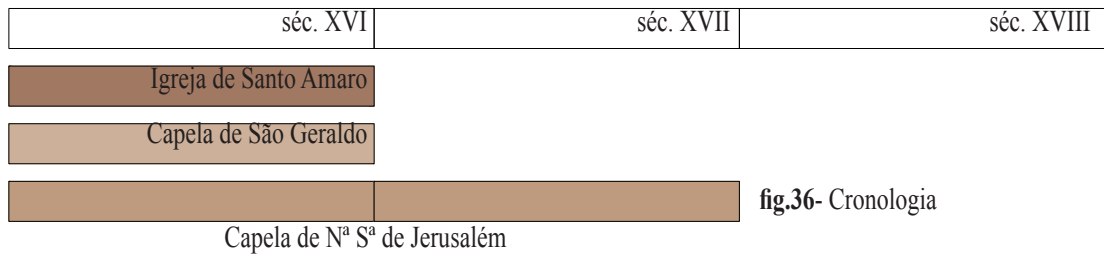


fig.34- Comparação da Capela de São Geraldo e Igreja de Santo Amaro (alçados)

altimetrias 0= cota de pavimento Escala 1:100
(cota da nave)



|
fig.35- Implantação da Capela de Nª Sª de Jerusalém Escala 1:2000



tando em representações sobrepostas¹⁴. Assim, numa primeira leitura é possível distinguir no centro a figura de um Orago e lateralmente, uma imitação de marmoreado aplicada de forma decorativa. A representação da figura de São Geraldo corresponderá à segunda campanha de execução das pinturas murais¹⁵.

Relativamente aos restantes elementos, é relevante notar que os principais pontos para a escolha dos mesmos recaem sobre a presença de pinturas murais e pelo facto de pertencerem ao concelho de Alfândega da Fé. Desta forma, a sua escolha não depende directamente do facto de estabelecer pontos de afinidade com as formas e espaço da capela em estudo, mas apenas por partilharem as duas características supracitadas. Segundo a Associação *Terras Quentes*¹⁶, dos cinco edifícios iniciais são considerados como os de maior interesse patrimonial: a Capela de Santo Amaro em Legoinha; a Capela de São Geraldo em Vale Pereiro e a Capela de N.ª Sr.ª de Jerusalém em Sendim da Serra.

2.2.2.- Capela de N.ª S.ª de Jerusalém de Sendim da Serra, Alfândega da Fé

Núcleo rural em que se insere: Sendim da Serra (fig. 35)

Sendim da Serra situa-se a seis quilómetros da sede de concelho, do lado nascente da serra de Gouveia¹⁷ na encosta na proximidade da margem direita do rio Sabor. Como se pode verificar na sua implantação, a capela encontra-se totalmente isolada na paisagem, tal como a capela de São Geraldo, e contrariamente a Santo Amaro de Legoinha.

Comparação com a Capela de N.ª S.ª de Jerusalém:

A capela de Nossa Senhora de Jerusalém situa-se a três quilómetros de Sendim, para o lado Nascente. Segundo o sistema de informação da DGEMN¹⁸, a capela de N.ª S.ª de Jerusalém constitui um edifício religioso neoclássico do século XVIII. No entanto, segundo o levantamento efectuado por Abade Baçal¹⁹, a data de fundação da presente capela terá sido de 1591 (século XVI), o que leva concluir que a datação do século XVIII corresponderá a intervenções posteriores.

A existência de uma lenda referente a esta capela, aponta ainda para uma outra data da

¹⁴ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (s.d.). Projecto “Pinturas da Fé”: Nota descritiva e justificativa

¹⁵ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

¹⁶ LEAL, L., SILVA, L. & NAITO, R. (2009). Relação de novos casos de pintura mural resultantes do inventário histórico-artístico da diocese de Bragança-Miranda. *Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»*, 6, pp. 57-64.

¹⁷ VILARES, J. (1926). *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*. Porto: Comp. Portuguesa

¹⁸ MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Capela de N.ª S.ª de Jerusalém* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2251. [consultado em dezembro 2013]

¹⁹ BAÇAL, A. (1982). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. 3ª Ed. Bragança: Tipografia Académica



fig.37- Fachada lateral Norte e principal Poente



fig.38- Fachada principal Poente



fig.39- Fachada principal Poente e lateral Sul



fig.40- Vista interior



fig.41- Interior da capela mor- parede lado do Evangelho



fig.42- Pomenord a pintura mural (lado Evangelho)



fig.43- pintura mural intradorso do arco da capela lateral (lado Epistola)



fig.44- pintural mural no intradorso do arco do transpeto (lado Evangelho)



fig.45- Pintura mural no transepto e arco da capela-mor

sua construção, o ano de 1603:

“Lenda duma pastora: ermida de nossa senhora de Jerusalém: Em 10 d’abril de 1603, apareceu (diz a lenda) a Santissima Virgem, a uma pastorinha, muda de nascimento, natural de Sendim da Serra, á qual disse que queria que se lhe fundasse uma ermida, com a sua imagem, feita pelo eremita da ermida do Salvador do Mundo, da Pesqueira. O padre Cardozo, diz que a ermida se fizera, imitando a que os barbaros destruíram em Jerusalem; porque a pastorinha, recobrou a falla, para ordenar tudo isto, a que o povo obedeceu pressuroso, em vista do milagre. No Santuario Mariano, tomo 4.º, pag. 128 e 129, se acham duas certidões (que por extensas não copio) narrando estes factos. D’essas certidões se vê, que a menina muda, se chamava Catharina, tinha 14 a 15 annos, quando teve logar o milagre da apparição, e era filha de Jorge Cordeiro, da aldeia do Sendim da Serra. Chamava-se ao sitio onde appareceu a Senhora, Cabêço do Rebentão. A obra da ermida da Senhora do Jerusalem, principiou a **15 de maio de 1603**, e a 7 de setembro do mesmo anno, foi collocada a imagem da padroeira, no seu novo altar, dizendo-se no mesmo dia a primeira missa alli, e que foi ouvida por muita gente d’estes sítios”²⁰.

Actualmente apresenta uma organização de capela-mor, transepto e uma nave o que poderá não corresponder à sua espacialidade inicial. Tanto o transepto como a capela-mor apresentam diferentes coberturas em madeira.

Tal como foi referido anteriormente a capela de Nossa Senhora de Jerusalém apresenta actualmente uma fachada principal neoclássica com o portal em arco de volta perfeita. Por cima deste destaca-se o frontão curvo interrompido que incorpora um nicho com pilastras rematado por um frontão triangular²¹. Assim, dado o facto de encontrar intervencionada relativamente à sua origem, os pontos comuns que se podem estabelecer com Santo Amaro actualmente assentam na composição com nave e na aplicação de coberturas de madeira.

No seu interior está patente um conjunto de pinturas murais concretizadas em técnicas diferentes. Começando pela capela-mor, no lado do Evangelho encontra-se uma pintura realizada a fresco, possivelmente do século XVII ou início do século XVIII e que representa *Santa Luzia*. Esta datação encontra a sua sustentação no facto de ser utilizado o pigmento brando de chumbo, cuja utilização foi iniciada por volta deste período temporal²². Tal composição poderá ter sido encomendada por um devoto de Santa Luzia, uma vez que é possível constatar a presença de uma legenda que assim o sugere.

²⁰ LEAL, A. (1873). Portugal Antigo e Moderno. Tomo IX. 1ª Ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, p. 106

²¹ MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arqueológico Nacional – Capela de Nª Sª de Jerusalém* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2251. [consultado em dezembro 2013]

²² Câmara Municipal de Alfândega da Fé (s.d.). Projecto “Pinturas da Fé”: Nota descritiva e justificativa



fig.46- Implantação da Igreja de Nª Sª da Anunciação

Escala 1:2000



fig. 47- Igreja e paisagem envolvente



fig. 48- Pormenor da fachada

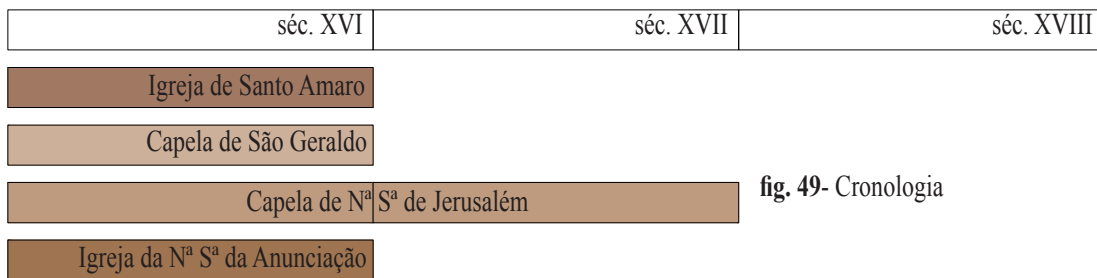


fig. 49- Cronologia

Seguidamente encontram-se pinturas por detrás dos retábulos laterais no transepto, ainda não passíveis de serem analisadas pois encontram-se tapadas. Por fim, encontram-se pinturas realizadas a seco nos arcos e pilastras da igreja com elementos vegetalistas²³ e datadas do século XIX²⁴.

2.2.3- Igreja de N^a S^a da Anunciação de Valverde, Alfândega da Fé

Núcleo Rural em que se insere: Valverde (fig.46)

Valverde situa-se num terreno cercado por oliveiras, num cabeço em esporão sobre a ribeira da Fonte Fria, a cerca de três quilómetros da sede de concelho entre as ribeiras de Zacarias. A toponímia desta freguesia deriva do vale onde se localiza. As habitações são humildes e não existem edifícios notáveis a assinalar; as ruas são na generalidade planas. Contrariamente aos dois elementos da rota apresentados anteriormente, a igreja não se encontra isolada mas inserida num núcleo.

Igreja de N^a S^a de Anunciação:

Segundo a associação *Terras Quentes*, que procedeu ao levantamento histórico, foram realizadas diversas intervenções com o objectivo de expandir e conservar a igreja, mantendo porém os alçados sem alterações relevantes. A última destas intervenções aconteceu no início do século XXI²⁵.

Pensa-se que terá sido construída num período anterior ao século XVIII e existem informações de que o ourives Alonso Pontilho terá trabalhado nela no século XVI²⁶. Por outro lado, a descoberta de objectos de celebração religiosa (um par de galhetas) datadas de 1495 e de 1510 poderão indicar uma aproximação à origem da igreja²⁷.

A igreja compõe-se de uma nave e capela-mor, sendo possível ainda verificar a existência de um pequeno anexo ligado à capela-mor do lado direito, correspondendo possivelmente

²³ Idem

²⁴ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

²⁵ TERRASQUENTES.COM.PT (s.d.). Património Histórico-Artístico. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=107> [consultado em Julho 2013]

²⁶ RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias- Valverde. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1549> [consultado em Janeiro 2014]

²⁷ LEAL & SILVA (2007) cit. in SOUSA, A. (2011). Arquitectura Religiosa Quinhentista: transformações espaciais e objectos litúrgicos. Ciclo de Conferências/Curso de Formação [RE]ENCONTROS COM A HISTÓRIA DAS ARTES. Auditório da Escola Secundária de Rio Tinto, 10 Setembro 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/armi2006/arquitectura-quinhentista-9321181>



fig.50- Fachada principal



fig.51- Fachada principal



fig.52- Vista interior a partir da nave



fig.53- Retábulo-mor com pinturas murais por detrás



fig.54- Implantação da Capela do Divino Senhor dos Milagres

Escala 1:2000

à sacristia. A fachada do lado referido apresenta dois vãos na sua nave; na fachada oposta, é possível contar três vãos (dois correspondentes à nave e o terceiro correspondente a uma entrada de luz na capela-mor) e ainda um portal. A fachada principal apresenta um portal recto, encontrando-se truncada e rematada por um campanário.

Apresenta diferentes coberturas, enquanto que a nave ostenta uma cobertura de madeira, a capela-mor é coberta por uma abóbada de berço, representando assim a única excepção dos elementos da rota em que não se aplica uma cobertura de madeira no revestimento da capela-mor.

As pinturas murais, em dois níveis sobrepostos e realizadas a fresco situam-se, tal como Santo Amaro e São Geraldo, na parede fundeira. Porém, nesta igreja encontram-se por detrás do retábulo mor parcialmente barroco. Neste caso, não é possível fazer qualquer tipo de leitura nem avaliar o seu estado de conservação, uma vez que estas se encontram cobertas por várias camadas de cal. Do que foi possível avaliar pela associação *Terras Quentes*, hipotetiza-se que o primeiro nível de pintura mural date do século XVI e o segundo nível do século XVI ou XVII²⁸. Desta forma, torna-se bastante difícil proceder ao reconhecimento dos temas representados nas pinturas. No entanto, foi possível identificar na parte central pequenos pormenores que parecem sugerir evocação à *Anunciação*²⁹.

2.4.4- Capela do Divino Senhor dos Milagres de Sendim da Ribeira (com anterior dedicação a Nossa Senhora do Rosário), Alfândega da Fé

Núcleo rural em que se insere: Sendim da Ribeira (fig. 54)

Sendim da Ribeira situa-se num planalto, a cerca de nove quilómetros da sede de concelho, na margem esquerda da ribeira de Zacarias³⁰, em proximidade com a margem direita do rio Sabor, localizando-se na parte sudeste do concelho. Este núcleo encontra-se sobre a convergência da ribeira de Sendim com a ribeira de Zacarias, num cabeço arredondado³¹. De forma semelhante a Vilar Chão, Sendim da Ribeira anexa uma pequena localidade, o lugar de Sardão, que se localiza três quilómetros para Sul. A sua área envolvente é acidentada, descendo abruptamente até à ribeira³². A capela surge num largo no centro da povoação e rodeada pelas

²⁸ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (s.d.). Projecto “Pinturas da Fé”: Nota descritiva e justificativa

²⁹ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

³⁰ VILARES, J. (1926). *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*. Porto : Comp. Portuguesa

³¹ RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias- Sendim da Ribeira. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1544> [consultado em Janeiro 2014]

³² VILARES, J. (1926). *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*. Porto : Comp. Portuguesa



fig.55- Fachada Sul da capela dos Divinos Milagres



fig. 56- Fachada poente da capela dos Divinos Milagres



fig. 57- Fachada nascente da capela dos Divinos Milagres



fig.58- Pinturas murais naparede fundeira



fig. 59- Pinturas murais

séc. XVI	séc. XVII	séc. XVIII
Igreja de Santo Amaro		
Capela de São Geraldo		
Capela de N ^{al} S ^a de Jerusalém		
Igreja da N ^a S ^a da Anunciação		
Capela do Divino Senhor dos Milagres		

fig.60- Cronologia

habitações, sobre um esporão sobranceiro ao vale da ribeira de Sendim³³.

Capela do Divino Senhor dos Milagres:

Segundo a associação *Terras Quentes*, e de acordo com o registo no sistema de informação da DGEM, esta capela será um edifício do século XVIII³⁴. Porém, a existência de um documento no arquivo distrital de Braga relativo à fundação da mesma indica a data de “um de Novembro de mil quinhentos e sessenta anos”³⁵, o que poderá ser congruente com o facto de se considerar que a parede fundeira e parte das laterais serão do ano de 1593 ou anterior, pois esta é a data constante nos painéis das pinturas murais³⁶.

Apresenta-se com uma planta rectangular de espaço único correspondente à capela-mor, tal como São Geraldo e como, provavelmente, Santo Amaro na sua origem³⁷, constituindo um exemplar de arquitectura vernácula e rococó³⁸.

A cobertura de duas águas revestida a telha ostenta a nível interior uma cobertura de madeira em masseira com tirantes de madeira, apresentando-se as paredes rebocadas em branco de forma semelhante aos dois elementos da rota anteriormente referidos³⁹.

A nível exterior, a sua fachada principal volta-se a Poente, sendo truncada e encimada por uma sineira de ventana simples em arco de volta perfeita, com um portal de verga recta. A fachada lateral Norte surge como uma empena, enquanto a fachada oposta, voltada a Sul, apresenta um portal de verga recta e uma fresta em capiaço⁴⁰.

As quatro fachadas são rebocadas em branco e com um embasamento escalonado, e na sua intersecção os cunhais e molduras dos vãos encontram-se pintados a cinzento, aparentando um trabalho de cantaria. O portal posiciona-se axialmente, ao fundo, o altar encontra-se sobrelevado e o retábulo apresenta-se em talha dourada e pintado rococó⁴¹.

Quanto às pinturas murais, presentes na parede fundeira, estas são Marianos, datadas do século XVI⁴², e que actualmente se encontram ocultas pelo retábulo. De modo semelhante a Santo Amaro, os vestígios de pinturas não se resumem à parede fundeira, mas no entanto,

³³ RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias- Sendim da Ribeira. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1544> [consultado em Janeiro 2014]

³⁴ MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Capela Divino Senhor dos Milagres* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18616 [consultado em Dezembro 2013]

³⁵ Arquivo Distrital de Braga. Arquivo Diocesano: Inventário da arquidiocese de Braga 1424-1910. Consulta Presencial.

³⁶ TERRASQUENTES.COM.PT (s.d.). Património Histórico-Artístico. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=107> [consultado em Julho 2013]

³⁷ Tal como será notado no subcapítulo referente à descrição de Santo Amaro de Legoinha

³⁸ MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Capela Divino Senhor dos Milagres* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18616 [consultado em Dezembro 2013]

³⁹ Idem

⁴⁰ Idem

⁴¹ Idem

⁴² CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

estes são de difícil leitura. Assim, nas paredes laterais, do lado da Epístola, residem algumas dúvidas na narrativa presente, podendo-se apenas distinguir as figuras de São Tiago Peregrino e um anjo, enquanto que no lado oposto as pinturas murais que poderão ter existido se encontram destruídas⁴³. Na parede fundeira, e apesar da sua difícil leitura, é possível constatar a presença da representação de *N.ª. S.ª. Do Rosário*, envolta pela representação de quatro outras cenas⁴⁴.

Segundo a associação Terras Quentes “Merece este núcleo a nossa máxima atenção não tanto pela sua qualidade estética, mas pela correcção do discurso narrativo, verificando-se também um apego à gravura nos temas representados”⁴⁵.

Neste sentido, podem-se estabelecer alguns pontos comuns, apesar de visivelmente se encontrar intervencionada em relação à sua fundação do século XVI: ambas se apresentam actualmente caiadas de branco com um embasamento de cor (escalonado na capela dos Divinos Milagres e simples em Santo Amaro); apresentam uma fresta no alçado Sul; apresentam portal lateral (ainda que em diferentes alçados); apresentam um espaço único correspondente à capela-mor, se se considerar apenas o século XVI; e têm coberturas de madeira.

Tal como foi referido anteriormente, não é possível aferir as datas concretas da fundação dos elementos que constituem a Rota da Fé, sendo apenas possível balizar os séculos em que estas construções terão ocorrido. No entanto, uma análise atenta dos vestígios presentes, em associação com os documentos disponíveis, poderá indicar alguns factos:

- Os elementos da rota apresentam datas de construção que rondam o século XVI e tal é congruente com o facto de ser este o século da manifestação máxima das Pinturas Murais em igrejas e capelas:
 - A capela de Santo Amaro em Legoinha, centro interpretativo da rota, apresenta as suas pinturas murais datadas do século XVI, data que se atribui à construção da sua capela-mor. A capela de São Geraldo poderá datar do mesmo século, uma vez que segue um modelo semelhante, residindo a dúvida se será anterior ou posterior a esta; a capela de Nossa Senhora de Jerusalém data, segundo registos, do final do século XVI (ou segundo uma lenda do início do século XVII); a capela do Divino Senhor dos Milagres data segundo registo de fundação da segunda metade do século XVI; a igreja de Valverde poderá igualmente datar do mesmo século.
- A capela de São Geraldo de Vale Pereiro e a de N.ª.S.ª. de Jerusalém de Sendim da Serra, surgem isoladas na paisagens, enquanto que Santo Amaro de Legoinha, Nossa Senhora

⁴³ TERRASQUENTES.COM.PT (s.d.). Património Histórico-Artístico. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=107> [consultado em Julho 2013]

⁴⁴ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

⁴⁵ Idem

da Anunciação de Valverde e a capela dos Divinos Milagres de Sendim da Ribeira se apresentam inseridas em núcleos.

- A imagem das restantes capelas é concordante com as capelas do nordeste transmontano, em que a torre é substituída pelo campanário⁴⁶.
- No que concerne a temática das pinturas murais dos elementos da rota, constata-se:
 - **Capela de São Geraldo:** Figura de um orago e São Geraldo numa segunda campanha de pintura; **Capela de N.ª. S.ª. De Jerusalém:** Representação de Santa Luzia do lado do evangelho (possivelmente por parte de um devoto) e decoração a seco vegetalista de um século posterior; **Igreja de N.ª. S.ª. Da Anunciação:** Descoberta de pequenos pormenores que parecem sugerir evocação a *Anunciação*; **Capela dos Divinos Milagres:** Representação na parede fundeira de N.ª. S.ª. Do Rosário (antiga dedicação da capela) envolta em quatro cenas; continuação para os planos laterais, distinguindo-se apenas no lado do Evangelho *São Tiago Peregrino* e anjo; **Santo Amaro:** Parede fundeira com composição em três painéis, onde se distinguem as figuras de *São Domingos* (anterior dedicação da igreja) e *Santo António* (painel central), as figuras de São Pedro Gonçalves Telmo e outra figura não identificável no painel da esquerda e *Santa Catarina* e *Santa Luzia* no painel da direita. Na extensão para os planos laterais, identificam-se na parede Norte S. Brás e S. Sebastião, e na parede oposta, possivelmente, a representação da Última Ceia. Descobertas recentes mostram pinturas murais no alçado do arco triunfal, onde, do lado esquerdo se apresenta *São João Baptista* e do lado direito *Santo Amaro*. Na parede Norte da nave, onde também se descobriram pinturas, não é possível distinguir figuras.

Assim, os vários conjuntos de pinturas dos elementos da rota não parecem sugerir a construção de uma narrativa ou uma ligação entre si. Considerando as figuras representadas em cada um dos casos, parecem surgir da vontade de representar santos (e cenas associadas) aos quais as igrejas e capelas eram devotos.

As características de um modo simples e despojado de concepção (associado a um gótico tardio desornamentado do século XVI⁴⁷) na Igreja de Santo Amaro parecem então ser congruentes com a presença de outros elementos arquitectónicos com as mesmas características, existentes noutros pontos da região transmontana. Exemplo disso é a Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, ainda que não pertencente à rota, cujas características serão interessantes ana-

⁴⁶ AFONSO, J., MARTINS, F. & MENEZES, C. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos

⁴⁷ Como se compreenderá no decorrer do subcapítulo referente à descrição da Igreja de Santo Amaro



fig. 61- Capela-mor da igreja de N.ª.S.ª. de Guadalupe



fig. 62- Capela-mor da Igreja de Santo Amaro



fig. 63- vestígios de cor azul junto ao portal da igreja de N.ª.S.ª de Guadalupe



fig.64 - vestígios de cor azul junto ao arco triunfal igreja de Santo Amaro



fig. 65- Vão na nave da igreja de N.ª.S.ª. de Guadalupe



fig. 66- Vão na capela-mor da Igreja de Santo Amaro

lisar para melhor compreender o traçado original da Igreja de Santo Amaro. Trata-se de um exemplo com vários pontos comuns, como se poderá verificar seguidamente, em proximidade tanto a nível geográfico como temporal, com o caso de estudo.

Comparação com a Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Mouçós, Vila Real

Algumas das características da capela de Santo Amaro em Legoinha poderão ser comparadas com a Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Mouçós, mandada construir por D. Pedro Castro no mesmo arco temporal, isto é, no século XVI (1530)⁴⁸.

Tal como a Igreja de Santo Amaro, esta igreja apresenta pinturas murais na parede fundeira da sua capela-mor: o diálogo do plano horizontal com o plano vertical é mediado por uma faixa caiada em Santo Amaro e por uma faixa pintada representando em perspectiva padrões abstractos em Guadalupe.

Relativamente às pinturas de Guadalupe, é possível distinguir três painéis na parede fundeira⁴⁹: no centro apresenta-se a árvore de Jessé e a genealogia de Cristo. A representação de colunas separa este painel central dos laterais de composições de grotescos⁵⁰.

Em Santo Amaro distinguem-se oito painéis, sendo maior a sua extensão uma vez que em Guadalupe as pinturas se restringem (tal como em São Geraldo) à parede fundeira. No entanto se compararmos apenas as paredes fundeiras de ambas, é possível compreender que também Santo Amaro apresenta uma composição em três painéis.

Nos dois casos é ainda possível constatar que ambos os altares se apresentam revestidos com pinturas murais. Em Guadalupe, os vestígios das pinturas indicam que estas se estenderiam na totalidade da altura da parede até à cobertura, enquanto que em Santo Amaro actualmente tal não acontece. No entanto, tal como será notado na especulação evolutiva da obra, originalmente o edifício primitivo apresentaria a mesma situação na espacialidade da capela-mor, sendo posteriormente o seu pé direito aumentado.

O esquema de cores primárias aplicado é coincidente, ainda que adaptado a pontos distintos do edifício - em Guadalupe encontram-se vestígios de cor azul junto ao portal principal, enquanto que em Santo Amaro deparamo-nos com marcas da mesma cor por todo o seu interior e exterior, nas faixas de cor das paredes e junto aos portais por entre outras caiações.

⁴⁸ MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Igreja de N.ª. S.ª. de Guadalupe* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5729. [consultado em Dezembro 2013]

⁴⁹ Idem

⁵⁰ BESSA, P. (2006). Pintura Mural na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe. In Departamento de Ciências e Técnicas do Património & Departamento de História (org.). *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Marques*. IV Volume. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 193-215.

O tipo de fenestração é também semelhante: comparando a fresta presente na nave de Guadalupe com a existente na capela-mor de Santo Amaro, é possível constatar que correspondem ao mesmo tipo de execução e cuidado de desenho, embora Santo Amaro se apresente com menos artificios.

O modo de desenhar o espaço é idêntico em ambos os casos, ou seja, na maneira como são executadas frestas e vãos ou na forma como é utilizado apenas o essencial para desenhar as aberturas, sendo patente uma clara opção por concretizar de forma simples. No entanto, é importante frisar que a versão de Santo Amaro de Legoinha é significativamente menos erudita que a versão de Nossa Senhora de Guadalupe de Mouços.

Quanto ao desenho das capelas-mor, como se pode verificar, não apresentam a mesma proporção entre si.

Assim, tendo em consideração todas estas características testa-se como hipótese de desenho as medidas e desenho do portal do alçado principal de Guadalupe no possível alçado do edifício primitivo de Santo Amaro no século XVI.

É ainda de referir que a igreja de Mouços apresenta vestígios da existência de um alpendre nas três frentes (não apenas no portal axial), possibilitando uma espécie de extensão da nave única através do alpendre em dias de romaria ou festa, prolongando o espaço interior. Era ainda comum a existência de bancos de pedra neste espaço⁵¹, elemento semelhante em São Geraldo de Vale Pereiro.

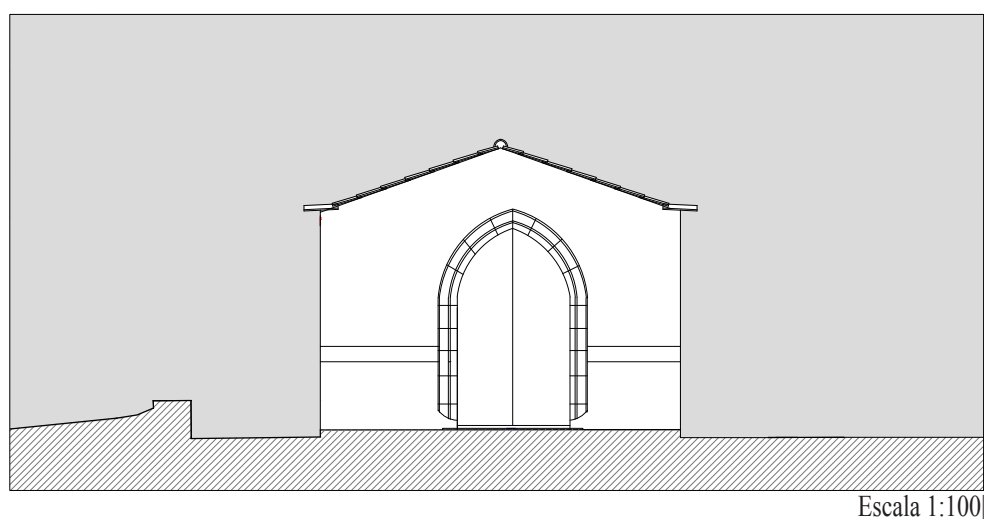


fig.67- Desenho de teste de hipótese do portal gótico de Guadalupe em Santo Amaro

⁵¹ AFONSO, J., MARTINS, F. & MENEZES, C. (2004). *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos

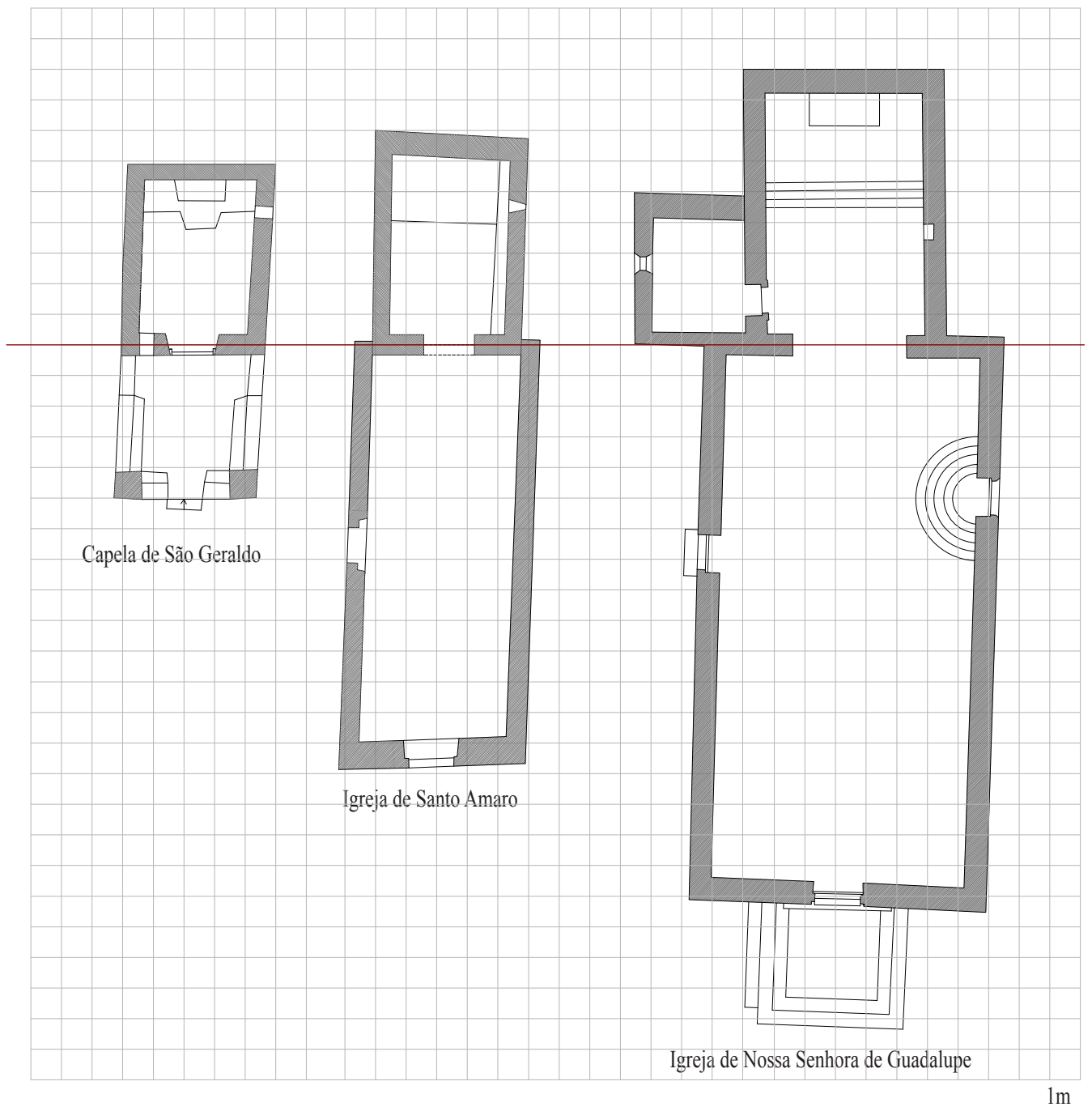


fig.68- Comparação do desenhos dos três elementos apresentados

 Escala 1:200

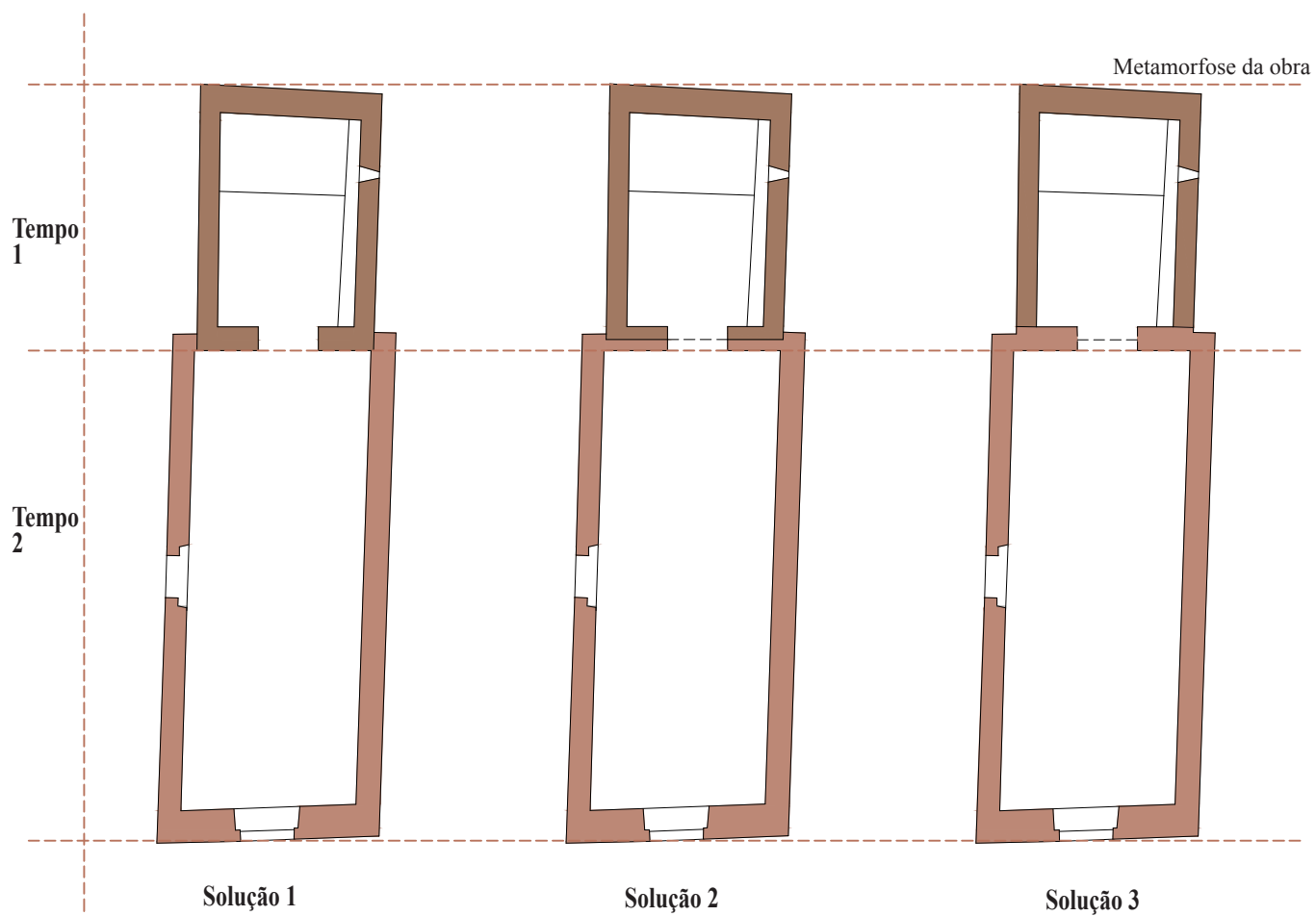


fig.69- Desenhos de conjectura da extensão da obra

Escala 1:200

2.3- Evolução no tempo da capela de Santo Amaro

É desconhecida a sua data de edificação uma vez que não consta dos registos da diocese de Braga (à qual pertenceu quando esta abrangia Trás-os-Montes) nem dos registos da diocese de Bragança (à qual pertence actualmente). No entanto, dada a descoberta de oito painéis de pintura mural com um bom nível de leitura datados do século XVI, atribui-se esta datação à capela-mor⁵². Segundo a Associação Terras Quentes, a nave foi acrescentada posteriormente e data do século XX. No entanto, tal como será notado, a análise dos vestígios, permitirá deduzir uma conclusão diferente no que concerne a datação da origem deste corpo.

Desta forma, partindo desta hipótese, o alçado interior poente da capela-mor corresponderá ao original alçado exterior poente da capela de Santo Amaro no século XVI, sendo possível compreender a metamorfose que a capela sofreu no tempo. Assim, observando a espessura do arco triunfal que aparenta corresponder ao adossar de outro plano, é possível conjecturar sobre a extensão do ponto de vista da obra (**fig.69**):

Solução 1 – Mantém-se o alçado da capela-mor, arrancando com a construção das paredes a partir deste;

Solução 2 – Mantém-se o alçado da capela-mor e encosta-se uma nova parede e respectivo volume da nave, configurando uma parede dupla;

Solução 3 – Demole-se o alçado da capela-mor e constrói-se um plano novo, do qual depende um novo volume;

Deste modo, considerando e explorando todas as presentes hipóteses através do desenho e cruzando as mesmas com os indícios actuais, é possível que a **solução 1** seja a mais provável. Se atentarmos a **solução 2**, e procedendo a uma leitura das marcas existentes e se se considerar a espessura das paredes da capela-mor, é pouco provável que a fachada da capela contasse com uma espessura consideravelmente menor. A **solução 3** não se demonstra congruente com a análise que será efectuada da evolução temporal de Santo Amaro.

Assim, a presente suposição do acrescento posterior do corpo da nave poderá também ser sustentada pelo desfasamento do seu eixo e o eixo axial da capela-mor.

Deste modo, e tendo agora uma noção de faseamento, explora-se as diversas hipóteses que poderão constituir a sua evolução ao longo do tempo.

⁵² LEAL, L., SILVA, L. & NAITO, R. (2009). Relação de novos casos de pintura mural resultantes do inventário histórico-artístico da diocese de Bragança-Miranda. *Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»*, 6, pp. 57-64.



fig. 70- Pinura mural junto ao arco triunfal



fig. 71- Parede Norte da nave



fig. 72- Vestígios do encaixe de um portal no intradorso do arco triunfal



fig. 73- Parede da capela-mor picada revelando marcas de acrescentos na alvenaria de xisto



fig. 74- Capela de Santa Eufémia



fig.75- Capela de Santo António



fig.76- Igreja de Santo Apolinário



fig.77- Capela de N^ª S^ª da Teixeira

Importa salientar que a recente descoberta de pinturas murais por baixo das camadas de cal no alçado exterior Poente da capela-mor, aquando do início das obras de reabilitação da capela, assim como na parede lateral Norte da nave, permitem construir uma cronologia relativa ao edifício, e à qual corresponderão as denominações de **Tempo 1**, **Tempo 2** e **Tempo 3** (ver cronologia da **fig. 85**). O **Tempo 1** corresponde ao primeiro faseamento da obra, ou seja, à construção da capela-mor e representação das pinturas murais no seu interior no século XVI. O **Tempo 2** corresponde ao acrescento das pinturas murais junto ao arco triunfal e o **Tempo 3** às pinturas murais da parede lateral da nave, que se julgam posteriores segundo a sua análise no local pelo Historiador de Arte Joaquim Caetano⁵³.

Os **Tempos 2 e 3** não excederão o século XVIII, tendo em consideração o nível do desgaste das pinturas. O **Tempo 2** corresponderá a um tempo intermédio, possivelmente ao século XVII e o **Tempo 3**, como referido, ao século XVIII.

Assim, para o **Tempo 1**, colocam-se duas hipóteses relativamente à obra primitiva (ver **fig.84**):

Solução 1 – Corpo da capela-mor correspondente a um único espaço, sem nave;

Solução 2 – A capela de Santo Amaro possuía, adossada à sua fachada, um alpendre (tal como a capela de São Geraldo, em de Vale Pereiro, elemento da rota);

Considerando a primeira solução, esta encontra a sua sustentação na presença de vestígios da colocação de um portal no intradorso do arco triunfal, sendo que tal não faria sentido, caso existisse uma nave. Para além disso, segundo Joaquim Caetano⁵⁴, a cota das pinturas murais da capela-mor atingiria a cota total do edifício, pelo que o seu pé-direito terá sido alterado posteriormente. Tal é congruente com as marcas na alvenaria de xisto da capela-mor, que denunciam que as paredes não terão sido erguidas num só momento, sendo certo que as mesmas marcas não se encontram na nave. Assim pode-se concluir que a mesma terá sido acrescentada aquando desta acção seguindo a nova cota da capela-mor.

A segunda hipótese tem por base a existência de mais casos nas redondezas que incorporam de igual forma o alpendre. Em primeira instância, destaca-se o elemento da rota, a capela de São Geraldo, tal como notado anteriormente, assim como, outros exemplos: Capela de Santa Eufémia (**fig.74**) e Capela de Santo António (**fig.75**) em Sendim da Serra; Igreja de Santo Apo-

⁵³ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

⁵⁴ Idem



fig.78 - Capela de Nª Sª da Teixeira - pinturas murais no alpendre

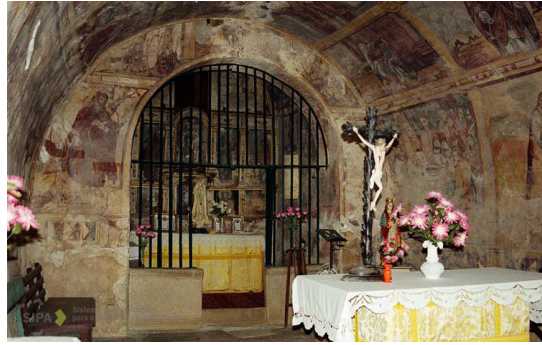


fig.79- Capela Nª Sª da Teixeira - pinturas murais na capela-mor



fig. 80 - Alçado interior da nave da Igreja de Santo Amaro



fig.81- Alçado exterior da capela-mor da Igreja de Santo Amaro



fig.82 - Alçado interior da nave após a picagem do reboco

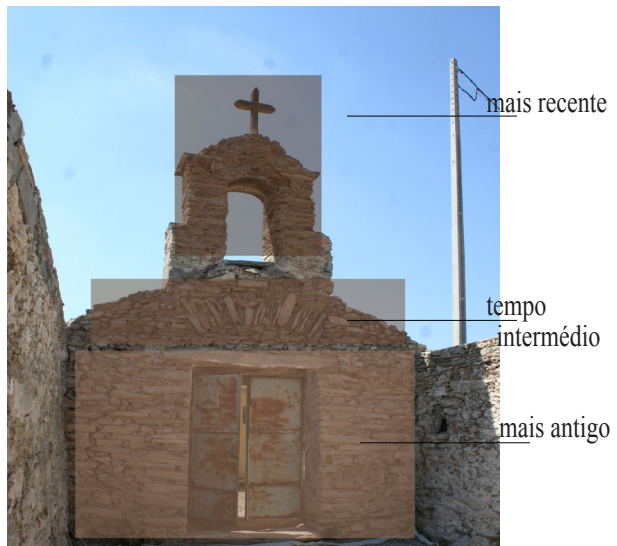


fig. 83- Cronologia dos elementos que constituem a alvenaria do alçado

linário (**fig.76**) e Capela de N^a. S^a. da Teixeira (**fig.77**) em Torre de Moncorvo e Capela de Santa Catarina em Macedo de Cavaleiros, entre outras.

Para além disso, destaca-se ainda a proporção que a peça apresenta relativamente ao espaço público comparativamente à opção anterior.

No **tempo 2**, colocam-se assim, duas soluções, excluindo a primeira, pois, segundo a cronologia estabelecida relativamente às pinturas murais, estas surgiram posteriormente ao século XVI (**Tempo 1**), pinturas essas que não resistiriam sem uma cobertura para as proteger.

Solução 1- Com nave – hipótese corroborada pela altimetria realizada de uma só vez como prova a ausência de marcas de acrescento (contrariamente à capela-mor);

Solução 2 – Mantém-se a hipótese do alpendre - ainda que improvável, não invalidaria a presença de pinturas murais no exterior como se pode verificar na capela de N^a. S^a. da Teixeira em Torre de Moncorvo (**fig.**).

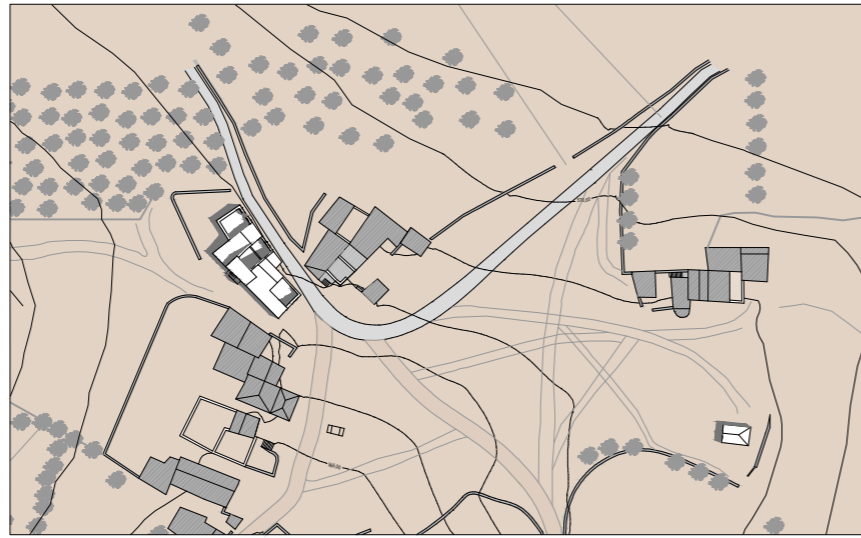
No **Tempo 3** apenas se mantém a solução da nave. Neste arco temporal sabe-se que já não poderia existir um alpendre, uma vez que, tanto o alçado exterior Poente como a parede lateral Norte da nave apresentam pinturas murais a fresco, cujas propriedades indicam que não serão posteriores ao **Tempo 3**.

Assim se concluiu que o corpo da nave será anterior ao século XX, situado no **Tempo 2**, e provavelmente de finais do século XVI ou século XVII.

É preciso notar ainda a presença de um caibro de madeira e de marcas acima que sugerem uma forma trapezoidal (bem visível no alçado exterior poente da capela-mor e no alçado oposto na nave- **fig.80 e 81**), indicativas de uma cobertura com forro de madeira construída a três tempos (**Tempo 2**). Inicialmente colocou-se a hipótese de se tratar de uma cobertura de alfarge de influência mudéjar, no entanto, situando a nave no século XVII esta hipótese não se poderia aplicar. Todavia, coloca-se esta hipótese em aberto no que concerne a capela-mor, uma vez que este tipo de cobertura era usual no século XVI, no reinado de D.Manuel I⁵⁵, dando depois lugar à cobertura que hoje se verifica. Contudo, frisa-se, trata-se apenas de uma hipótese não sustentada por vestígios físicos. Destaca-se também o alçado interior da nave que ostenta o vão de principal acesso (**fig. 83**), onde parece sugerir um outro vão, anterior, por cima da padieira do vão recto. No entanto, a hipótese torna-se menos provável a nível construtivo, se se atentar ao aparelho da pedra, em que a parte inferior se apresenta com melhor qualidade e maior consistência. A aplicação da pedra mais miúda acima do nível da padieira revela-se, pelo

⁵⁵ Dias, P. (1994). *Arquitectura Mudéjar Portuguesa: Tentativa de sistematização*. Man Liberum: Lisboa.

Tempo 1

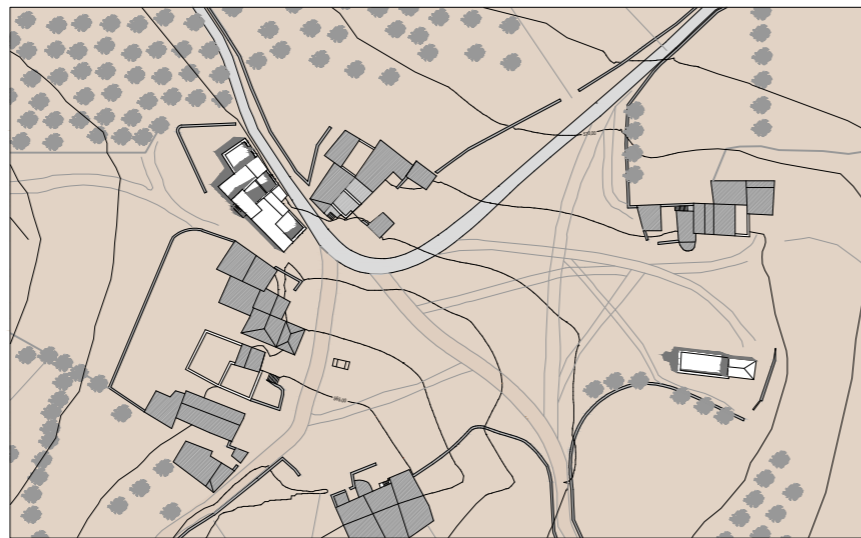


Solução 1



Solução 2

Tempo 2

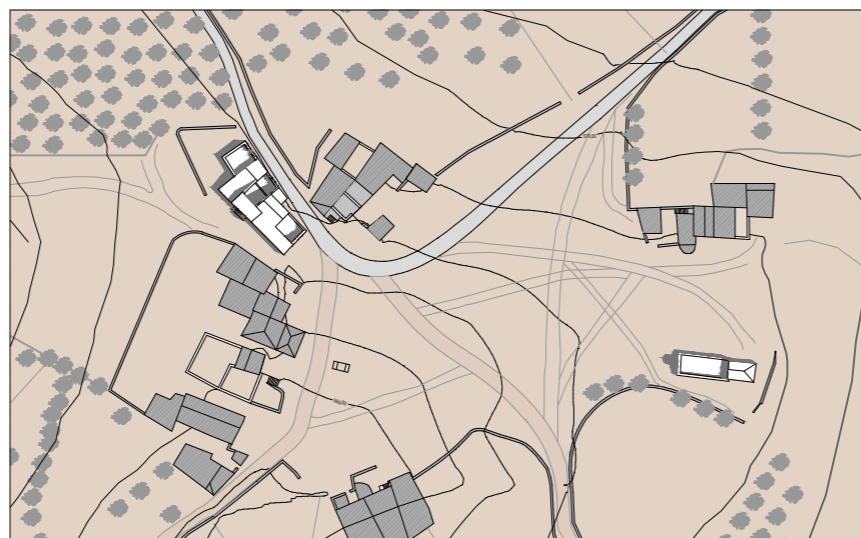


Solução 1



Solução 2

Tempo 3



Solução 1 (solução única)

fig. 84 - Cronologia evolutiva da obra



Escala 1:2000

contrário, menos consistente, sugerindo que foi acrescentada depois, sendo que também o campanário aparenta ter sido acrescentado posteriormente. (**fig. 83**)

Desta forma se pode compreender a metamorfose da obra de capela para igreja (com o acrescento da nave) e do resultado heterogéneo na actualidade, fruto das sucessivas intervenções.

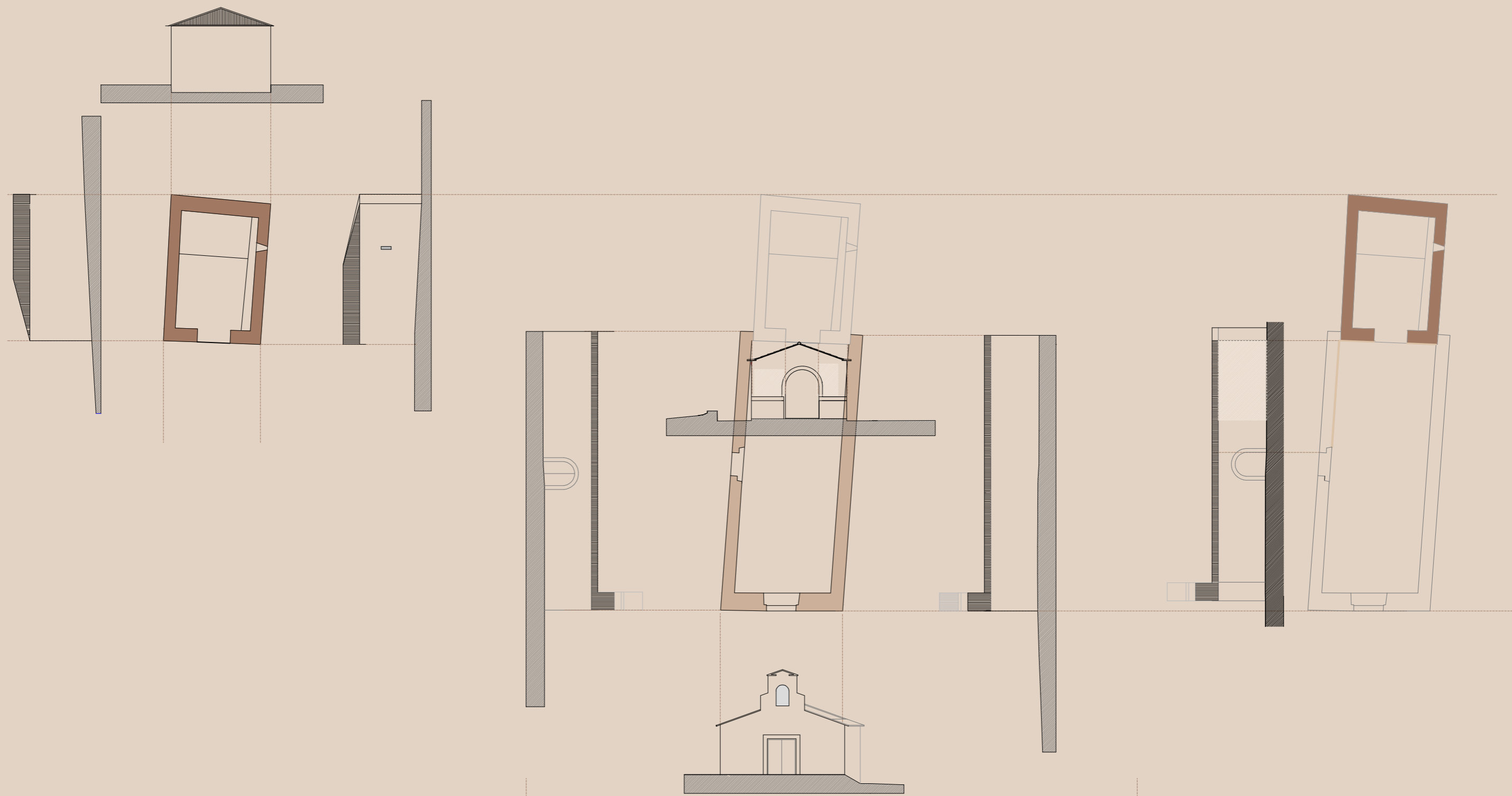


fig.85- Cronologia

Tempo 1 - Construção da Capela-mor e pinturas murais na parede fundeira

Tempo 2 - Construção do corpo da nave e acrescento das pinturas murais junto ao arco triunfal

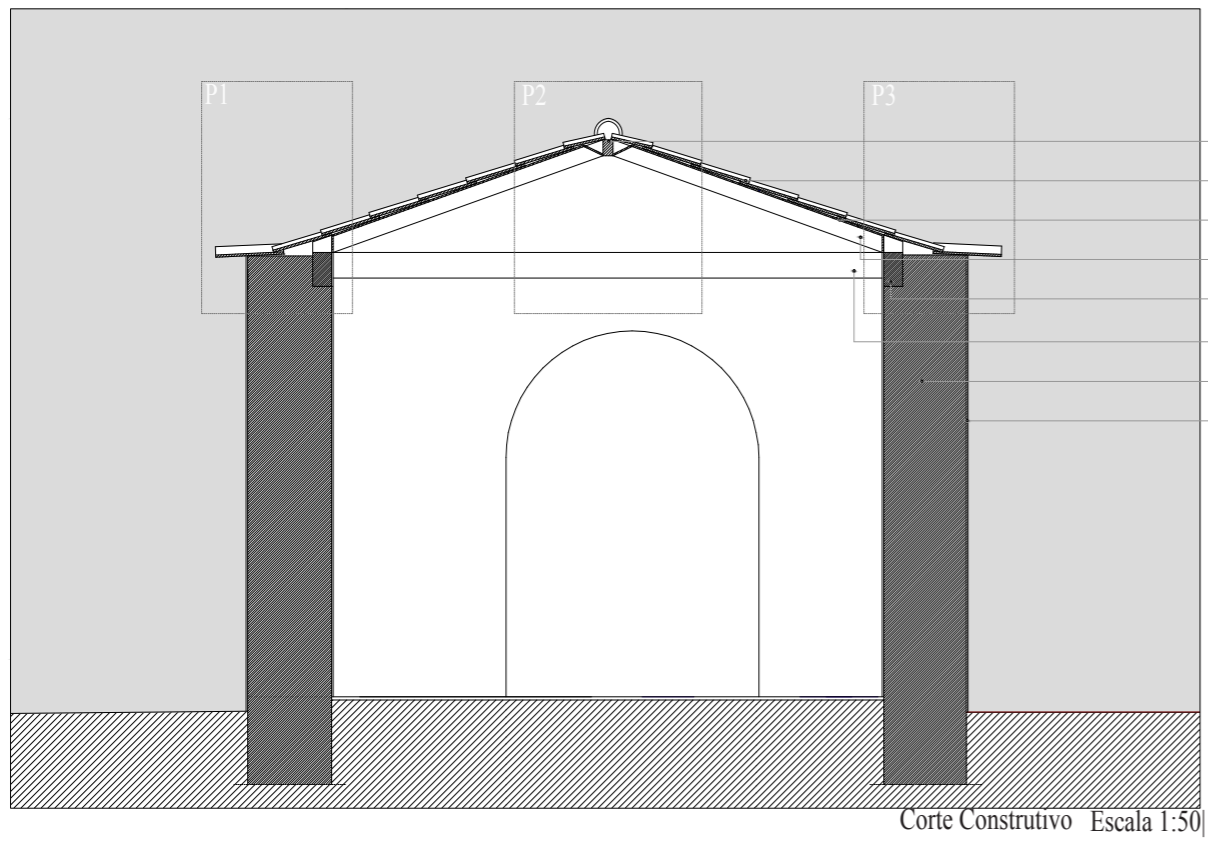
Tempo 3 - Adição das pinturas murais na parede lateral Norte da nave

2.4- Descrição

2.4.1 – Sistema Construtivo

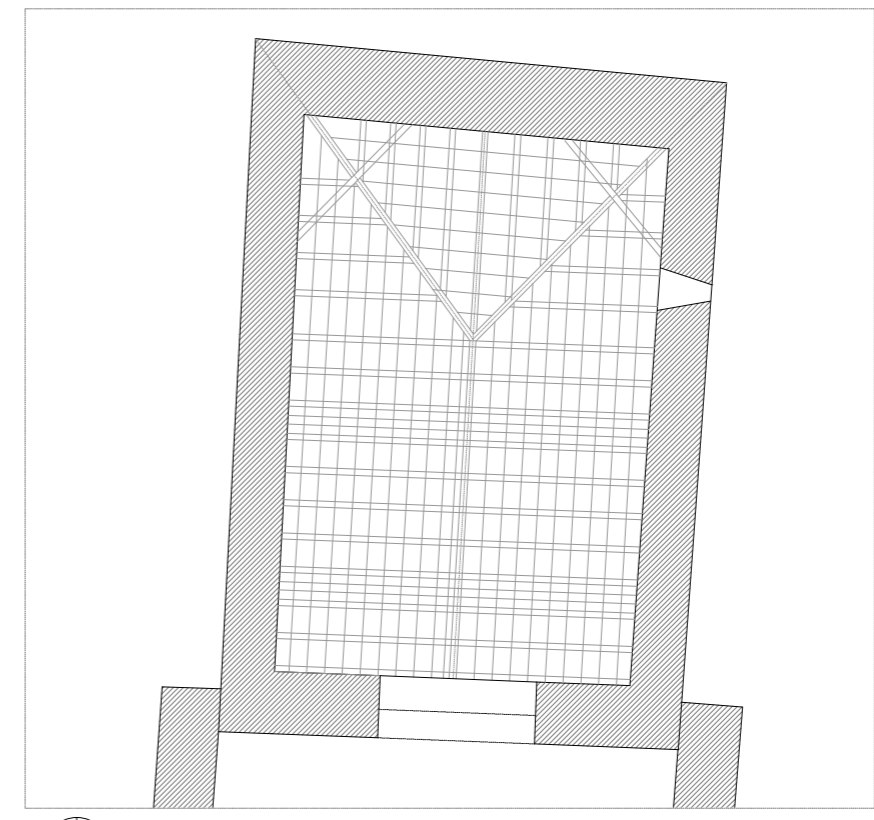
A Igreja de Santo Amaro apresenta um sistema construtivo assente em paredes estruturais de alvenaria de xisto rebocadas. A cobertura ainda patente na capela-mor apresenta três águas revestida a telha assente sobre uma estrutura de madeira. Os elementos que estruturam a cobertura consistem em quinze varas e duas vigas (secção aproximada de 0.09x0.17m) que vencem um vão de cerca de 3,66 metros. É ainda possível constatar no interior que se encontra forrada com tábuas de madeira.

Na nave a cobertura ruiu totalmente, pelo que torna impossível registar os elementos da mesma. Porém, pelas cicatrizes denunciadas, em ambos os alçados interiores, Nascente e Poente, torna-se perceptível que se trataria de uma cobertura de madeira de três águas que venceria um vão de 4,70 metros.

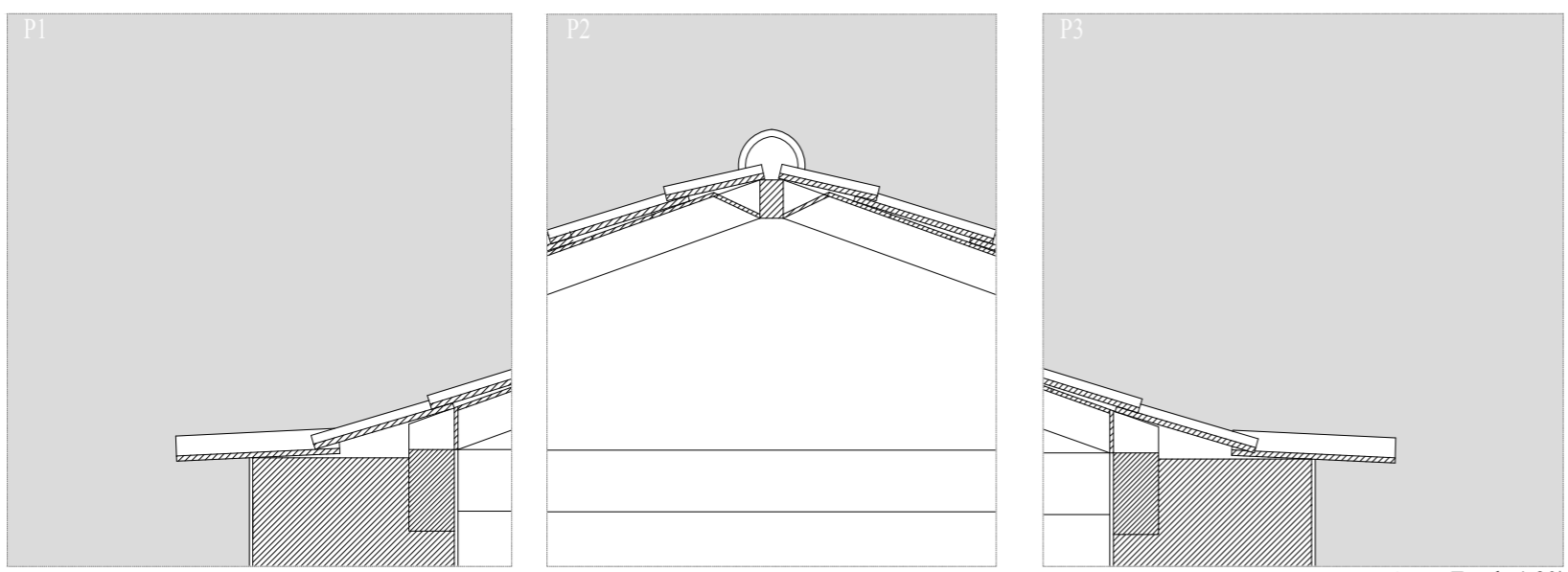


- Pau de Fileira
- Telha de cano artesanal
- Forro de madeira
- Vara
- Frechal
- Viga de madeira
- Alvenaria de xisto
- Reboco

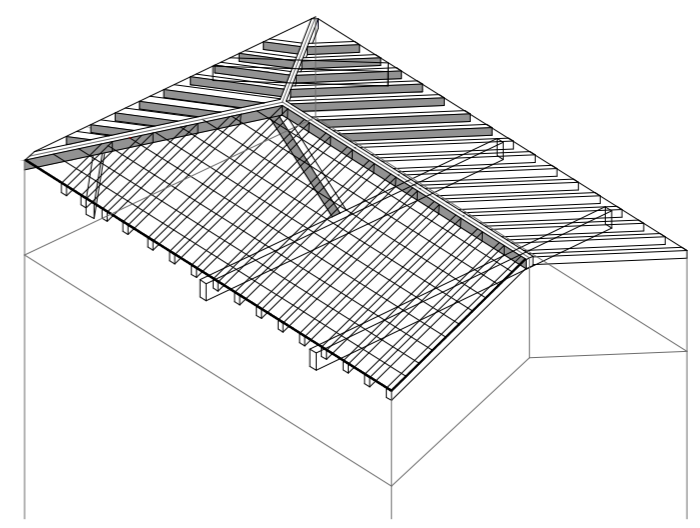
Corte Construtivo Escala 1:50



Escala 1:200



Pormenores Construtivos Escala 1:20



Representação em axonometria da estrutura da cobertura



1



2



3



4

Nota: Como é observável nas fotografias, actualmente coexistem dois tipos de telha (telha marselha e telha de cano). Em termos de representação optou-se pela telha de cano uma vez que seria esta a mais antiga.

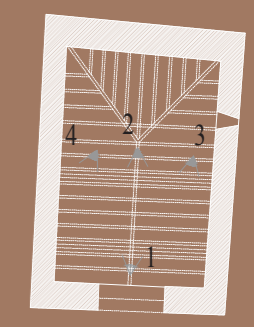


fig.86- Síntese construtiva da Igreja de Santo Amaro

2.4.2 – Espaço – Forma e composição

A capela de Santo Amaro situa-se no extremo Este do núcleo rural desertificado em que se insere, numa zona planáltica e implantada no sentido Nascente-Poente.

A nível exterior, como foi mencionado anteriormente, apresenta dois volumes relativos a diferentes séculos e diferentes alturas que correspondem à sua organização interior, implantados à mesma cota. A nave apresenta-nos duas possibilidades de entrada, um portal axial a Oeste, sendo esta a principal, e uma porta lateral voltada a Norte. O seu alçado principal mostra-se voltado para o largo do núcleo, caiado de branco e acompanhado de uma faixa de cor, campanário e dupla porta de ferro. Os vestígios mostram diferentes caiações - as faixas de cor que acompanham a mediação entre o plano horizontal e o plano vertical e junto aos portais, denunciam ainda vestígios de cor azul - e sucessivas camadas de reboco aplicadas nas paredes, conferindo no geral um aspecto bastante compacto e liso à alvenaria de xisto.

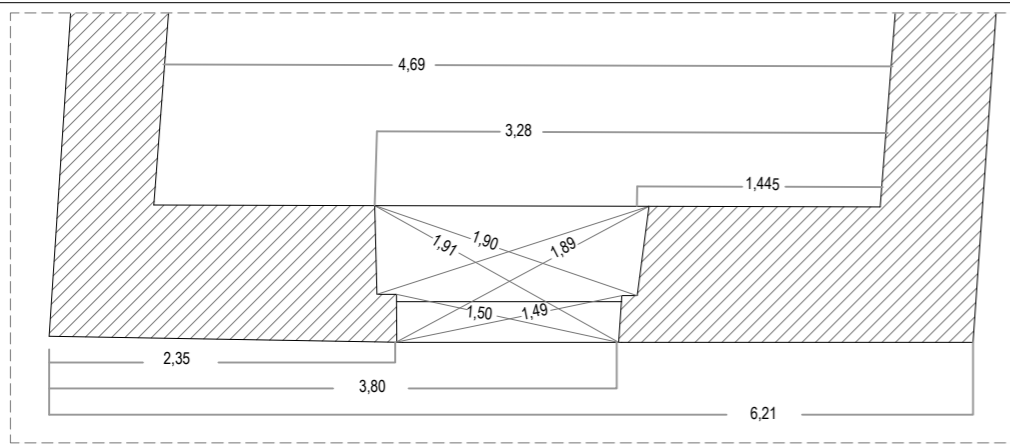
No seu interior é possível constatar que o arco triunfal se encontra descentrado, desequilibrando a composição.

A cobertura da capela-mor, contrariamente à da nave, encontra-se ainda preservada, sendo o seu interior forrado a madeira. A espacialidade interior é bastante sombria, contando apenas com uma entrada de luz de pequenas dimensões voltada a Sul.

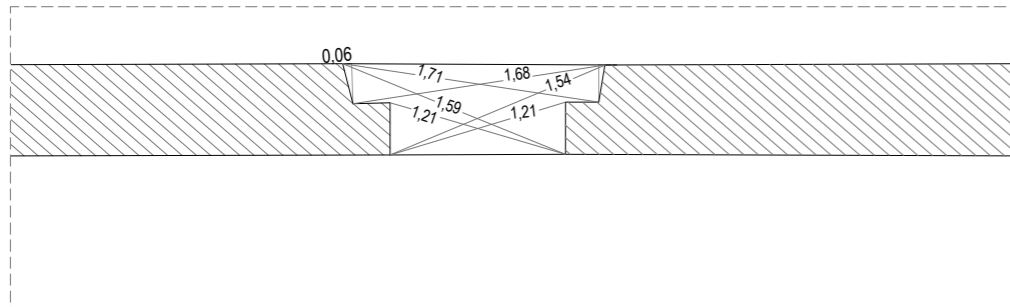
Quanto aos princípios do seu desenho, tomam-se as medidas da capela-mor para um melhor entendimento do acrescento posterior da nave. Neste sentido, é possível observar que a largura total da nave (incluindo paredes) corresponde à medida compreendida entre a parede fundeira da capela-mor e o eixo do arco triunfal. A largura interior (excluindo paredes) tem como referência a profundidade da capela-mor (ver **fig.88**).

A sua profundidade é igual a duas vezes a profundidade da capela-mor numa proporção de 1:2 (um para dois), sendo possivelmente a medida orientadora que fez surgir a nave. (ver **fig. 90**)

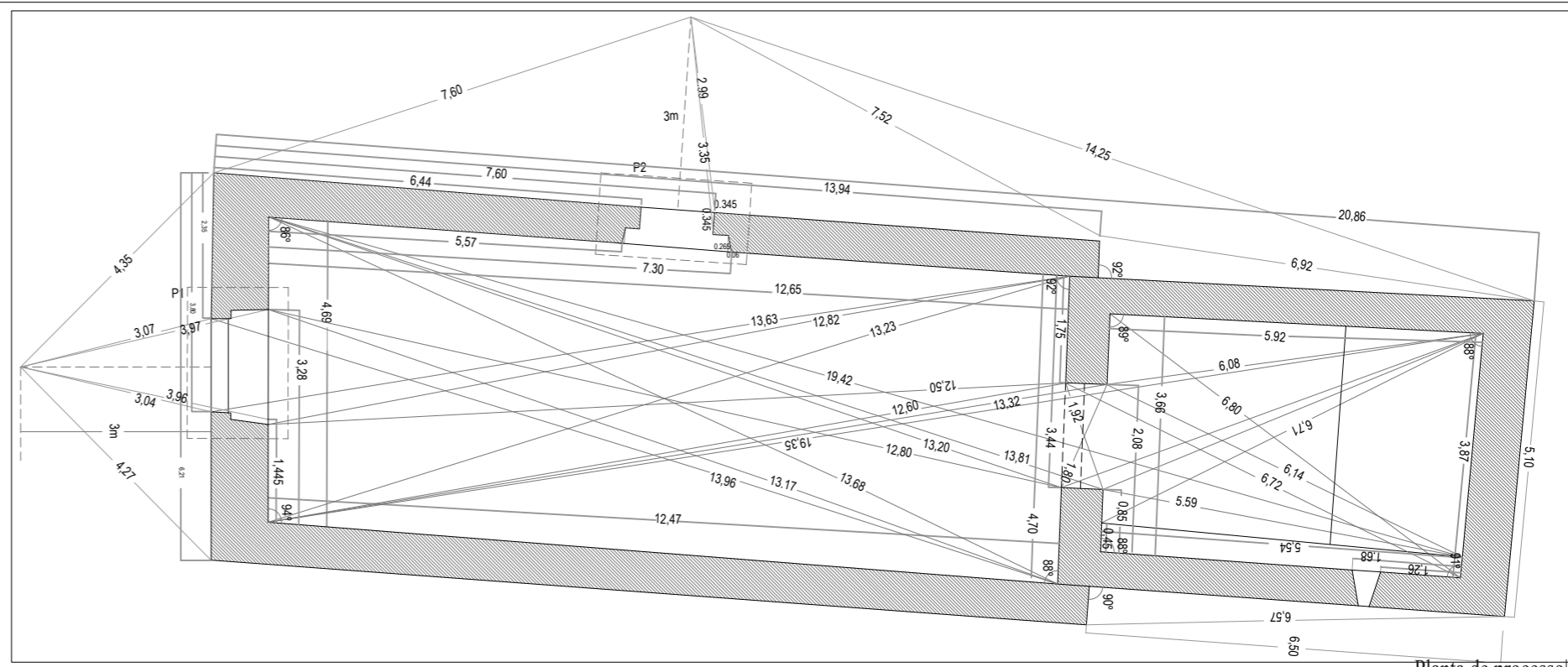
O arco triunfal encontra-se descentrado relativamente ao portal Poente da nave principal, denunciando assim que o eixo longitudinal da capela-mor não é coincidente com o eixo longitudinal da nave. (ver **fig.89**) Tal pode ser explicado pelo facto de corresponderem a volumes construídos em tempos diferentes.



P1



P2



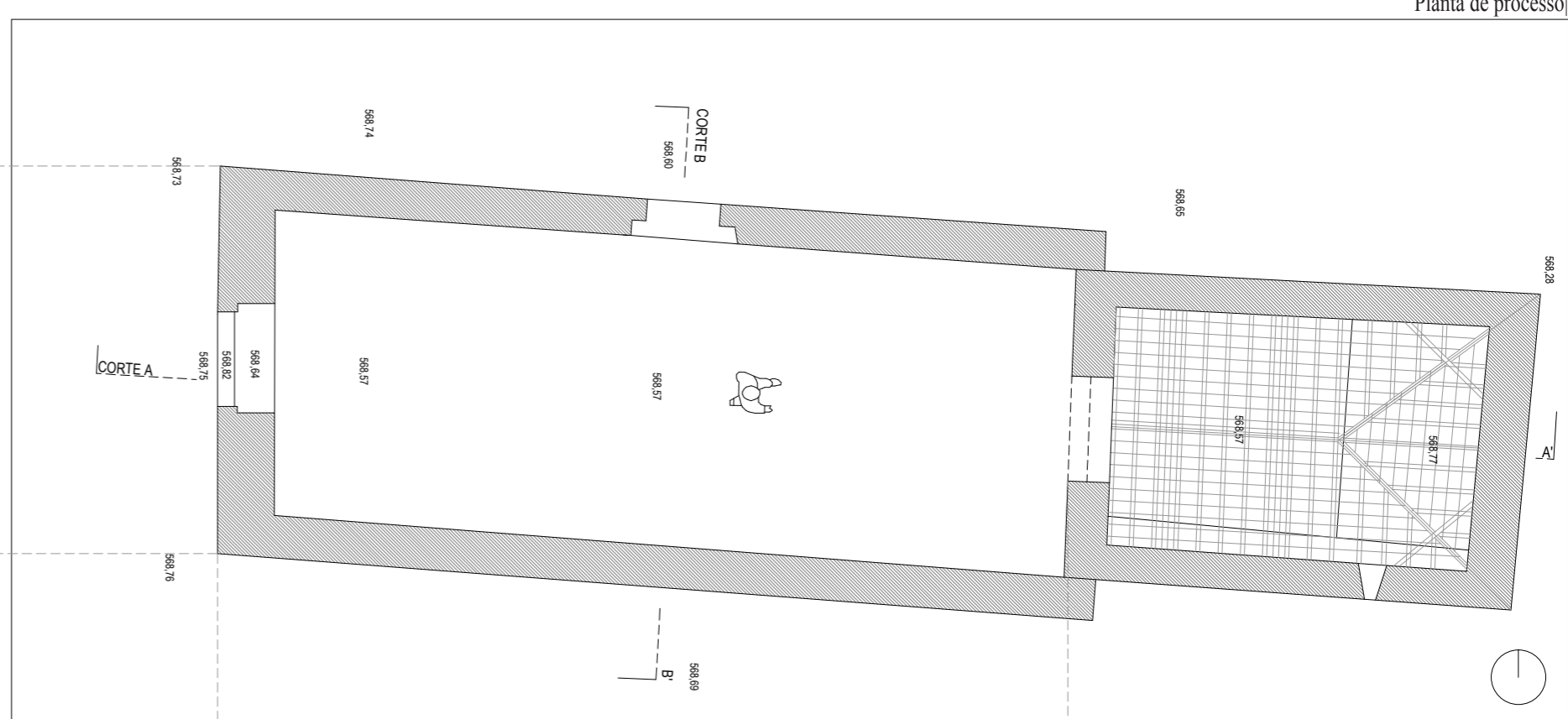
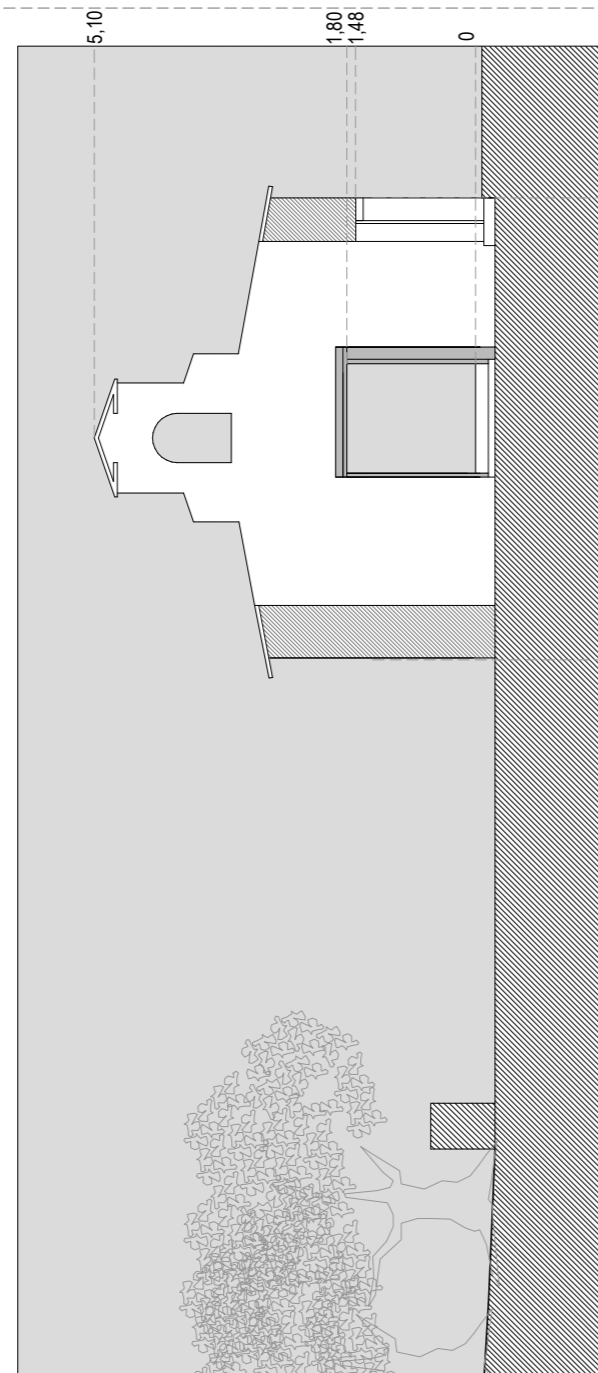
Planta de processo

Legenda:

- P1- Pórtico Poente
- Pormenor da planta de processo
- Escala 1:50
- P2- Pórtico Norte
- Pormenor da planta de processo
- Escala 1:50

medidas retiradas com fita métrica:

- medida perimetral
- medida diagonal
- ∟ ângulo medido com esquadros
- medida retirada com laser



Planta de produto

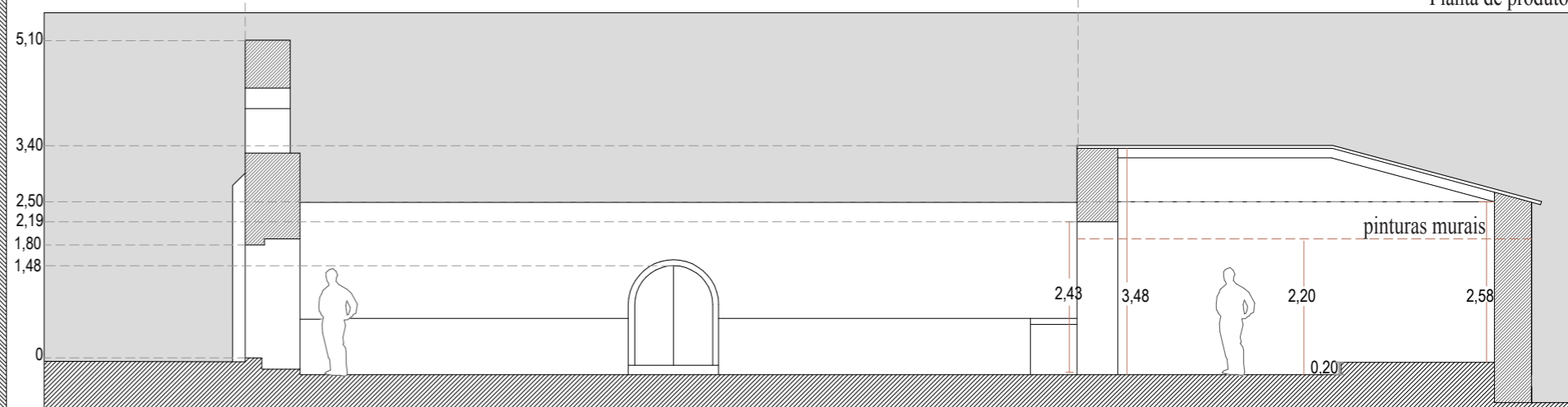
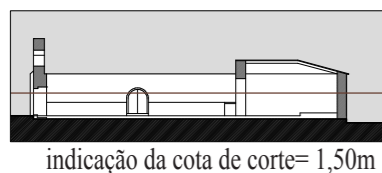


fig. 87- Desenhos de levantamento rigoroso da Igreja de Santo Amaro Escala 1:100



indicação da cota de corte= 1,50m

Nota: O processo de levantamento da Igreja de Santo Amaro seguiu o mesmo método descrito no levantamento do núcleo de armazéns e currais

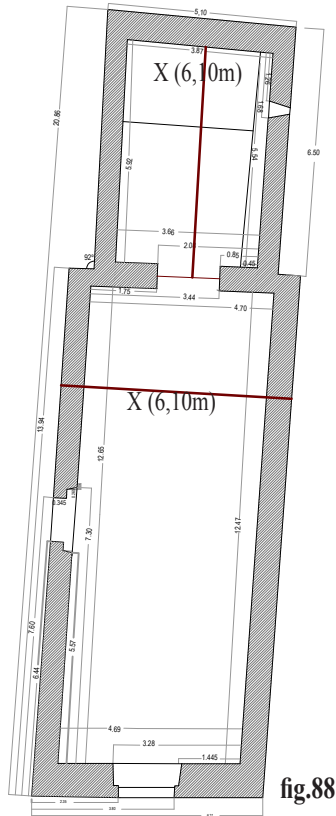


fig.88

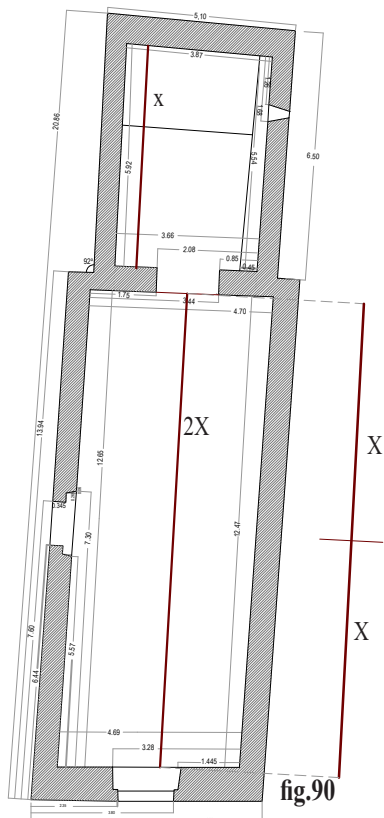
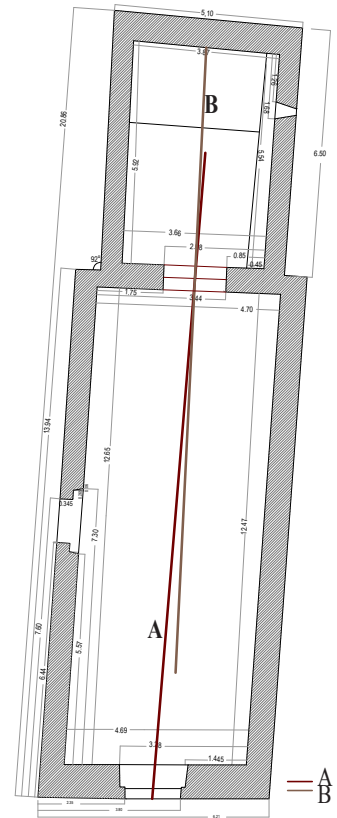


fig.90



Eixo A- Eixo longitudinal da nave

Eixo B- Eixo longitudinal da capela-mor

fig.89

Escala 1:200

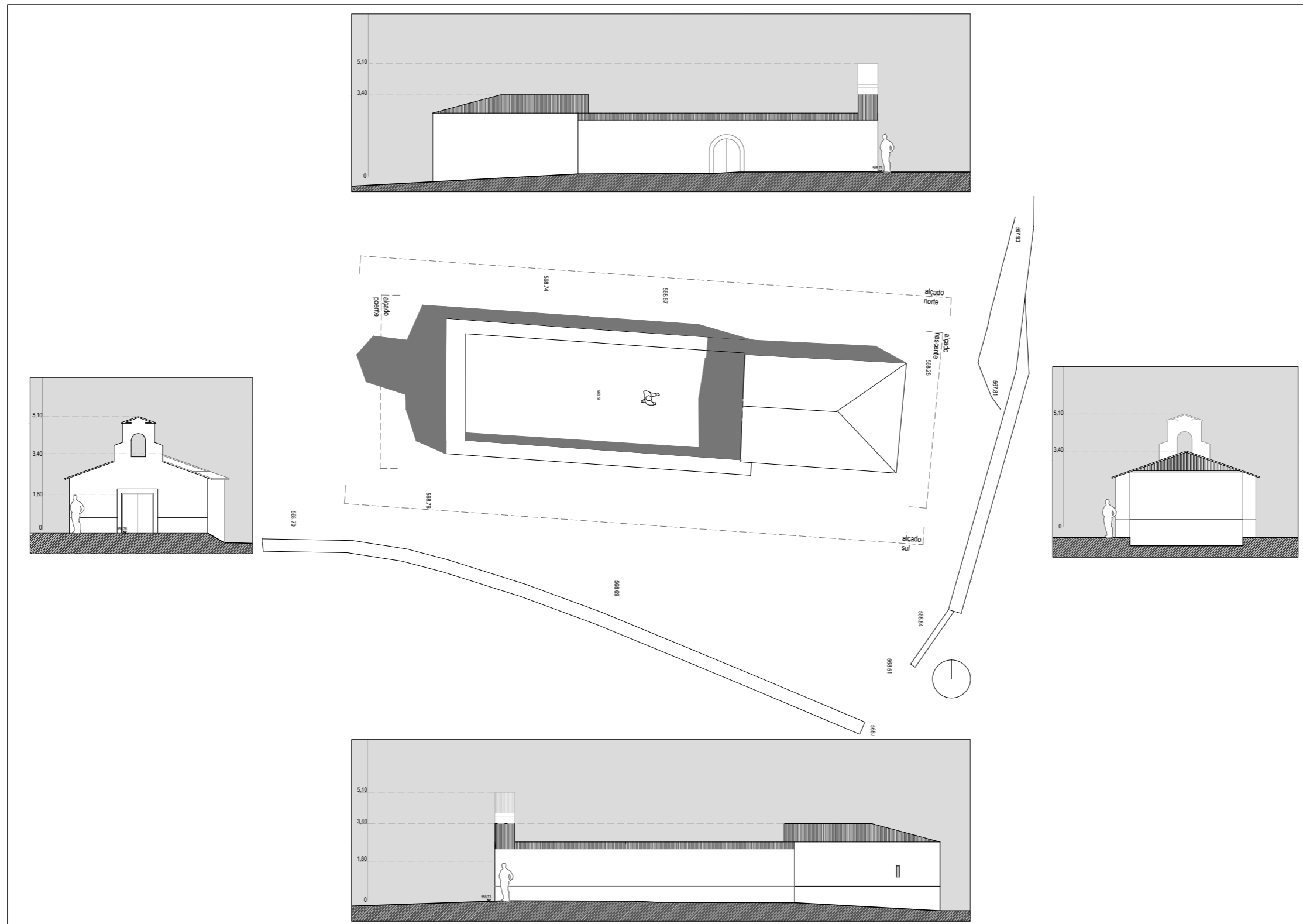


fig.91- Implantação da Igreja de Santo Amaro e alçados

Escala 1:100



fig.92- Pinturas murais da parede fundeira da capela-mor



fig.93- Pinturas Murais presentes na parede Sul



fig.94- Pinturas Murais presentes na parede Sul junto ao vão

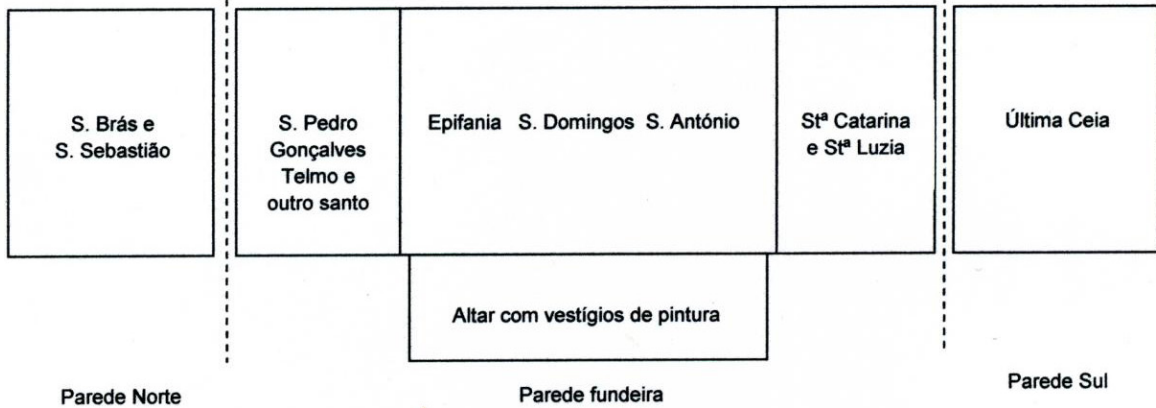


fig. 95- Esquema da disposição das pinturas murais



fig.96- Pinturas Murais junto ao arco triunfal - Lado do Evangelho



fig.97- Pinturas Murais junto ao arco triunfal - Lado da Epístola

Contexto arquitectónico

Deste modo, considerando todas as características apresentadas, é de ressaltar o princípio de desenho mais simples e despojado, como é típico das soluções arquitectónicas posteriores ao século XIV, que espelhavam uma imagem contida, despojada, austera e recatada, refletindo assim um certo anonimato de formas⁵⁶. Para além deste facto, salientam-se duas questões: de um ponto de vista construtivo a solução é clara e linear, com destaque para a cobertura de madeira; de um ponto de vista do desenho, o vão orientado a Sul é bastante cuidado, demonstrando assim uma consciência do valor da luz na definição da qualidade do espaço através de um trabalho ciente, criando uma gradação da luminosidade.

É possível que o portal original se tratasse de um portal gótico apontado, do qual apenas restam vestígios adossados ao actual vão que configura a passagem à capela-mor. Desta forma, como referido anteriormente, testa-se o desenho do portal gótico presente na fachada da igreja de N^a S^a de Guadalupe como hipótese de desenho. (ver **fig. 67**).

2.4.3 – Pinturas murais

A capela-mor, com o seu altar sobrelevado, apresenta na sua parede fundeira pinturas murais que se prologam para os seus planos laterais, apesar de actualmente se encontrarem apenas alguns vestígios que se mostram por entre as camadas de cal. O alongamento das pinturas murais para outros planos, que não o fundeiro, permitem a quebra das arestas e, por sua vez, um contínuo e unificado sentido de espaço. No ano de 2007, a Associação *Terras Quentes*⁵⁷ procedeu ao inventário deste núcleo de pintura mural, destacando oito painéis com um bom nível de leitura e uma boa execução técnica.

Como referido, as pinturas murais localizam-se na parede fundeira da capela-mor, estendendo-se pelas paredes laterais. Assim, iniciando a leitura pelo plano central, este divide-se em três painéis: no centro, a *Adoração dos Reis Magos, São Domingos e Santo António*. Após os trabalhos iniciados nas pinturas pôde-se clarificar que se tratava de *São Domingos*, uma vez que se encontrava outra figura numa camada anterior. Tal poderá ser explicado pela mudança de invocação de *São Domingos* para *Santo Amaro*. No painel da esquerda, encontram-se duas figuras, de difícil leitura, a que possivelmente poderá corresponder a primeira a *São Pedro Gonçalves Telmo*, sendo a segunda impossível de identificar. Por fim, no painel da direita, encontram-se as figuras de *Santa Catarina* e de *Santa Luzia*.

Relativamente às paredes laterais, na parede Norte distinguem-se as figuras de *São Brás*

⁵⁶ KUBLER, G. (1972). *Portuguese Plain Architecture: between spires and diamonds : 1521-1706*. Middletown : Wesleyan University Press

⁵⁷ LEAL, L., SILVA, L. & NAITO, R. (2009). Relação de novos casos de pintura mural resultantes do inventário histórico-artístico da diocese de Bragança-Miranda. *Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»*, 6, pp. 57-64.

e de *São Sebastião*, e na parede Sul apenas se poderá colocar a hipótese de tratar de uma representação da *Última Ceia*, uma vez que é bastante difícil a sua leitura dado o estado em que se apresenta. Tendo em consideração o reboco, assim como a tipologia de representação destas figuras e cores, é possível aferir que as mesmas terão sido executadas numa mesma campanha⁵⁸.

O início das obras de reabilitação da igreja pôs ainda a descoberto o aparecimento de pinturas murais na face exterior do alçado poente da capela-mor, junto ao arco triunfal. Dado o facto de estas serem mais altas do que as pinturas murais da capela-mor (que correspondem ao primitivo pé-direito), pode-se concluir que estas foram adicionadas posteriormente e aquando da subida das paredes e acoplação do corpo da nave. Deste modo, do lado esquerdo do arco triunfal, ou seja, do lado do Evangelho é possível verificar a presença da figura de *São João Baptista*, enquanto que do outro lado, o lado da Epístola, surge uma figura que se julga tratar-se de Santo Amaro (dado a presença de uma nau e a comparação a representações deste Santo noutras igrejas)⁵⁹.

A picagem das sucessivas camadas de reboco no corpo da nave conduziu também à descoberta de pinturas na parede lateral Norte, onde é possível distinguir duas figuras, que no entanto não é possível identificar.

Desta forma, é possível estabelecer uma cronologia do aparecimento das pinturas: as mais antigas correspondem às pinturas da parede fundeira e laterais da capela-mor correspondentes ao século XVI (**Tempo1**); seguem-se as do alçado Poente junto ao arco triunfal de ambos os lados (**Tempo2**) e da parede lateral Norte da nave (**Tempo3**). Poder-se-á considerar ainda um **Tempo 4**, correspondente às sucessivas caiações que terão ocorrido posteriormente, o que deverá corresponder até ao século XX.

Concluindo, e tal como foi referido anteriormente, as pinturas não parecem seguir uma narrativa, mas sim a sucessiva adição de representações de devoção.

⁵⁸ CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

⁵⁹ Idem

2.4.4- Análise do estado de conservação da Igreja de Santo Amaro

Para proceder à análise e diagnóstico dos danos foi realizada uma avaliação *in situ* a partir da observação visível dos vestígios e ruínas sem intermédio de recursos técnicos. O diagnóstico centrou-se na área correspondente à capela-mor uma vez que esta é representativa dos principais problemas detectados.

Assim, detectam-se como principais degradações:

- Danos estruturais, nomeadamente, empanamento para fora da parede fundeira da capela-mor;
- Deterioração da cobertura e dos seus elementos de madeira por exposição à acção das chuvas e ausência de algumas telhas;
- Aplicação de argamassa de cimento na zona das pinturas murais;
- Humidade por escorrimento;
- Fissuração do reboco.

Relativamente à nave pode-se referir a queda da cobertura como principal fonte dos danos observados, o que conduziu naturalmente à sua degradação interior, nomeadamente das paredes e crescimento e desenvolvimento de vegetação.



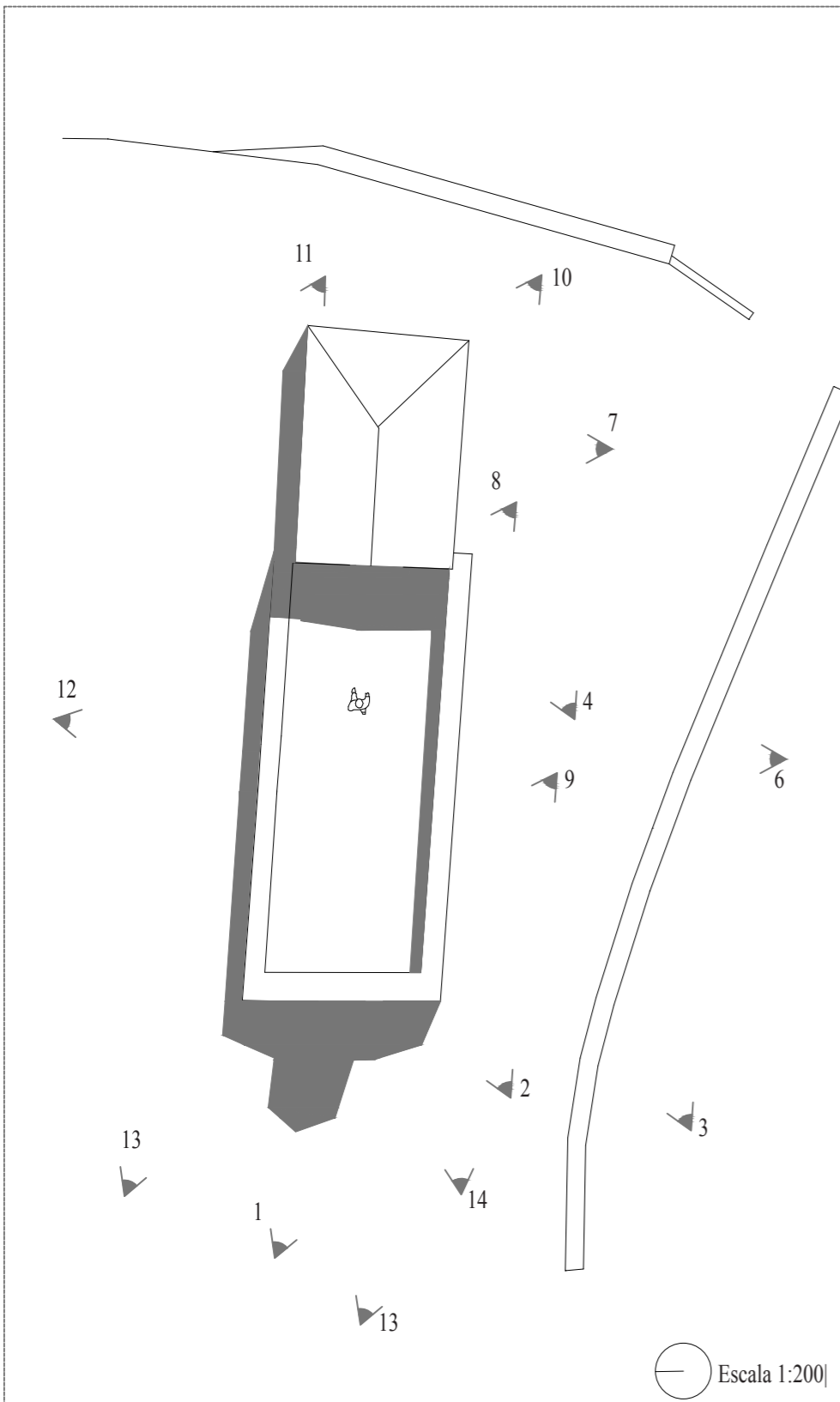
Danos da capela-mor:

Legenda:

- fragilidade do reboco
- humidade por escorrimento
- argamassa de cimento (zona das pinturas murais)

fig.98- Síntese de danos Escala 1:100





1- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



2- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



3- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



4- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



5- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



6- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



7- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



8- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



9- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



10- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



11- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



12- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



13- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



14- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013

fig. 99 - Mapeamento fotográfico exterior da Igreja de Santo Amaro

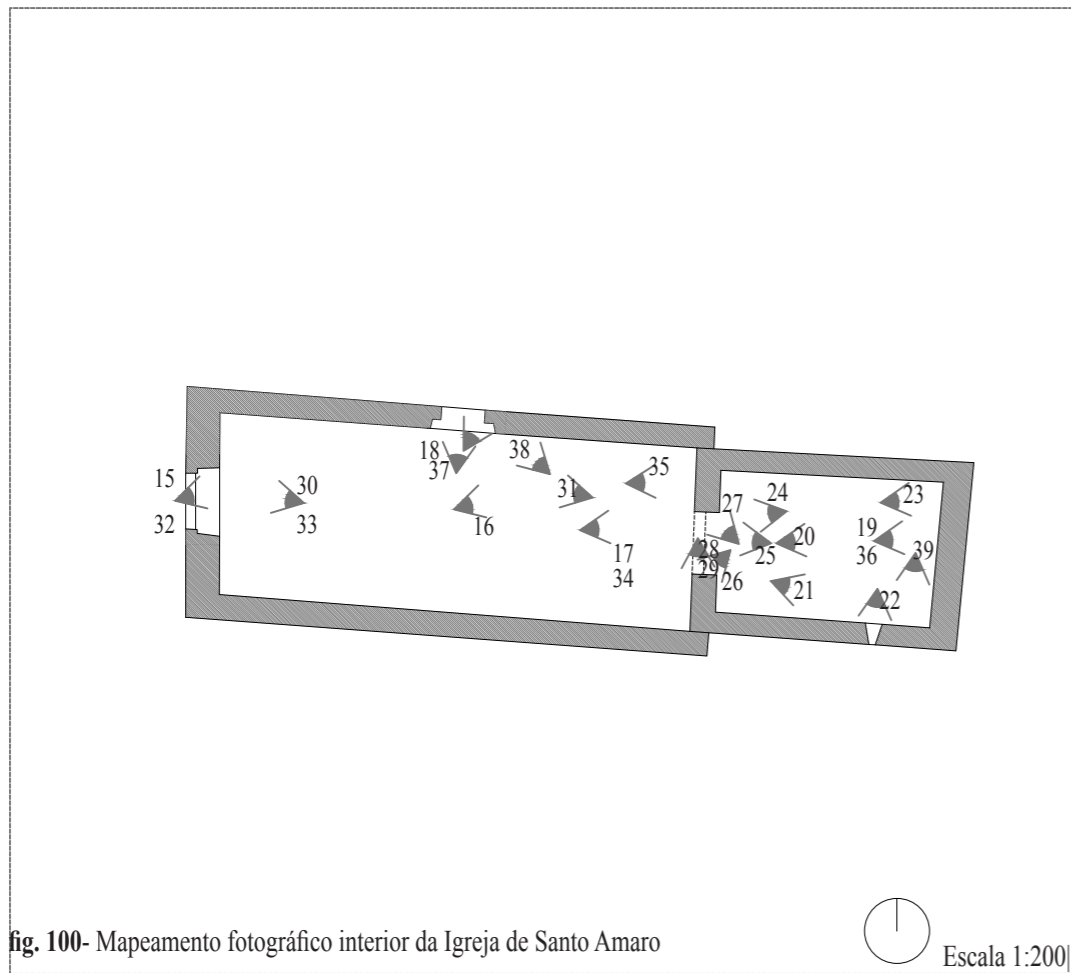


fig. 100- Mapeamento fotográfico interior da Igreja de Santo Amaro

Escala 1:200



22- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



23- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



24 Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



25- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



26- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



27- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



28- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



15- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



16- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



17- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



29- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



30- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



31- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



18- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



19- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



32- Fotografia de autor|



33- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



34- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



35- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



20- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



21- Fotografia de autor| 22 de Setembro de 2013



36- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



37- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



38- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013



39- Fotografia de autor| 16 de Novembro de 2013

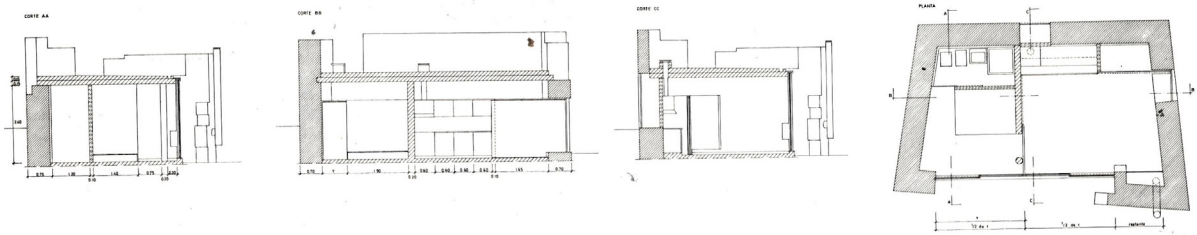


fig. 101- Recuperação de uma ruína no Gerês, intervenção de Souto Moura

3.1- Estratégia de intervenção

Após a realização de um levantamento relativo a uma leitura no tempo dos elementos que compõem a intervenção neste lugar, pretende-se que a estratégia geral passe pela reposição de um cenário antigo, no qual a peça da Igreja se encontrava enraizada numa envolvente por tratar, original e natural, devolvendo ao conjunto a relação franca, outrora existente, entre Igreja, envolvente e paisagem. Por esta razão optar-se-á pela reabilitação de uma estrutura de um núcleo de currais, armazéns e hipoteticamente habitação, para as funções de centro interpretativo da *Rota da Fé*, deixando o lugar menos trabalhado e reservando à capela o papel de protagonista.

Para o conjunto, de acordo com os princípios referidos, propõe-se a manutenção e requalificação dos percursos pedonais de maior destaque, trilhados pelas pessoas que visitam o núcleo. Pretende-se desta forma manter uma leitura do mesmo, que não perturbe nem interfira com o seu sentido de unidade, através de uma intervenção discreta. Para além disso, tal poderia incentivar a reabilitação dos restantes núcleos de habitação deste lugar, intervencionando os elementos espúrios e repondo o traço original do conjunto. Quanto à solução de estacionamento, tenciona-se que não perturbe o espaço público, e que com um possível posicionamento exterior a este núcleo rural incite que o automóvel não circule no interior do núcleo, percorrendo-se este de forma pedonal.

Em relação ao núcleo de armazéns, salienta-se a modelação da sua organização espacial, a sua materialidade, assim como os panos de parede em ruína.

Pretende-se que a intervenção seja o menos intrusiva possível para que se possa, deste modo, manter as propriedades originais intactas que a permitam identificar como uma construção vernacular da região trasmontana. Neste sentido, é essencial manter a sua modelação espacial, o seu sistema construtivo original, a escala preexistente no que diz respeito a planos e vãos, sendo que as passagens adicionais propostas deverão seguir a mesma lógica de perfuração estratégica no plano. Assim, não se pretende que sejam efectuadas demolições para além do necessário para efectuar passagens e garantam a ligação interior entre os espaços, anteriormente inexistente.

Relativamente à ruína, opta-se por assumir verdadeiramente a nova intervenção, preservando os vestígios como uma segunda pele. Tal atitude é tomada, por exemplo, pelo arquitecto Eduardo Souto de Moura no seu projecto de uma casa no Gerês, através da conservação da ruína de um antigo celeiro, introduzindo apenas um plano de vidro à frente, voltado para o rio¹: “Um celeiro abandonado foi aquilo que encontrei: Por trás uma porta para o monte. À frente era aberto em madeira. Por cima um telhado que caiu. Ficou assim: A trás, tudo igual com porta nova. À frente, tudo em vidro para a água. Por cima, um telhado para todos. Por dentro, foi o que a planta deu. Por fora, foi ler Apollinaire: *“Preparer au lierre et au temps une ruine plus*

¹ Trigueiros, L. (2000). *Eduardo souto Moura*. Lisboa: Blau.

belle que les autres...’’².

Quanto à igreja, em termos de formas e de espaço, a estratégia passará por um exercício que reflectirá a tentativa de restituição do que terá sido a obra primitiva, expondo hipóteses de acordo com a análise efectuada. Deste modo, colocam-se três hipóteses (**fig.102**):

Hipótese 1: mantém-se a nave;

Hipótese 2: demole-se a nave, mantendo apenas a capela-mor;

Hipótese 3: propõe-se um alpendre precedente à capela-mor (semelhante à capela de São Geraldo de Vale Pereiro).

Assim, considera-se a primeira hipótese devido ao facto de provavelmente a nave datar de um tempo anterior ao século XX. Como notado na análise, deduz-se que a mesma datará do século XVII, altura em que terão sido acrescentadas as pinturas murais na face exterior do alçado poente da capela-mor que se volta para a nave, subido o pé-direito da capela-mor e acrescentado o corpo da nave. Esta hipótese permite preservar assim as pinturas referidas, assim como manter as que foram postas a descoberto na parede lateral Norte.

Para a segunda hipótese demole-se a nave, mantendo apenas a capela-mor. Esta hipótese torna-se menos provável na actualidade devido, essencialmente, às pinturas murais presentes no alçado Poente. Adoptar esta solução significaria que as pinturas estariam mais expostas às condições naturais do lugar, e por isso, a uma rápida degradação. Para a terceira e última hipótese, ensaia-se o alpendre da capela de São Geraldo anexo à capela-mor e precedente da mesma para testar a espacialidade da solução. Uma vez que a existência de um alpendre provocaria o mesmo problema da hipótese anterior relativo às pinturas, conclui-se que se teria que tomar outro exemplo de referência que não a capela de São Geraldo devido às suas aberturas. Poder-se-ia considerar, por exemplo, a capela de N^a S^a. da Teixeira em Moncorvo, que integra de igual forma pinturas murais no alçado exterior e apresenta um alpendre menos exposto que o de São Geraldo. A aplicação desta solução resultaria numa peça mais proporcionada em relação ao espaço público do que a anterior. No entanto, implicaria a demolição das paredes laterais e consequentemente das pinturas murais presentes e que se estenderiam, pelo menos, até ao portal Norte da Igreja de Santo Amaro. O trabalho de picagem do reboco permitiu compreender que a nave se trata de um corpo mais antigo do que se antevia, pelo que o seu valor e consequente manutenção se torna a hipótese mais forte.

A nível construtivo, o objectivo seria o de reconstruir mantendo o aparelho, repor o

²Souto Moura (1980), cit in Trigueiros, L. (2000). *Eduardo souto Moura*. Lisboa: Blau dem, p. 41

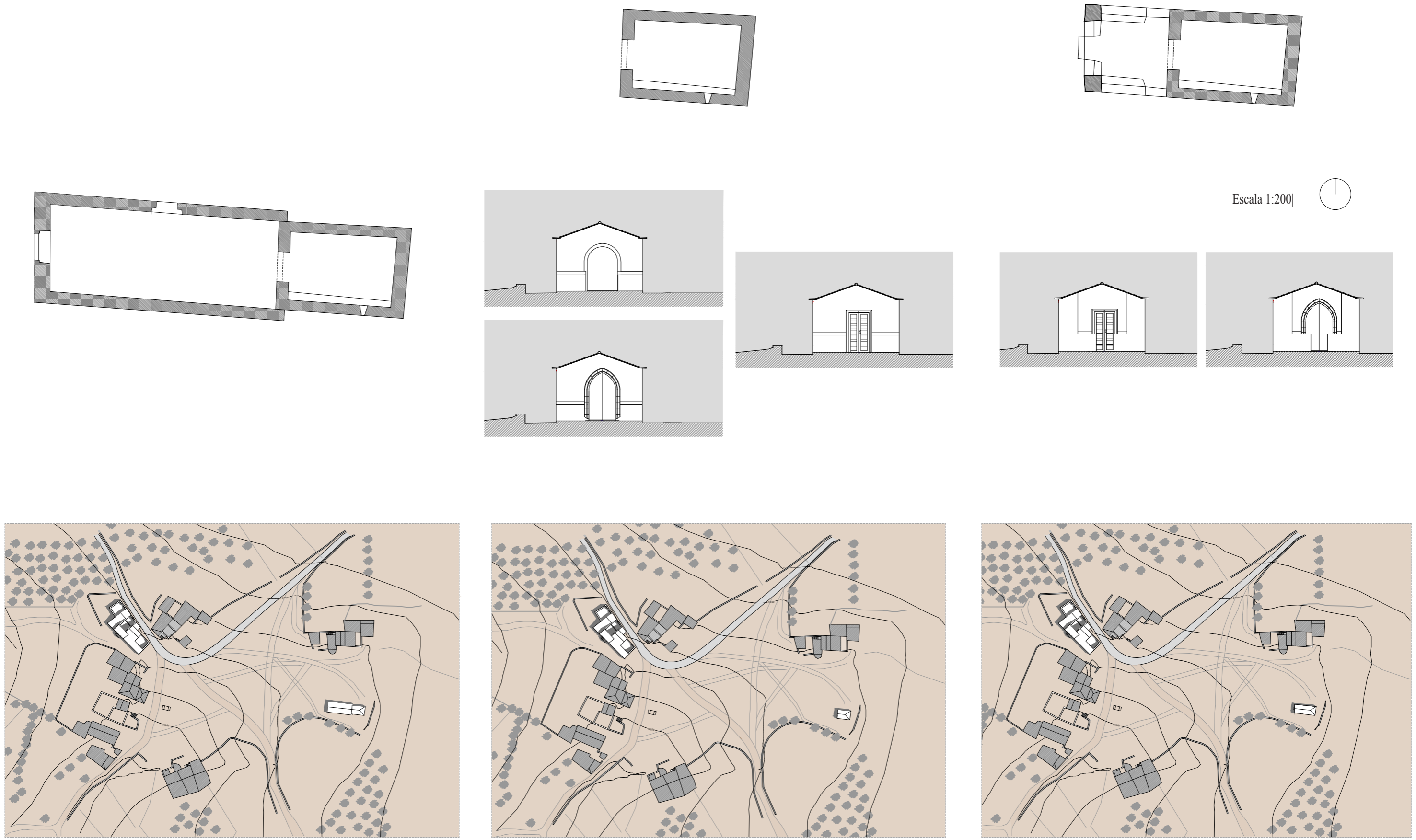


fig. 102- Teste de hipóteses de intervenção na Igreja de Santo Amaro

Escala 1:2000

sistema construtivo onde este ainda é visível, restituir a verticalidade das paredes e substituir o reboco segundo técnicas tradicionais dado a sua actual fissuração. Sendo que os principais danos advêm da cobertura e da ausência de impermeabilização, as acções mais urgentes seriam as de repor telhas, os elementos construtivos e proceder ao seu reforço, assim como a colocação de uma barreira pára-vapor e isolamento.

É essencial frisar que a presente proposta de intervenção, mais do que partir de princípios teóricos ou de regras preexistentes e dissociadas da realidade do lugar, parte sobretudo dos estímulos e das solicitações do próprio lugar. Este representa a circunstância vigente que orienta a ideia e requiere um modo de intervenção.

No entanto, tal não significa que a intervenção não levante, naturalmente, questões em torno da intervenção no património e do que significa intervir numa construção de carácter religioso, num núcleo rural e numa construção vernacular. Torna-se, assim, essencial, explorar os conhecimentos em torno desta matéria, uma vez que existem especificidades a atender.

Actualmente, as questões directamente relacionadas com o património têm despoletado especial atenção em torno da discussão gerada no que concerne a critérios, métodos e estratégias de intervenção. É, no entanto, fulcral que todos os elementos envolvidos neste processo façam parte de um procedimento consciente, em torno de obras de valor histórico e cultural³.

Nesta problemática, estudada ao longo do tempo e mais especificamente de um ponto de vista cultural a partir do século XVIII, emergiram várias soluções possíveis, nas diversas ideologias, como por exemplo a importância de preservar o antigo, destacar o novo do antigo, reconstruir a parte antiga arqueologicamente segundo a História ou recriar o antigo⁴.

De facto, ao longo do tempo, tem-se tornado cada vez maior a importância atribuída ao Património e à sua intervenção. Esta crescente valorização encontra-se representada através de publicação de cartas e realização de convenções internacionais, que reflectem as recomendações, normas e métodos discutidos pelas diferentes correntes ideológicas. Entre estas, destacam-se três documentos preponderantes nas questões ligadas ao Património: a Carta de Atenas sobre o restauro de monumentos (1931), a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Cracóvia (2000).

Relativamente à primeira⁵, esta reconhecia a preferência pela preservação dos edifícios antigos em detrimento de reconstituições integrais. Quanto à intervenção na ruína, o objectivo torna-se o de conservar, tal como o propósito do presente trabalho. Segundo este documento, a reconstituição nestes casos deverá recorrer aos elementos originais da construção. No entanto,

³ COSTA ALVES, A. (2003). La arquitectura como arte de transformar: Reflexiones sobre Idanha-a-Velha. In Roca, F. (coord). *Renovación, Restauración y Recuperación Arquitectónica y Urbana en Portugal*. Granada: UG, p.112-141

⁴ Idem

⁵ IGESPAR.PT (s.d). *Carta de Atenas (1931) Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf. [consultado em Maio 2014]

perante a escassez destes elementos, a introdução de materiais novos deverá ser identificável. No caso da proposta de intervenção para o núcleo de currais e armazéns, pretende-se de igual forma que, uma vez não é possível completar os planos em ruína com elementos originais, a introdução de novos materiais seja demarcada.

A Carta de Veneza (1964)⁶ apresenta uma continuidade em relação à Carta de Atenas relativamente à constante acção de preservação destas obras. Os novos elementos a integrar devem ser incluídos de forma coerente e harmoniosa, destacando-se do existente por forma a não adulterar a sua essência; para além disso, a intervenção deve assumir a sua contemporaneidade. Este documento defendia também ser impossível separar a obra da História do seu contexto. Devido à consciência de que efectivamente não se deverá despojar o existente do seu contexto, do seu passado e da sua história, a presente proposta segue a mesma orientação, estando intrinsecamente ligado ao lugar.

A Carta de Cracóvia (2000)⁷ segue as principais linhas da Carta de Veneza e destaca intervenções menos expressivas e susceptíveis de serem reversíveis. Considerando isto, a intervenção proposta sugere de igual forma uma intervenção pouco expressiva, não pela possibilidade de reversão, mas essencialmente pela manutenção da sua essência.

É de referir ainda, importante para este caso de estudo, a Carta Sobre Património Construído Vernacular (1999)⁸, específico para a intervenção e protecção deste tipo de arquitectura.

A intervenção em estruturas e núcleos vernaculares reconhece a importância dos valores culturais e tradicionais, sendo que tal deve ter um papel preponderante na sua conservação. Defende que as intervenções realizadas neste tipo de estrutura não devem tomar lugar sem um estudo que determine o estado da sua estrutura e formas. Após esse momento de análise dever-se-á assegurar que a intervenção seja fiel na sua relação com a paisagem, tanto a nível físico como cultural. Em relação à atribuição de novos usos, este documento refere que estes devem respeitar o existente na medida do possível. Assim, os objectivos de intervenção passam de igual forma por salvaguardar as estruturas vernaculares deste núcleo, pelo que a análise efectuada teve também um papel preponderante nas acções desenvolvidas em projecto. Apesar de ser proposto um novo uso relativamente ao original, não se adulterou as formas de nenhum dos espaços.

Esta carta salienta também como uma questão relevante a manutenção dos sistemas construtivos associados à estrutura vernacular, assim como a importância da sobrevivência des-

⁶ IGESPAR.PT (s.d) *Carta de Veneza (1964) Sobre a conservação e restauro de monumentos e dos sítios*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf. [consultado em Maio 2014]

⁷ IGESPAR.PT (s.d) *Carta de Cracóvia (2000) Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf [consultado em Maio 2014]

⁸ *Carta Sobre o Património Construído Vernáculo (1999)*, disponível em <http://cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-sobre-o-patrimonio-construido-vernaculo.pdf> [consultado em Maio 2014]

te modo de fazer, através da formação das gerações futuras de construtores.

Relativamente à utilização de novos materiais, estes devem manter a integridade da estrutura vernacular e serem consistentes com o existente.

No presente caso, o lugar de Legoinha, demonstra uma leitura que compreende um conjunto de memórias sedimentares correspondente a diferentes fases e camadas da História do lugar. Assim, a intervenção pretendida será realizada sobre a preexistência⁹.

Desta forma, importa distinguir as diferentes peças que constituem este caso de estudo, nomeadamente a igreja, o núcleo e a construção vernacular. Quanto à primeira, embora não constando do inventário da DGEMN, é evidente que esta construção é possuidora de um valor cultural e histórico, o que legitima a sua importância enquanto Património.

De facto, se se atentar à definição de Património segundo a Carta de Veneza, verifica-se que as características da igreja de Santo Amaro se enquadram neste sentido, que pelo seu valor próprio se constituiu como memória representativa da sua origem¹⁰. Assim, esta carta estabelece que “A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural”¹¹.

Por outro lado, relativamente ao lugar de Legoinha e em particular ao núcleo currais, armazéns, exemplar de arquitectura vernacular, ressalta-se o seu valor cultural, uma vez que se trata de um testemunho físico que deixa transparecer um modo de viver inerente à região trasmontana.

Esta representação das vivências das populações constitui-se como um vestígio dos hábitos passados, de rotinas, comportamentos e tradições, a partir da disposição interna dos espaços.

É importante considerar este significado colectivo, uma vez que este tem um contributo significativo para a compreensão da valorização e a sua manutenção possibilita uma passagem de conhecimento, simbolizando memórias e identidades colectivas. Para isto contribui uma característica fundamental destas obras, o seu estatuto de documento como um elemento histórico que reflecte a arte, técnica e cultura de uma determinada época¹².

Em ambas as intervenções evidenciam-se os vestígios históricos que se apresentam actualmente em estado de ruína. As ruínas não se apresentam apenas como símbolo do passado,

⁹ PERETTI, L. (1998). *Eduardo Souto de Moura : Temi di progetti = themes for projects : mostre di architettura al Museo d'Arte*. Milão: Skira

¹⁰ RAMOS, M [coord]. (2003). *A Matéria do Património- Memórias e Identidade*. Lisboa: Edições Colibri

¹¹ IGESPAR.PT (s.d) *Carta de Veneza (1964) Sobre a conservação e restauro de monumentos e dos sítios*, Artigo 1º. Disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartaDeVeneza.pdf. [consultado em Maio 2014]

¹² TOMÉ, M. (2002). *Património e Restauro em Portugal*. 1ª ed. Porto : Faup Publicações

mas também do modo de construir desse mesmo passado, um testemunho do que sucumbiu ao tempo e do que ainda resiste. Constitui-se, assim, como uma oportunidade de aprender com o essencial que perdura até ao presente¹³.

Na ruína, as três vertentes vitruvianas - *utilitas*, *firmitas* e *venustas* - encontram-se alteradas¹⁴. As duas primeiras encontram-se ausentes, enquanto que a terceira mantém-se de uma forma modificada, o que se traduz numa “ (...) arquitectura mutilada, incompleta (...) ”¹⁵. Desta forma, o desenho será o instrumento essencial numa tentativa de completar o que, fisicamente, já não existe. Assim, a ruína proporciona uma base de trabalho e aprendizagem para a realização da intervenção, que parte elementos fraccionados para alcançar uma nova dinâmica¹⁶.

Nesta intervenção, no caso particular do núcleo de currais e armazéns, tal questão apresenta-se como um problema específico a considerar e duas posições a adoptar: completar o aparelho de xisto rematando o plano incompleto ou assumir o seu estado de ruína, demarcando o novo acrescento. Intervir na ruína leva, naturalmente à questão da introdução e adequação de novos materiais. Na presente intervenção, a justificação para a manutenção da mesma não se prende com a evocação do passado. Na verdade, uma tentativa de reconstituição desta ruína iria destacar-se visivelmente do aparelho de pedra existente, o que seria contrário ao sentido desta estratégia. Deste modo, a ideia passa pela preservação da “caixa” antiga, introduzindo uma nova “caixa” contemporânea no seu interior que possa assim responder às necessidades actuais.

Deste modo, a postura da resolução da dicotomia novo-antigo será a adoptada por Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez na sua intervenção no núcleo rural de Idanha-a-Velha, em que os arquitectos estabeleceram que a resolução seria realizada através da valorização do novo assumidamente contemporâneo¹⁷.

Segundo Alves Costa¹⁸, cada caso a intervir representa um problema específico, sendo que “a teoria de intervenção nasce da circunstância nunca generalizável, circunstância a que, não só, pertencem a expressão da individualidade de cada autor, mas também a obrigação ética de um rigoroso e exaustivo reconhecimento histórico e arqueológico do edifício a transformar”¹⁹. Desta forma, e não ignorando cartas e convenções, é essencial utilizar a História como instrumento operativo de projecto, através de uma leitura, do reconhecimento e resolução de problemas singulares inerentes ao conjunto ou edifício. Salienta-se assim o papel da História e o seu estudo com ênfase no sentido prático que dela se pode retirar para aprendizagem e solução

¹³ USTRARRÓZ, A. (1997). *Le Leccion de las Ruínas: Presencia del Pensamiento griego y romano en la arquitectura*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos (Col. Arquithesis, nº1)

¹⁴ ALARCÃO, P. (2009). *Construir na ruína : A propósito da cidade romanizada de Conimbriga*. Porto: FAUP, p. 20

¹⁵ Idem

¹⁶ USTRARRÓZ, A. (1997). *Le Leccion de las Ruínas: Presencia del Pensamiento griego y romano en la arquitectura*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos (Col. Arquithesis, nº1)

¹⁷ COSTA ALVES, A. (2003). La arquitectura como arte de transformar: Reflexiones sobre Idanha-a-Velha. In Roca, F. (coord). *Renovación, Restauración y Recuperación Arquitectónica y Urbana en Portugal*. Granada: UG, p.112-141

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem, p. 115

de problemas em Arquitectura. Enquanto arquitectos, esta compreensão torna-se um instrumento quase imediato, uma vez que projecto e memória são indissociáveis, sendo que a História informa o projecto e irriga a ideia. Esta será, assim, representativa de uma base cultural feita por e para arquitectos que visa montar uma ferramenta interpretativa procurando identidades e especificidades.

Tal como Távora referiu, o passado não deverá ser algo que condiciona a solução²⁰, mas sim algo que participa da intervenção arquitectónica na perspectiva da construção de uma identidade cultural, aliando História, Espaço e Tempo.

Em suma, pretende-se, deste modo, originar a construção de uma narrativa, composta pelos vários elementos que a constituem de forma harmoniosa entre memória e presente. Propõe-se explicitar e tornar evidente utilizando o desenho como ferramenta principal, as especificidades, problemas, assim como considerar a transformação do real respeitando a memória do lugar.

Uma intervenção no existente com o objectivo de valorizar a obra implica a existência de uma resposta funcional. É fundamentalmente um confronto físico, em que se torna necessário realizar uma interpretação crítica da preexistência, em que o seu significado é incluído a diferentes profundidades, sendo um factor importante na intervenção²¹. Assim, evidencia-se uma questão fulcral a que esta intervenção pretende iniciar uma possível resposta: como lidar com o que resistiu fisicamente no tempo e que posição adoptar após a sua análise, na medida da sua possível demolição ou preservação.

“Não é possível (...) transformar sem interpretar (...).Sabemos que a interpretação, para um projecto de arquitectura, seja ele qual for, constitui um processo que não se pode considerar exclusivamente analítico porque é indissociável e interdependente da criação (...) Transformaremos sempre, esse é o nosso papel de arquitectos (...)”²²

²⁰ Távora, F. (1947). *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura

²¹ TOMÉ, R. (2002). *Património e Restauro em Portugal*. 1ª ed. Porto : Faup Publicações

²² COSTA ALVES,A. (2011) cit in ALARCÃO,P. & DIAS, L. [coord]. (2011). *Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia*. Porto: Faup, p. 79

3.2- Enunciado do programa

O presente exercício projectual tem como objectivo o estudo de uma composição e sequência de espaços que cumpram as funções de centro interpretativo do projecto *Rota da Fé*.

Como tal, explicitam-se agora os objectivos da Câmara Municipal de Alfândega da Fé para este projecto, no sentido de compreender a proposta deste programa.

Segundo a Câmara Municipal, a descoberta destes núcleos de pintural mural despole-taram a vontade de valorizar estas pinturas inseridas num projecto, dado o interesse que tem surgido neste tipo de representação. É, por isso, objectivo deste projecto potenciar um produto turístico, assim como o próprio concelho de Alfândega da Fé, tornando-o uma referência neste tipo de turismo (cultural e religioso). Pretende-se ainda que, para além do público geral, este projecto possa atrair também um público mais especializado, como historiadores, arqueólogos, arquitectos, assim como estudantes e professores destas áreas. A proposta inclui ainda a exposição de informação relacionada com o projecto e todos os elementos da rota nos percursos da capela de Santo Amaro e espaço público.

Para além destes objectivos, é propósito da *Rota da Fé* desenvolver relações/parcerias com entidades como por exemplo a Associação *Terras Quentes* e autores locais.

Consequentemente pretende-se a criação da marca Rota das Pinturas da Fé inerente a este projecto através da publicação de uma monografia, de um guia turístico, assim como a conceptualização de uma linha de *merchandising*.

Propõe-se desta forma, a reabilitação de uma construção do núcleo rural, uma vez que resultariam em espaços com propósitos específicos para os vários objectivos propostos, em detrimento da proposta da Câmara que se limita ao uso da nave da igreja, assim como de informação que vai perturbando os percursos através de painéis de maior expressão. Para além disto, por se situar à entrada do núcleo e o percurso se poder iniciar pela sua visita, cumpre-se o objectivo de assimilação da informação referente a este projecto antes da visita à capela ou depois da mesma.

Na globalidade, e tal como foi referido em capítulos anteriores, pretende-se enfatizar Legoinha como centro interpretativo desta rota.

Assim, a edificação a reabilitar destina-se a albergar funções de apoio, sendo portanto pretendido que possa integrar espaços de exposição e explicação do projecto, um espaço no

qual possam decorrer pequenas conferências proferidas por profissionais especializados, espaços de investigação e espaços de carácter mais público como uma cafetaria.

Desta forma, propõe-se um programa que através dos seguintes espaços que irão ser enunciados, possa responder aos vários pontos que a câmara de Alfandega da Fé se propõe cumprir no que diz respeito a este projecto.

Programa proposto:

- Átrio de distribuição
- Recepção
- Sanitários Gerais
- Loja da *Rota da Fé*
- Cafetaria
- Centro Expositivo e Galeria
- Auditório (capacidade para 20 pessoas)
- Sala de leitura
- Gabinete de investigação
- Gabinete de administração (Director)

Para além dos espaços próprios associados a um equipamento público, tais como a **recepção**, **sanitários gerais** e **cafetaria**, integrar-se-ão espaços de carácter mais específico que serão explicitados seguidamente.

Propõe-se um espaço destinado a uma **loja**, onde se disponibilizaria a venda da monografia, do guia turístico, assim como dos vários produtos da marca *Rota da Fé*.

Sugere-se também um **centro expositivo e galeria**, que possa incorporar exposições permanentes de toda a informação necessária à compreensão deste projecto, assim como, exposições temporárias que possam ser renovadas e que, por isso, atrairiam público ciclicamente.

Uma vez que é pretendido atrair público especializado e geral, propõe-se um espaço de **auditório** destinado a palestras para pequenos grupos.

Será também importante incluir uma **sala de leitura** destinada a bibliografia específica desta área de estudo, que poderá ser um espaço de carácter mais público para consulta, assim como para grupos de investigadores.

Sugere-se, por fim, um **gabinete de investigação** e um **gabinete de administração**. O primeiro será para um pequeno grupo de investigadores na área da pintura mural, que poderia decorrer das relações de parceria com a Associação *Terras Quentes*. O segundo será destinado ao responsável pela administração do centro interpretativo.



fig. 103- Montagem para simulação de uma camada de reboco que deixasse apreender a materlidade da igreja

3.3 Caracterização da solução

A estratégia de intervenção delimitada, tal como já anteriormente mencionada, incide em três frentes abordadas: A Igreja de Santo Amaro, o núcleo rural e, em particular, um núcleo de currais e armazéns agrícolas.

Relativamente à Igreja, a proposta de reabilitação pretende gerar uma discussão assente no lançamento de três hipóteses decorridas da análise da sua metamorfose no tempo, já descritas no subcapítulo referente à estratégia de intervenção. Assim, a realização da proposta não visa seguir o caminho de se centrar exclusivamente no exercício de reabilitação do que se encontra em ruína, o que seria mais redutor na sua essência, mas partir das questões envolvidas à sua espacialidade. Pretende-se essencialmente devolver ao núcleo o espaço da igreja e a sua interacção com o lugar, enquanto peça marcante. Desta forma, e consequência da análise, compreende-se a importância da manutenção do corpo da nave, dado o facto de esta datar, possivelmente, do século XVIII e da presença de pinturas murais executadas a fresco.

Decorrente do início dos trabalhos de reabilitação e da consequente picagem do reboco, é possível constatar a aplicação de sucessivas camadas sobrepostas ao longo do tempo. Neste sentido, propõe-se a restituição do reboco, como referido na estratégia de intervenção, mas de forma a que seja possível apreender a leitura da constituição da sua materialidade (alvenaria de xisto), contrariamente ao que se verifica na actualidade. (**fig**)

Quanto às coberturas, propõe-se a manutenção e recuperação da cobertura de madeira da capela-mor, e da reestruturação da cobertura da nave segundo as cicatrizes reveladas na obra, ou seja, uma cobertura de duas águas com forro de madeira a três tempos.

Relativamente aos vãos, propõe-se de igual forma a sua manutenção tal como a picagem do reboco os revela: no principal portal na nave manter-se-ia a padieira, assim como, a espinha que surge por cima, como forma de marcar a entrada; no portal da parede Norte da nave, propõe-se a sua total manutenção e da sua estereotomia; por fim, o arco triunfal segue a mesma estratégia.

Para além destas três hipóteses, é no entanto de referir a existência de um projecto desenvolvido por um grupo de trabalho da Câmara Municipal de Alfândega da Fé inserido na *Rota da Fé*.

Como a solução apresentada não foi considerada no processo de elaboração da presente proposta, a documentação referente à mesma encontra-se disponível para consulta em anexo²³. Com a consciência da existência deste projecto, optou-se por partir da análise do lugar e de uma leitura no tempo para o desenvolvimento das três hipóteses de trabalho.

²³ Documentação gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé

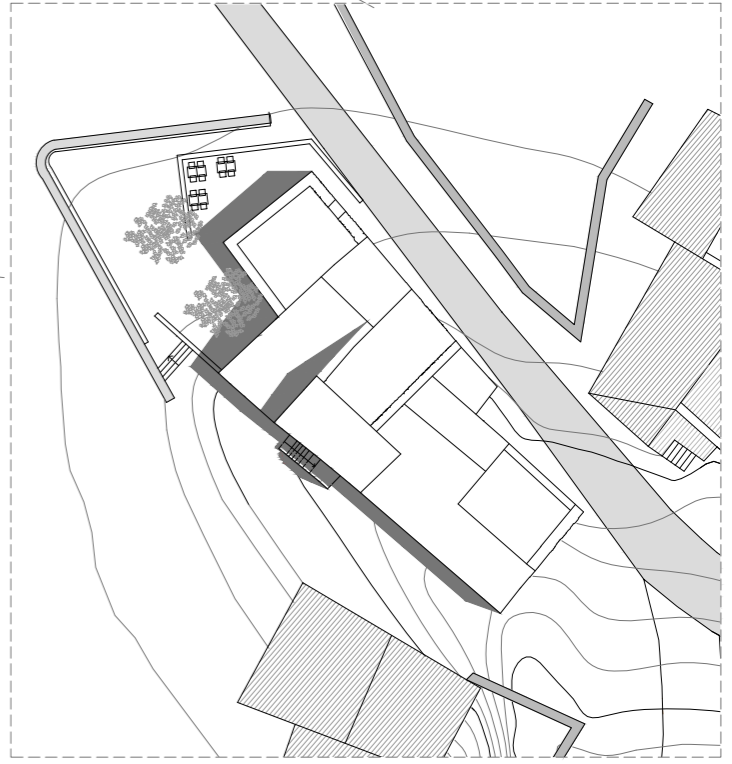
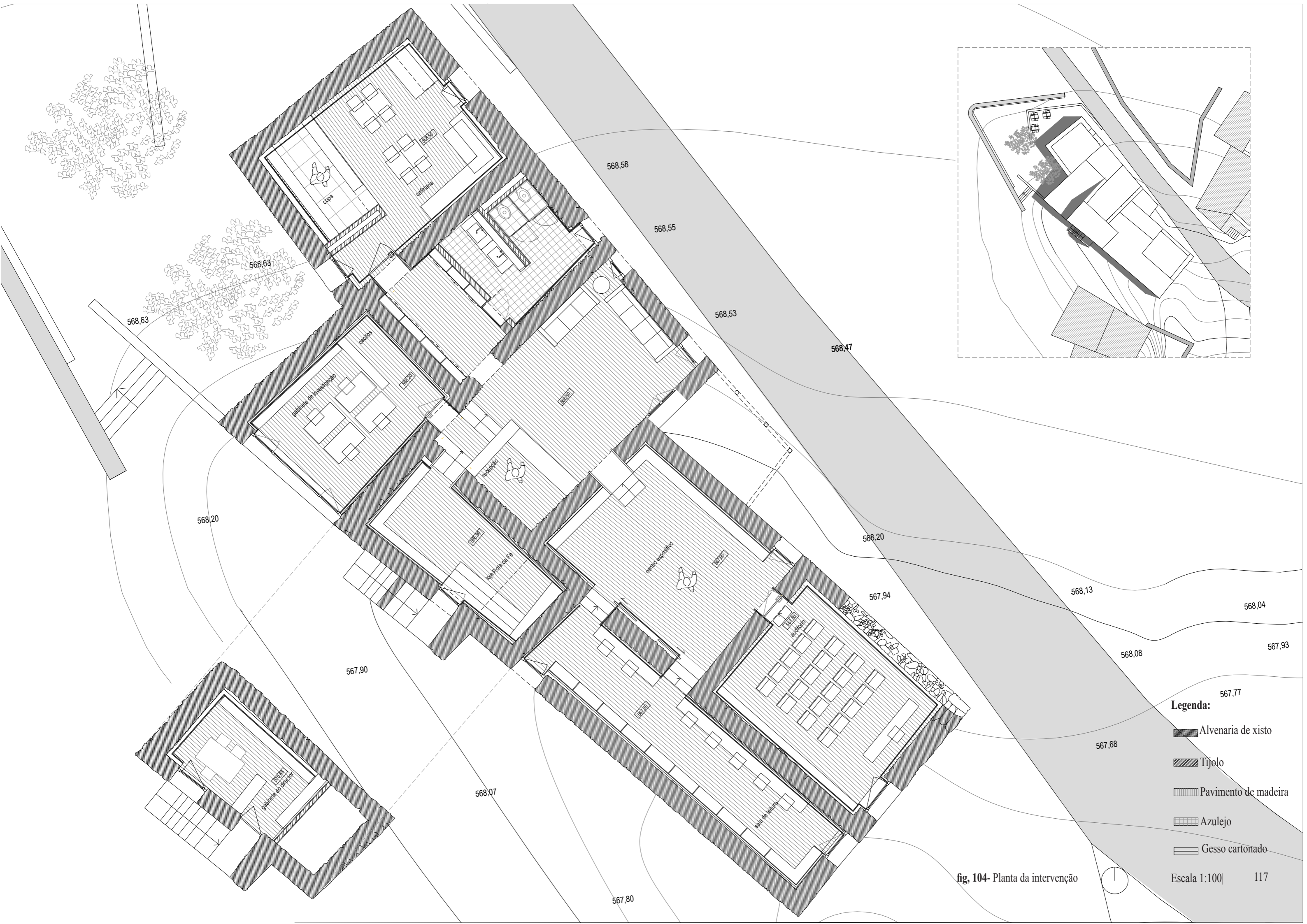
Quanto ao núcleo, nomeadamente o trabalho do seu espaço público, pretende-se apenas destacar os dois percursos de maior expressão e movimento, tornando-os exclusivamente pedonais. Sugere-se que estes sejam revestidos de saibro e de uma calha que assim realiza a separação entre percurso e zona de vegetação espontânea. Para tal, partiu-se da imagem de referência do trabalho do arquitecto Eduardo Souto Moura na pousada de Santa Maria de Bouro que recorre a uma guia metálica para separar e demarcar o percurso (**fig.**).

Para o último caso, as ruínas de um núcleo de currais e armazéns agrícolas, procura-se uma intervenção que transforma esta função num centro interpretativo, sem a adulterar, tirando partido do lugar em que se insere. Assim, tendo por base este programa específico estabelecido, propõe-se uma solução arquitectónica que não descure a sua relação com a preexistência. Aproveitando a modelação interior existente, opta-se por colocar a entrada numa zona relativamente centralizada, no desencontro das fachadas que se voltam para a via, num ponto de tensão que distribui o programa a partir desse núcleo. Este núcleo centralizado incluiu, assim, a zona de entrada com um pequeno *maple*, recepção e acesso aos sanitários gerais.

A colocação da loja surge associada à entrada, uma vez que se constitui como um espaço de carácter público e, por esta razão, opta-se por manter também o seu acesso exterior. Este será um espaço de venda de produtos da marca *Rota da Fé*, onde se destina ainda um espaço com uma pequena bancada – espaço de estar com pé-direito, duplo que surge para pontuar este espaço - a que se poderão associar visualização de vídeos e projecção de informação dos restantes elementos da *Rota da Fé*. A partir deste núcleo central, distribui-se para o lado esquerdo os espaços mais ligados à Rota e associados à vista sobre o núcleo e igreja. Para o lado direito, os espaços de carácter mais público, como é o caso da cafetaria e do espaço de investigação, que não seria dedicado exclusivamente à rota. Estes espaços associar-se-ão à requalificação de um espaço exterior, onde se pretende constituir uma espécie de miradouro sobre a paisagem que é possível visualizar a partir de Legoinha.

Relativamente à ala direita do programa, localizou-se o centro expositivo o mais perto da entrada, para que o acesso às exposições seja o mais imediato possível. O pequeno auditório surge no espaço, cuja leitura se pode traduzir como uma “caixa” configurada. A sala de leitura localiza-se lateralmente, sendo que a proposta de duas entradas pretende assim quebrar a leitura do corredor lateral e estreito, para além de fornecer uma entrada mais próxima, sem a necessidade de se percorrer todo o centro expositivo.

No que concerne à ala esquerda do núcleo de distribuição, localizam-se os sanitários gerais, optando-se pela colocação de uma porta com vidro na continuidade com o vão existente, o que consequentemente conduz um feixe de luz ao átrio de acesso à cafetaria. Propõe-se ainda nesta ala o gabinete de investigação com uma zona de antecâmara com cacifos. Surge por fim a cafetaria, associada ao espaço exterior e contemplada por um novo vão proposto, uma vez que o único vão existente se revela insuficiente para a iluminação e ventilação natural do espaço.



- Legenda:**
- Alvenaria de xisto
 - Tijolo
 - Pavimento de madeira
 - Azulejo
 - Gesso cartonado
- Escala 1:100 | 117

fig. 104- Planta da intervenção

De acordo com o que foi exposto na estratégia de intervenção, pretende-se manter a integridade total dos espaços. Assim, mantém-se o espaço destinado ao gabinete do responsável pela gestão do centro apenas com o seu acesso através da escada exterior; tal sustenta-se também pelo facto de não se tratar de um espaço de ocupação permanente.

Segundo os pontos definidos, no que concerne o binómio antigo-novo, os materiais a introduzir seriam demarcados do aparelho de xisto existente. É impossível separar as opções formais e construtivas das intenções de projecto, pelo que a introdução de uma “caixa” de zinco permitiria assim resolver alguns problemas detectados, como a questão do pé-direito, por vezes insuficiente para a escala humana, tornando-o numa medida regulamentar. Para além de surgir como uma segunda “caixa” dentro do antigo, este conceito marca também os espaços de carácter mais público dentro do centro interpretativo, isto é, o auditório e a cafetaria.

Recorrendo a algumas imagens de referência, como é o caso da reabilitação e reutilização de um grupo de palheiros situados na rua de São Damasco na intervenção em Idanha-a-Velha do *Atelier 15* (**fig. 106**) e a intervenção em Vouzela do arquitecto João Pedro Serôdio (**fig.107**), reforçou-se a escolha de materiais mais tradicionais, nomeadamente a madeira para as caixilharias, acrescendo ainda o facto de se tratar de um material com uma boa capacidade de isolamento.

Como explicitado na estratégia, relativamente a vãos, sugere-se a manutenção de todos que se apresentam em bom estado, sendo que os novos assemelham-se aos originais no que à sua largura diz respeito, variando apenas na altura. Na sua relação com o exterior, cria-se um percurso de ligação entre a cafetaria e a requalificação do espaço delimitado pelo muro de contenção, para uma esplanada exterior e contemplação da paisagem, pontuado por oliveiras, a árvore existente no lugar.

Devido ao carácter contemporâneo da presente intervenção, houve um cuidado em melhorar as condições do edifício. Assim, propõe-se a colocação de isolamento e revestimento do interior a gesso cartonado, substituição das estruturas de madeira por novas e reposição de telhas. Para além disso, a introdução da nova “caixa” revestida a zinco permite criar novos espaços nos espaços em ruína. Esta seria igualmente isolada termicamente, afixada numa nova estrutura de madeira, congruente com as estruturas existentes. Importa realçar que, uma vez que este projecto não é um projecto de execução, o objectivo prendeu-se com a transmissão de princípios de como esta ideia se poderia eventualmente materializar.

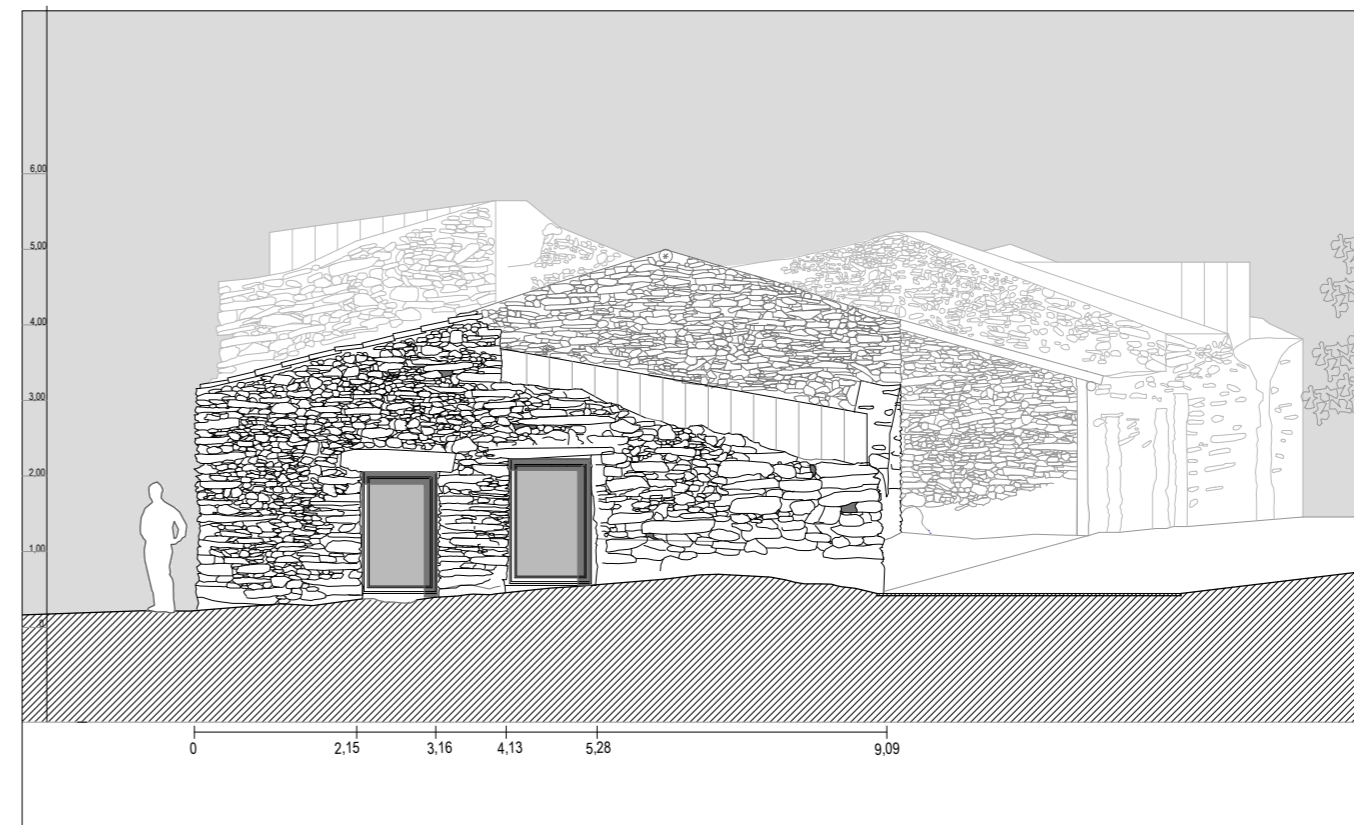
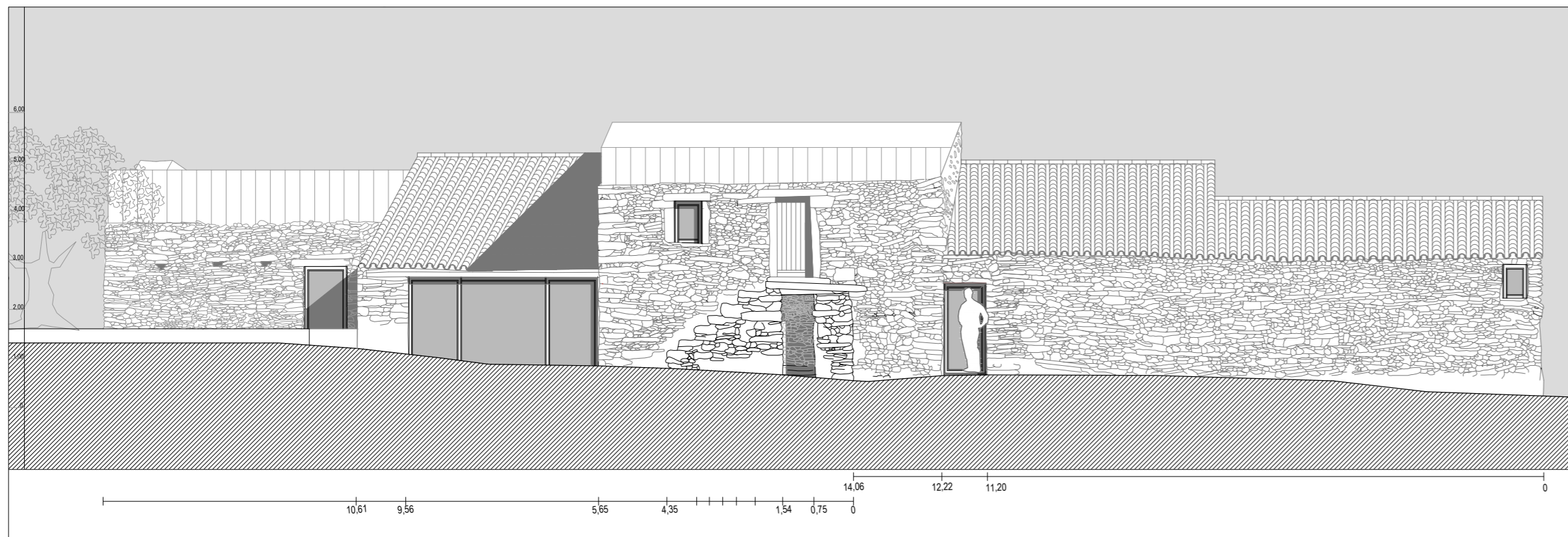


fig. 105- Alçados propostos

Escala 1:100



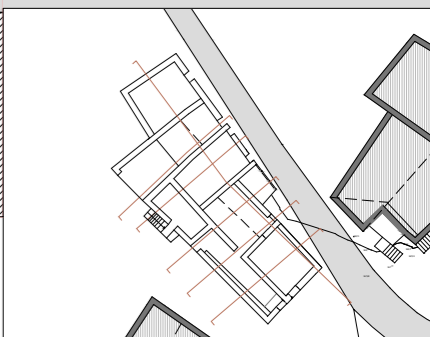
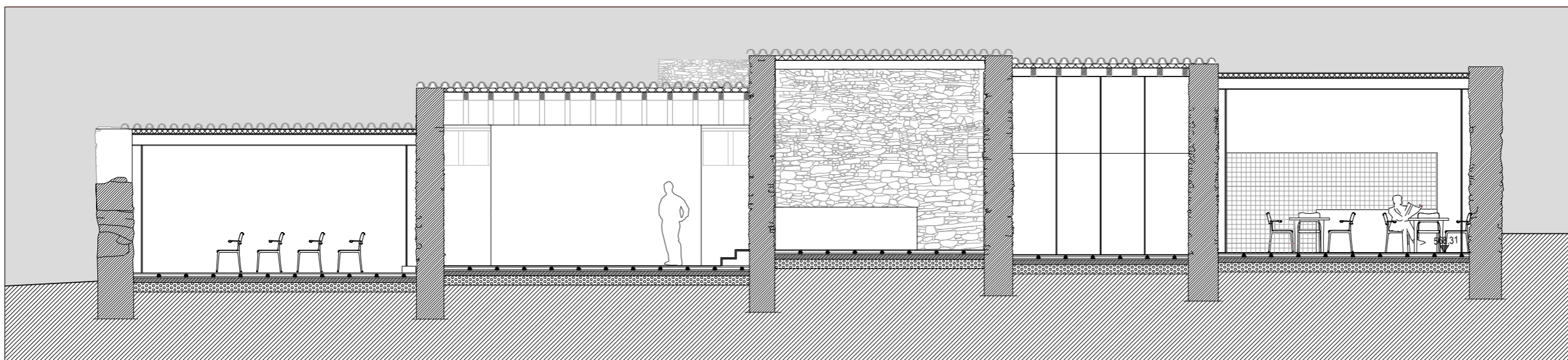
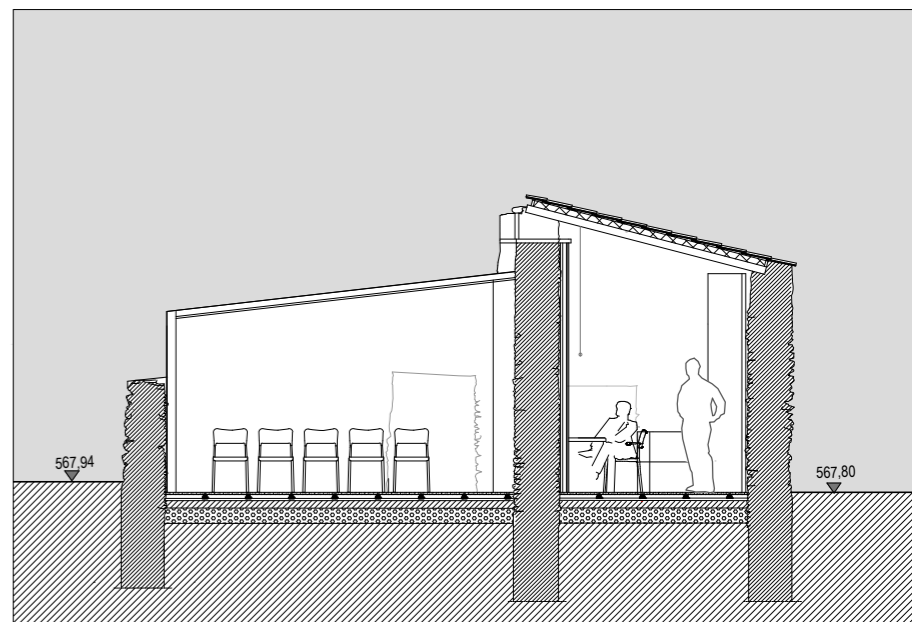
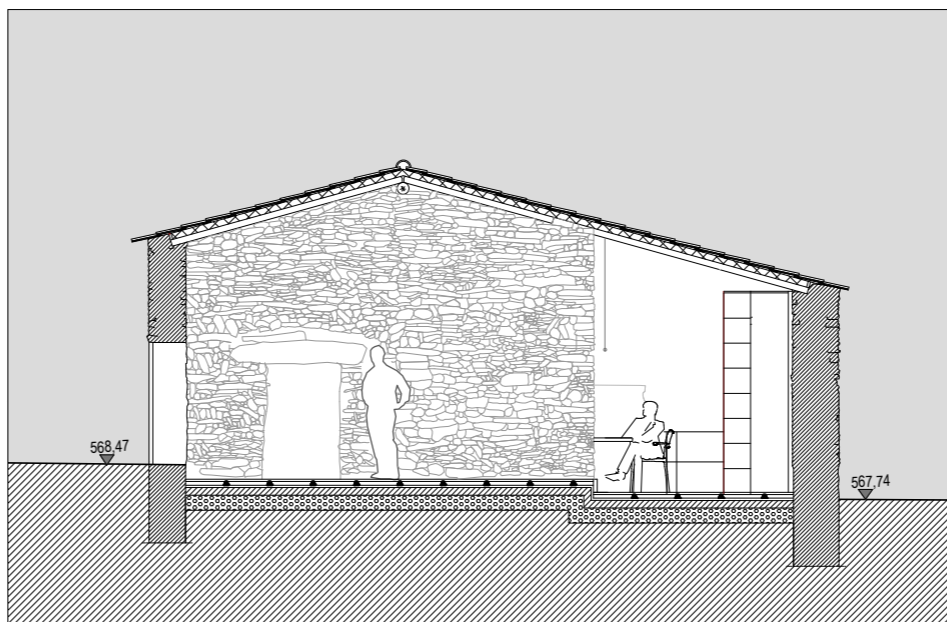
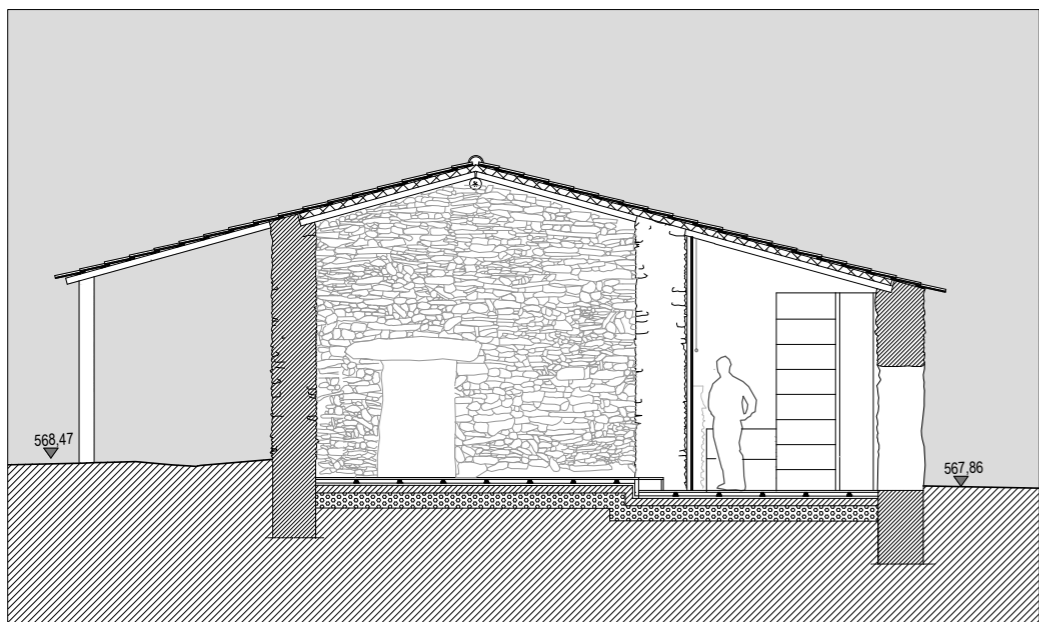
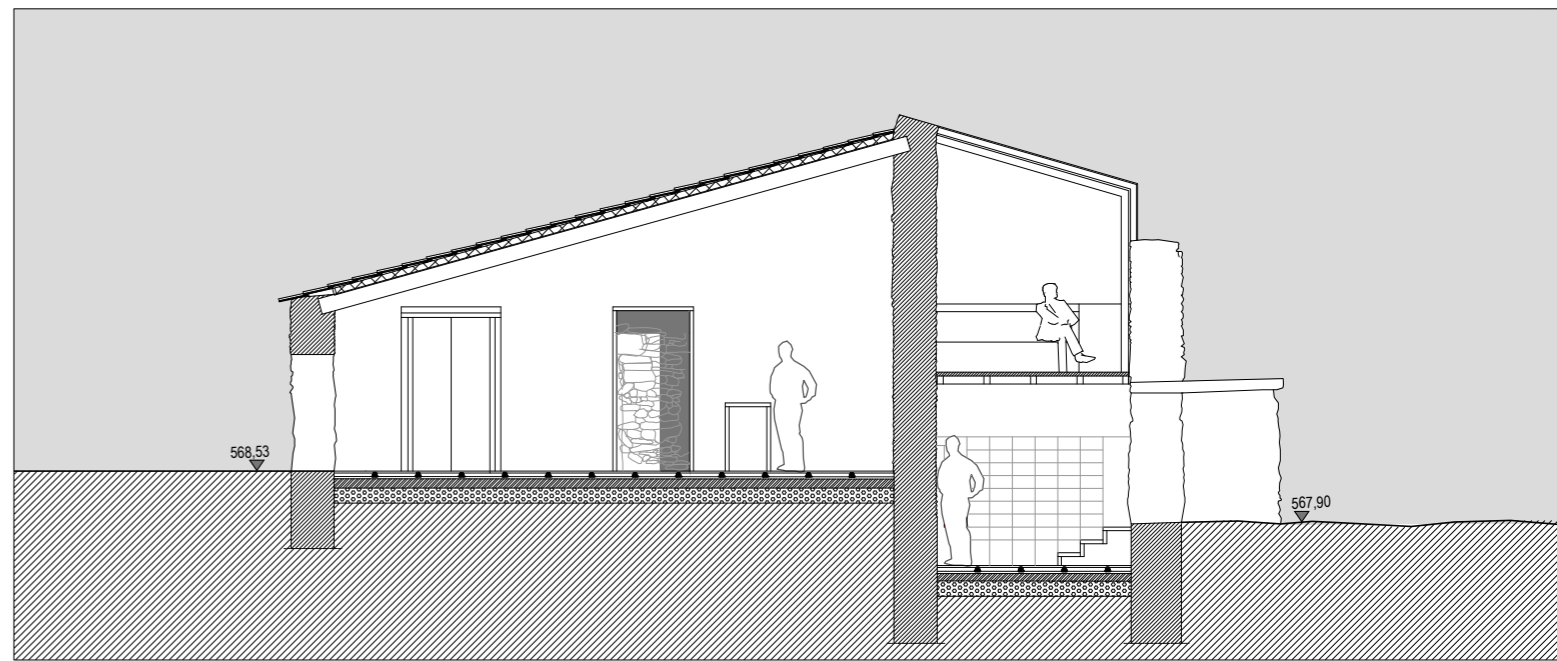
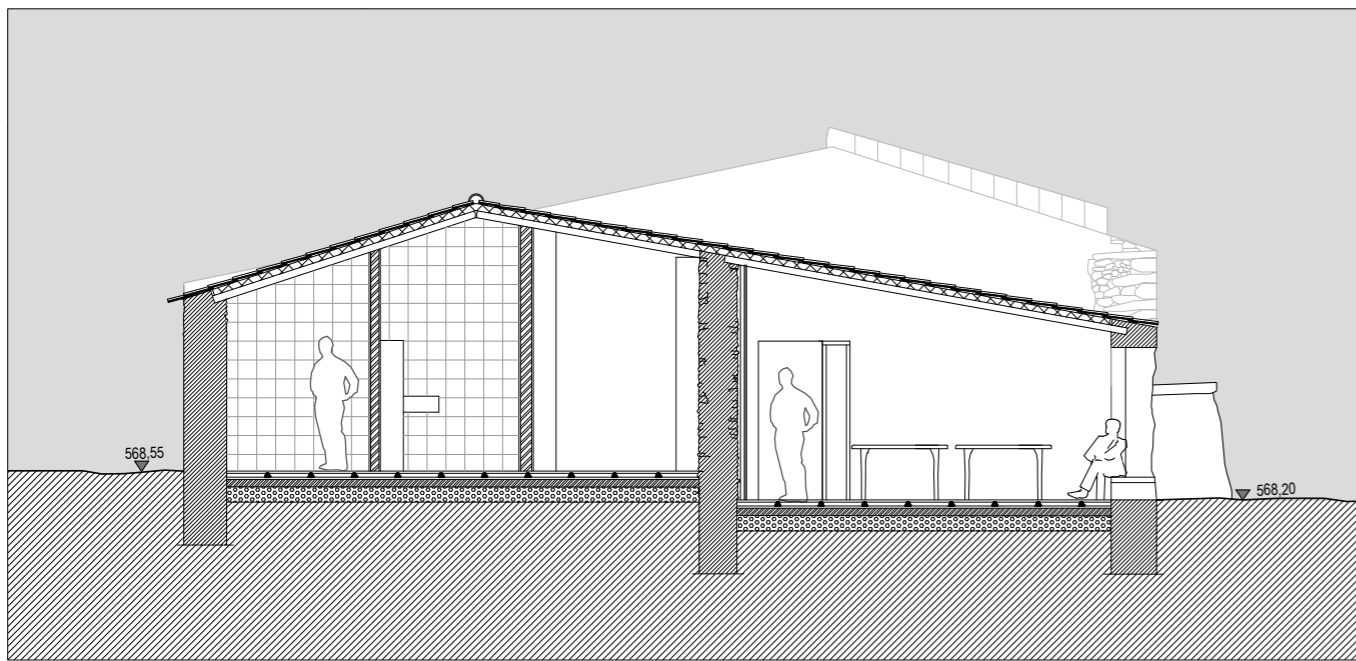
fig. 106- Intervenção de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez (Atelier 15) em Idanha-a-Velha - binómio novo-antigo de material num conjunto de palheiros



fig. 107- Intervenção em Vouzela do arquitecto João Pedro Serôdio



fig. 108- Pousada de Santa Maria de Bouro - aplicação de guia metálica



- Legenda:**
- Isolamento
 -
 Regularização
 -
 Tijolo
 -
 Camada de brita

fig. 109- Cortes da intervenção Escala 1:100

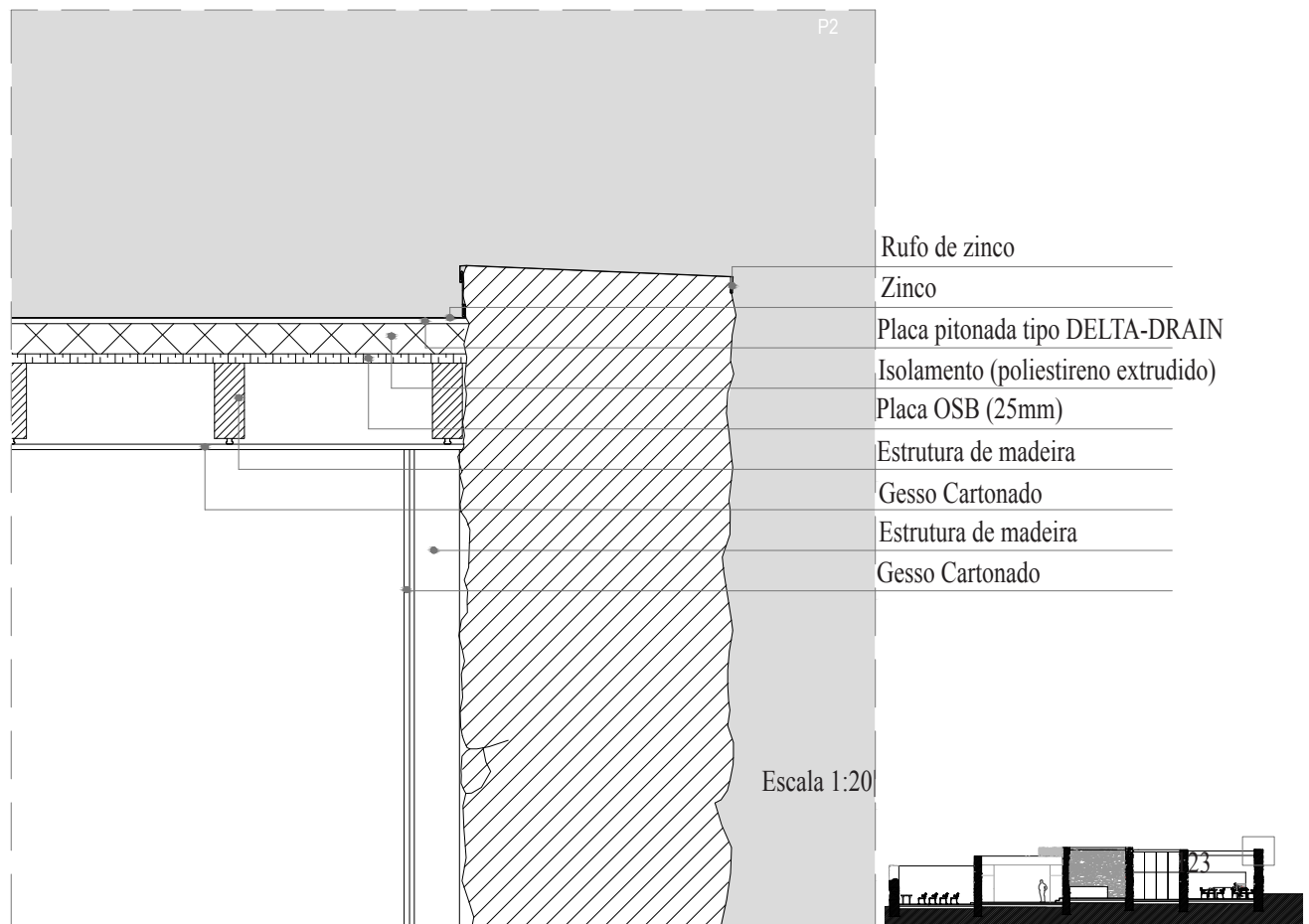
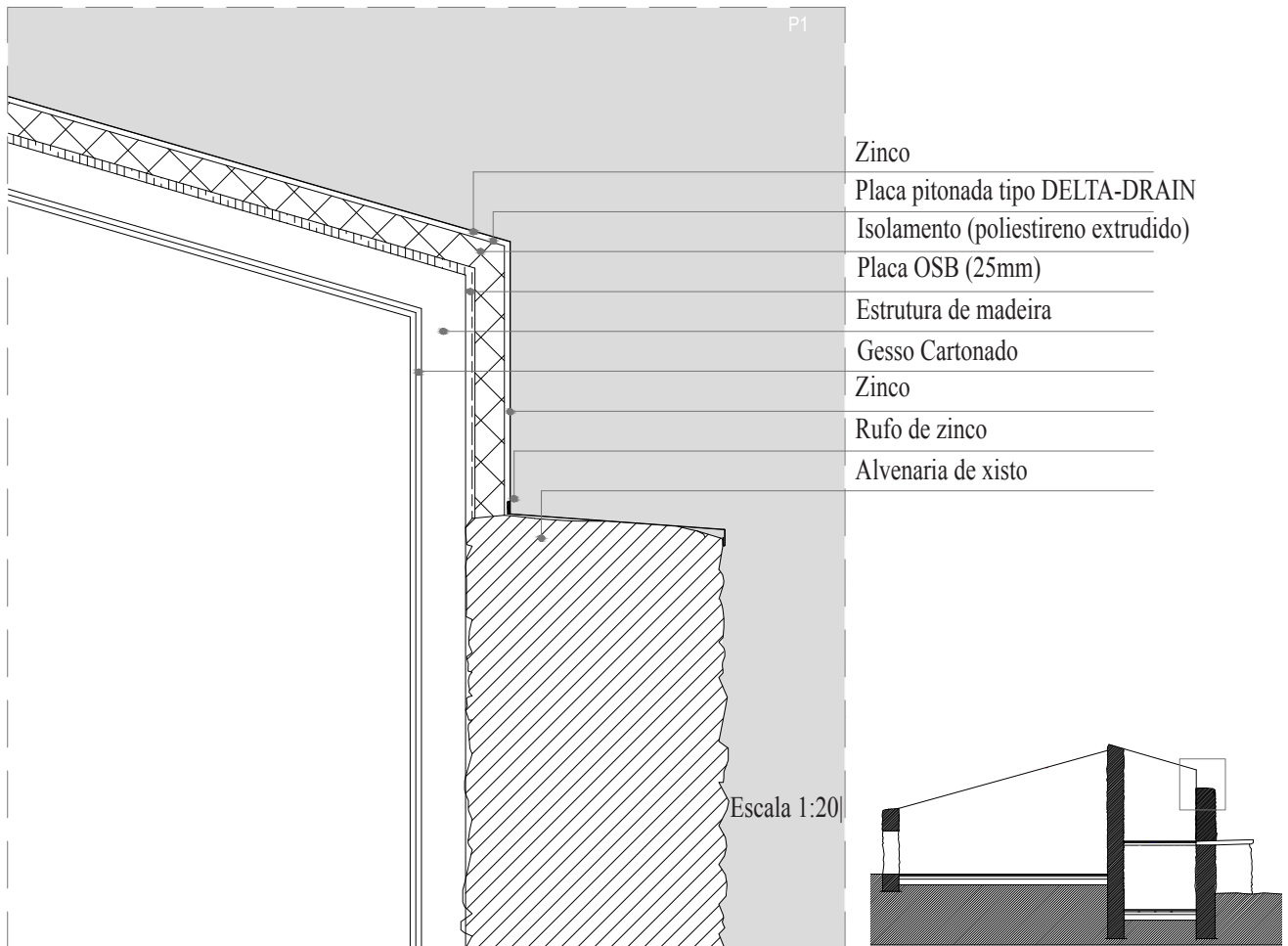


fig. 108- Pormenores construtivos da possível materialização da proposta de intervenção

Considerações finais

Após a apresentação do trabalho de análise e projecto, torna-se visível a importância e pertinência do estudo do lugar de Legoinha e Igreja de Santo Amaro, quer pela sua origem e metamorfose temporal, quer pelo seu valor arquitectónico, assim como pela descoberta inédita de um núcleo de pintura mural datado do século XVI. No entanto, encontra-se numa situação de estagnação e isolamento, tal como um grande número de núcleos rurais, especialmente no contexto trasmontano, cuja subversão seria um dos objectivos desta proposta.

Pretendeu-se, assim, envolver a igreja numa estratégia que não fosse limitada a si própria, mas focada numa leitura mais abrangente, partindo do lugar. Particularmente, optou-se por abranger neste estudo um dos núcleos de habitação, uma vez que a sua compreensão conduziu ao entendimento de um testemunho cultural e construtivo de um modo de viver. Consequentemente, a sugestão da sua reabilitação permitiu propor um novo programa que cumprisse os objectivos a que a Câmara Municipal de Alfândega da Fé se propõe com o projecto *Rota da Fé*.

Importa salientar que a presente proposta visou, mais do que a versão final de um projecto, partir das solicitações específicas e do carácter deste lugar no sentido de reconhecer e compreender as suas particularidades e problemas. Pretendeu-se, de igual forma, incitar a reflexão do que significa intervir neste tipo de contexto rural e arquitectónico vernacular. Como tal, o presente estudo, conduziu a um processo de aprendizagem relativo à leitura e interpretação dos vestígios e da compreensão de um modo de construir. A inclusão do exercício de reabilitação de estruturas em estado de ruína veio, assim, consolidar conhecimentos de como lidar com a preexistência, com o valor da memória e questões patrimoniais. Tal resultou também no desafio de dar resposta a um novo programa proposto e, consequentemente novas exigências, mas sempre com o objectivo de manter a essência dos objectos a partir de uma intervenção mínima.

Assim, procurou-se compreender a importância da peça e do todo, tanto ao nível da leitura como do projecto, e de como este processo corresponde a uma relação indissociável de ambos.

A importância da descoberta destes núcleos de pintura mural, como referido anteriormente, incitou o desenvolvimento de um projecto por parte da Câmara Municipal de Alfândega da Fé. No entanto, a proposta da Câmara Municipal parte de uma abordagem distinta daquela a que o trabalho de interpretação e análise conduziu. O projecto existente baseia-se na premissa de um núcleo repartido em diferentes zonas por forma a proporcionar diferentes espaços. Tal premissa resulta numa proposta que não demonstra uma ideia de conjunto, numa visão repartida que interfere com a relação entre este e a igreja. Assim, confere-se um carácter mais rígido a um espaço de formação espontânea e que contraria a ideia de formação deste núcleo rural.

Por outro lado, a proposta de inclusão da área de estacionamento automóvel dentro do núcleo pressuporia a alteração da dinâmica natural do lugar através da introdução de pavimentos duros.

Relativamente à Igreja de Santo Amaro, é proposto apenas a reconstrução para manter o que existia. No entanto, em termos de espaço demonstra-se uma vontade de intervir através de novas soluções da cobertura e de vãos (nomeadamente o vão Norte da nave). Deste modo, a nível da espacialidade interior, ressalta em primeiro lugar a cobertura da capela-mor, uma vez que na solução apontada não se reconhece uma cobertura do século XVI.

Assim, tendo consciência plena de que o projecto proposto pela Câmara Municipal corresponde a um projecto de execução, que por isso aponta soluções concretas e detalhadas, a presente dissertação pretende apenas apontar hipóteses e um modo de intervir congruente com uma estratégia.

Actualmente assiste-se a uma preocupação crescente em recuperar o existente e preservar a memória, em detrimento da construção de novas estruturas. Este exercício pretendeu contribuir para uma maior compreensão de uma área do país desfasada da realidade de zonas mais desenvolvidas, através do estudo de lugares recônditos e votados ao abandono. Com efeito, o interior trasmontano apresenta baixos índices demográficos, com uma população francamente envelhecida que usufrui de poucos serviços e escassos acessos.

De facto, o projecto *Rota da Fé* revela potencial para focalizar atenção neste tipo de questões e como intervenções centralizadas na reabilitação tanto dos edifícios como dos lugares, poderão beneficiar as populações dos núcleos rurais.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, J., MARTINS, F. & MENEZES, C. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos
- ALARCÃO, P. (2009). *Construir na ruína : A propósito da cidade romanizada de Conimbriga*. Porto: FAUP.
- ALARCÃO, P. & DIAS, L. [coord]. (2008). *Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia*. Porto: Faup.
- ARAÚJO, A. & DIAS, C & FILGUEIRAS, O. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa : Ordem dos Arquitectos.
- Arquivo Distrital de Braga. Arquivo Diocesano: Inventário da arquidiocese de Braga 1424-1910.
- BACA, Luís Fernando Guerrero – *La Salvaguardia de la arquitectura Vernáculain XXII Reunion Nacional de ASINEA*, México, Maio 2003, pp.67-68.
- BAÇAL, A. (1982). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. 3ª Ed. Bragança: Tipografia Académica.
- CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).
- Câmara Municipal de Alfândega da Fé (2012). Memória Descritiva e Justificatória.
- Câmara Municipal de Alfândega da Fé (s.d.). Projecto “Pinturas da Fé”: Nota descritiva e justificativa.
- Carta Sobre o Património Construído Vernáculo (1999)*, disponível em <http://cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-sobre-o-patrimonio-construido-vernaculo.pdf> [consultado em Maio 2014].
- COSTA ALVES, A. (2003). La arquitectura como arte de transformar: Reflexiones sobre Idanha-a-Velha. In Roca, F. (coord). *Renovación, Restauración y Recuperación Arquitectónica y Urbana en Portugal*. Granada: UG, p.112-141.
- D’ABREU, A. C., CORREIA, T. P. & OLIVEIRA, R. (coord). (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal*. Évora: Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico, Universidade de Évora.
- DIAS, P. (1994). *Arquitectura Mudéjar Portuguesa: Tentativa de sistematização*. Man Liberrum: Lisboa.
- IGESPAR.PT (s.d) *Carta de Cracóvia (2000) Princípios para a conservação e o restauro do Património Construído*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf [consultado em Maio 2014].
- IGESPAR.PT (s.d) *Carta de Veneza (1964) Sobre a conservação e restauro de monumentos e dos sítios*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf. [consultado em Maio 2014].

IGESPAR.PT (s.d). *Carta de Atenas (1931) Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos*, disponível em www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf. [consultado em Maio 2014].

Instituto Geográfico do Exército (1996). *Alfândega da Fé- Carta militar de Portugal 1:25 000* Ed. 2. Lisboa : I.G.E.

KUBLER, G. (1972). *Portuguese plain architecture : between spices and diamonds : 1521-1706*. Middletown : Wesleyan University Press

LEAL & SILVA (2007) cit. in SOUSA, A. (2011). *Arquitetura Religiosa Quinhentista: transformações espaciais e objectos litúrgicos*. Ciclo de Conferências/Curso de Formação [RE]ENCONTROS COM A HISTÓRIA DAS ARTES. Auditório da Escola Secundária de Rio Tinto, 10 Setembro 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/armi2006/arquitetura-quinhentista-9321181>

LEAL, A. (1873). *Portugal Antigo e Moderno*. Tomo IX. 1ª Ed. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, p. 106.

LEAL, L., SILVA, L. & NAITO, R. (2009). *Relação de novos casos de pintura mural resultantes do inventário histórico-artístico da diocese de Bragança-Miranda*. *Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros «Terras Quentes»*, 6, pp. 57-64. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=40>

MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Capela de Nª Sª de Jerusalém* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2251. [consultado em dezembro 2013].

MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Capela Divino Senhor dos Milagres* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18616 [consultado em Dezembro 2013].

MONUMENTOS.PT (s.d.). *Inventário Arquitectónico Nacional – Igreja de Nª. Sª. de Guadalupe* (online). Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5729. [consultado em Dezembro 2013].

OLIVEIRA, E. & GALHANO F. (2003). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.

PERETTI, L. (1998). *Eduardo Souto de Moura : Temi di progetti = themes for projects : mostre di architettura al Museo d'Arte*. Milão: Skira.

PESSANHA, J. (1897). *Alfândega da Fé – breve estudo feito acerca d'esta villa de Portugal*. Bragança: Typographia Brigantina.

RAMOS, M [coord]. (2003). *A Matéria do Património- Memórias e Identidade*. Lisboa: Edições Colibri.

RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). *Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias-Vilar Chão*. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1550> [consultado em Janeiro 2014].

RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). *Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias-Valverde*. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1549> [consultado em Ja-

neiro 2014].

RETRATOSERECANTOS.PT (s.d.). Informações sobre os Distritos, Concelhos e Freguesias-Sendim da Ribeira. Disponível em: <http://retratoserecantos.pt/freguesia.php?id=1544> [consultado em Janeiro 2014]

ROSAS, L. (2003). Arquitectura religiosa tardo-medieval e pintura mural: Relações litúrgicas e espaciais. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e técnicas do património*, I Série vol. 2, pp. 419-441.

TÁVORA, F. (1947). *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura.

TERRASQUENTES.COM.PT (s.d.). Património Histórico-Artístico. Disponível em <http://www.terrasquentes.com.pt/content.aspx?id=107> [consultado em Julho 2013].

TOMÉ, M. (2002). *Património e Restauro em Portugal*. 1ª ed. Porto : Faup Publicações.

TORGA, M. (1950). *Portugal*. 7. edição, Lisboa: Dom Quixote.

TORGA, M. (1978). *Diário I*. 6ª edição, Coimbra: Ed. do Autor.

Trigueiros, L. (2000). *Eduardo souto Moura*. Lisboa: Blau.

ULTRARRÓZ, A. (1997). *Le Leccion de las Ruínas: Presencia del Pensamiento griego y romano en la arquitectura*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos (Col. Arquíthesis, nº1).

VILARES, J. (1925). *Monografia do Concelho de Alfândega da Fé*, Porto: Comp. Portuguesa.

Referência de Imagens

Fig. 1: Desenho de autor baseado em imagem disponível em www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=961438 consultado em Junho de 2013.

Fig. 2: Desenho de autor baseado em imagem disponível em www.residuosdonordeste.pt/concelhos/alfandegaFe.

Fig. 3-4: Desenho de autor baseado em: Instituto Geográfico do Exército (1996). Alfândega da Fé – Carta Militar de Portugal 1:25000. Quadrículas 47-132. Ed. 2. Lisboa: IGE.

Fig. 5-6: Desenho de autor baseado em: Geográfico do Exército (1996). Alfândega da Fé – Carta Militar de Portugal 1:25000. Quadrícula 5. Ed. 2. Lisboa: IGE.

Fig. 7: Desenho de autor baseado em fotografia aérea disponível em google.maps.pt

Fig. 8-10: Fotografia aérea disponível em google.maps.pt.

Fig. 11: Desenho de autor baseado em documentação cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé e com fotografias aéreas disponíveis em google.maps.pt.

Fig. 12: Mapeamento fotográfico de autor do núcleo rural de Legoinha.

Fig. 13: Desenho de autor baseado em documentação cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé e com fotografias aéreas disponíveis em google.maps.pt.

Fig. 14-15: Desenho de autor – Levantamento Rigoroso (2013).

Fig. 16: Mapeamento fotográfico de autor do exterior do núcleo de currais, armazéns e hipotética habitação.

Fig. 17: Mapeamento fotográfico de autor dos interiores do núcleo de currais, armazéns e hipotética habitação.

Fig. 18: Desenho e fotografias de autor – Levantamento Rigoroso (2013).

Fig. 19: Desenho de autor – Levantamento Rigoroso (2013).

Fig. 20: Desenho de autor baseado em: Instituto Geográfico do Exército (1996). Alfândega da Fé – Carta Militar de Portugal 1:25000. Quadrículas 47-132. Ed. 2. Lisboa: IGE.

Fig. 21: Desenho cedido pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 22: Fotografia de autor.

Fig. 23-27: Fotografias disponíveis em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18623 consultado em Maio de 2014.

Fig. 28: Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 29-31: Fotografias disponíveis em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18623 consultado em Maio de 2014.

Fig. 32: Desenho de autor – cronologia.

Fig. 33: Desenho de autor e desenho baseado em documentação da Câmara de Alfândega da Fé (planta da Capela de S. Geraldo).

Fig. 34: Desenhos cedidos pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 35: Desenho de autor baseado em fotografia aérea disponível em google.maps.pt.

Fig. 36: Desenho de autor – cronologia.

Fig. 37 – 45: Fotografias disponíveis em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2251 consultado em Maio de 2014.

Fig. 46: Desenho de autor baseado em fotografia aérea disponível em google.maps.pt.

Fig. 47-48: Fotografias cedidas por João Nunes disponíveis em freguesiavalverde.blogspot.pt consultado em Maio de 2014.

Fig. 49: Desenho de autor – cronologia.

Fig. 50-52: Fotografias cedidas por João Nunes disponíveis em freguesiavalverde.blogspot.pt consultado em Maio de 2014.

Fig. 53: Fotografia de CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por Descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

Fig. 54: Desenho de autor baseado em fotografias aéreas disponíveis em google.maps.pt.

Fig. 55-58: Fotografias disponíveis em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=18616 consultado em Maio de 2014.

Fig. 59: Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 60: Desenho de autor – cronologia.

Fig. 61: Fotografia cedidas pelo Grupo 12 de História da Arquitectura Portuguesa, ano lectivo 2012-2013.

Fig. 62: Fotografia de autor.

Fig. 63: Fotografia cedidas pelo Grupo 12 de História da Arquitectura Portuguesa, ano lectivo

2012-2013.

Fig. 64: Fotografia de autor.

Fig. 65: Fotografia cedidas pelo Grupo 12 de História da Arquitectura Portuguesa, ano lectivo 2012-2013.

Fig. 66: Fotografia de autor.

Fig. 67: Desenho de autor com recurso a desenho do Grupo 12 de História da Arquitectura Portuguesa, ano lectivo 2012-2013.

Fig. 68: Desenho de autor com recurso a desenho do Grupo 12 de História da Arquitectura Portuguesa, ano lectivo 2012-2013 e a desenho cedido pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 69: Desenho de autor.

Fig. 70-71: Fotografia cedida por Joaquim Caetano.

Fig. 72: Fotografia de autor.

Fig. 73: Fotografia cedida por Joaquim Caetano.

Fig. 74: Fotografia disponível em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2359 consultado em Maio de 2014.

Fig. 75: Fotografia disponível em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21535 consultado em Maio de 2014.

Fig. 76: Fotografia disponível em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2695 consultado em Maio de 2014.

Fig. 77-79: Fotografia disponível em www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=479 consultado em Maio de 2014.

Fig. 80-83: Fotografia de autor.

Fig. 84: Desenho de autor.

Fig. 85: Desenho de autor – cronologia.

Fig. 86: Desenhos e fotografias de autor.

Fig. 87: Desenhos de autor – levantamento rigoroso (2013).

Fig. 88-90: Desenhos de autor – esquemas.

Fig. 91: Desenho de autor baseado em documentação cedida pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

Fig. 92: Fotografia de CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por Descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

Fig. 93-94: Fotografia de autor.

Fig. 95: Esquema de CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por Descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

Fig. 96-97: Fotografias de CAETANO, J. (2014). As pinturas murais de Alfândega da Fé. Um tesouro por Descobrir. In Actas das XVI Jornadas Culturais de Balsamão (no prelo).

Fig. 98: Desenho de autor.

Fig. 99: Fotografia de autor – Mapeamento fotográfico do exterior (2013-2014).

Fig. 100: Fotografia de autor – Mapeamento fotográfico do interior (2013-2014).

Fig. 101: Fotografias de TRIGUEIROS, L. (2000). *Eduardo Souto Moura*. Lisboa: Blau.

Fig. 102: Desenhos de autor.

Fig. 103: Montagem de autor.

Fig. 104-105: Desenhos de autor.

Fig. 106: Fotografia de COSTA, A. A. (2006). Idanha-a-velha. Aula aberta ao 7º Mestrado em Reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos.

Fig. 107: Fotografia do Atelier Seródio Furtado & Associados, disponível em www.serodio-furtafo.com, consultado em Dezembro de 2013.

Fig. 108: Fotografia da autoria de Mariana Oliveira, arquivo pessoal.

Fig. 109-110: Desenhos de autor.

Leitura do projecto apresentado pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé para o lugar de Legoinha¹

Será efectuada uma leitura do projecto do núcleo proposto para o núcleo rural de Legoinha focando os dois aspectos que representam a amplitude de incidência da proposta: em primeira instância, uma análise e leitura da proposta para o espaço público do conjunto, e seguidamente, o projecto de reabilitação proposto para a reabilitação da capela de Santo Amaro.

No que concerne a proposta de espaço público, é referido pela Câmara Municipal na sua memória descritiva do projecto, que se pretende através desta aproximação uma “lógica organizacional de fruição pelos visitantes, com diversas e distintas funcionalidades espaciais articuladas pelos percursos de acesso”. Assim, apresentam-se três áreas diferentes de vegetação- as zonas **A**, **B** e **C** correspondentes a arbustos, árvores e prado respectivamente- que pretendem inserir-se nesta lógica de diferenciação.

A proposta pretende, deste modo, orientar o percurso desde a área de estacionamento proposta lateralmente até à entrada principal da igreja de Santo Amaro, atravessando a zona arborizada. Nesta zona desenvolve-se uma área onde será estabelecido uma espécie de pátio, de devoção a Santo Amaro, enquadrado por muretes de xisto e que se encontrará a eixo com a entrada lateral da igreja (Espaço **D**).

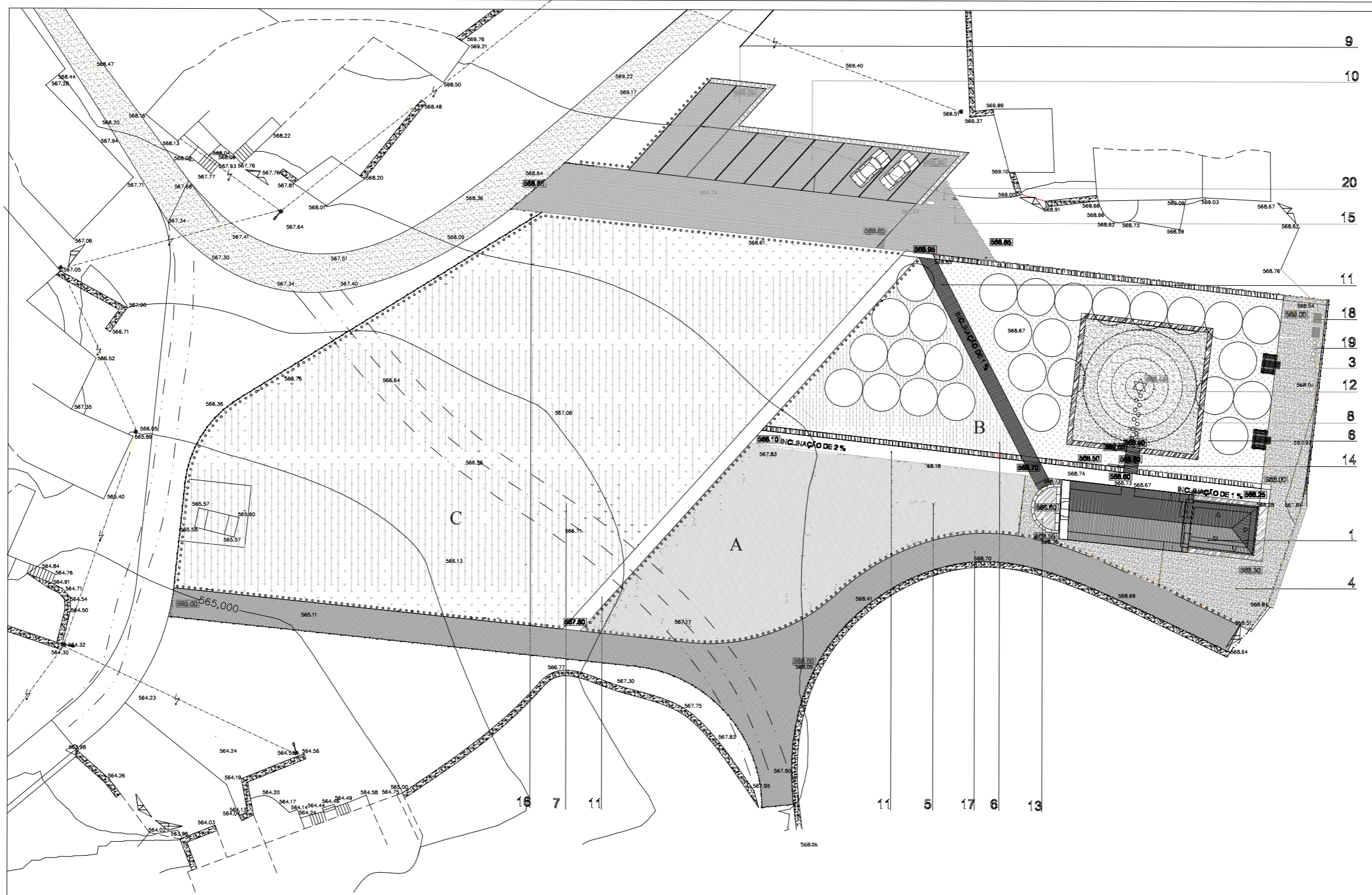
A sinalética terá um papel importante na definição do espaço público, nomeadamente através de painéis informativos na zona de estacionamento, pátio e acesso lateral à igreja.

Sumariamente, os materiais aplicados relativos à circulação de automóveis serão rachão de granito na circulação viária e cubo de granito na zona de estacionamento, enquanto que os percursos serão revistos de pavimento em argamassa com acabamento atolachado e inertes coloridos.

Quanto à Igreja de Santo Amaro, considerando os danos que existiam, é proposto que a acção de reabilitação incida nos elementos construtivos de paredes, pavimento e cobertura. Relativamente a paredes, proceder-se-á ao restauro do reboco, assim como das pinturas murais. Desta forma, quanto às paredes da nave, estas serão parcialmente demolidas e reconstruídas posteriormente, mantendo apenas na sua totalidade a fachada Nascente que será preservada. O reboco existente será picado até a alvenaria de pedra se encontrar exposta, sendo depois restituído com recurso a rebocos tradicionais, neste caso, argamassa de areia e cal aérea hidrófuga.

O espaço da nave destinar-se-á a albergar as funções de espaço multiusos, através da colocação de informação relativa à *Rota da Fé*, assim como destinar-se a exposições temporárias,

¹ Câmara Municipal de Alfândega da Fé (2012). Memória Descritiva e Justificatória.



- | | |
|---------------------------------------|--|
| 1 CAPELA DE SANTO AMARO | 12 PÁTIO DE SÃO AMARO E SÃO PLÁCIDO |
| 2 ESTRADA DE ACESSO | 13 ADRO FRONTAL |
| 3 ÁREA DE LAZER (MESAS DE PIQUENIQUE) | 14 PAINEL INFORMATIVO EM AÇO COM DIMENSÕES DE 1.60*1.60*0.15 M |
| 4 ADRO LATERAL | 15 PAINEL INFORMATIVO EM AÇO COM DIMENSÕES DE 2.00*1.00*0.15 M |
| 5 ZONA VERDE DE ENQUADRAMENTO A | 16 POSTE VERTICAL EM AÇO E MADEIRA COM DIMENSÕES DE 0.10*0.04*2.00 M |
| 6 ZONA VERDE DE ENQUADRAMENTO B | 17 ACESSO VIÁRIO PAVIMENTADO (PROPRIEDADES) |
| 7 ZONA VERDE DE ENQUADRAMENTO C | 18 CHURRASQUEIRA EM BETÃO E AÇO TIPO "BALARÉS - LARUS" |
| 8 MURETE BANCO EM ALVENARIA DE XISTO | 19 PAPELEIRA TIPO "LINHA ARQUI - LARUS" COM RECOLHA SELECTIVA |
| 9 ESTACIONAMENTO AUTOCARRO | 20 ESTACIONAMENTO BICICLETAS TIPO "IETA - DESIGN" |
| 10 ESTACIONAMENTO VIATURAS LIGEIRAS | |
| 11 PERCURSO PEDONAL | |

LEGENDA

- RACHÃO DE GRANITO AMARELO
- CUBO DE GRANITO CINZA 0.20 M
- CUBO DE GRANITO AMARELO 0.11 M
- XISTO AO CUTELO
- PLANTAÇÃO ARBUSTIVA E SUB-ARBUSTIVA
- PLANTAÇÃO COM Juniperus horizontalis
- PLANTAÇÃO ARBÓREA (Baccharis peruviana "triste" béculas triste)
- PLANTAÇÃO PRADO NATURAL
- MUIROS DE XISTO
- ARGAMASSA TALOCHADA DE COR BRANCA "SCALA"
- SAIBRO COMPACTADO
- BARRIEIRA EM TRONCOS DE PINHO TRATADO
- DECK DE MADEIRA EM PINHO TRATADO TIPO "Lacoparquetta"
- GRAVILHA BRANCA COM GRANULOMETRIA DE 0.02 e 0.03 m

— — — — — ÁREA DE INTERVENÇÃO
 COTAS DE PAVIMENTO PROPOSTAS
 COTAS DE PAVIMENTO EXISTENTES

Escala 1:500

 MUNICÍPIO DE ALFÂNDEGA DA FÉ	CAPELA DE SÃO AMARO - LEGOINHA ARQUITECTURA		Fase: PROJECTO DE EXECUÇÃO Ref.: 2011.APE.148 Subj. por: _____ Data: JANEIRO 2012
	PROPOSTA: PLANTA DE IMPLANTAÇÃO	Topografia Desenhou	Copiou Verificou

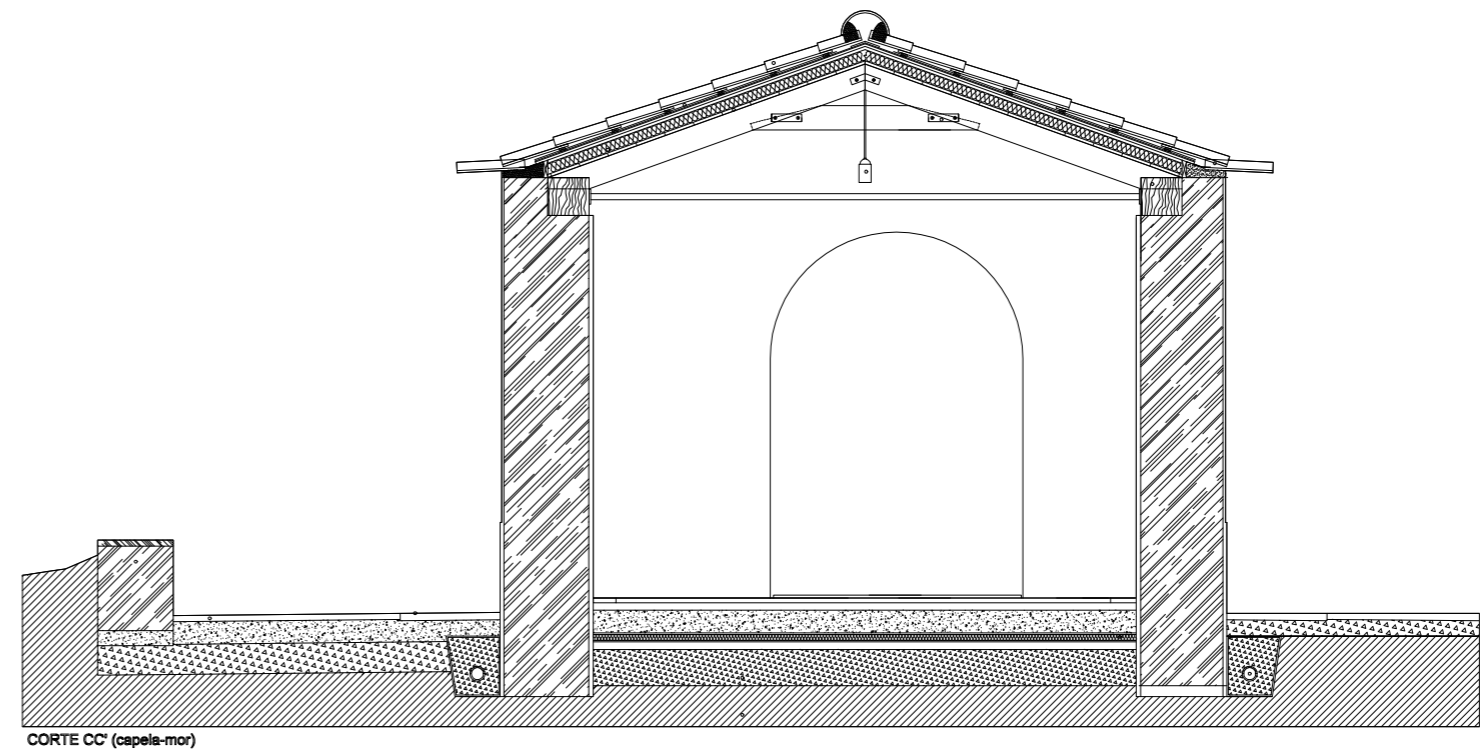
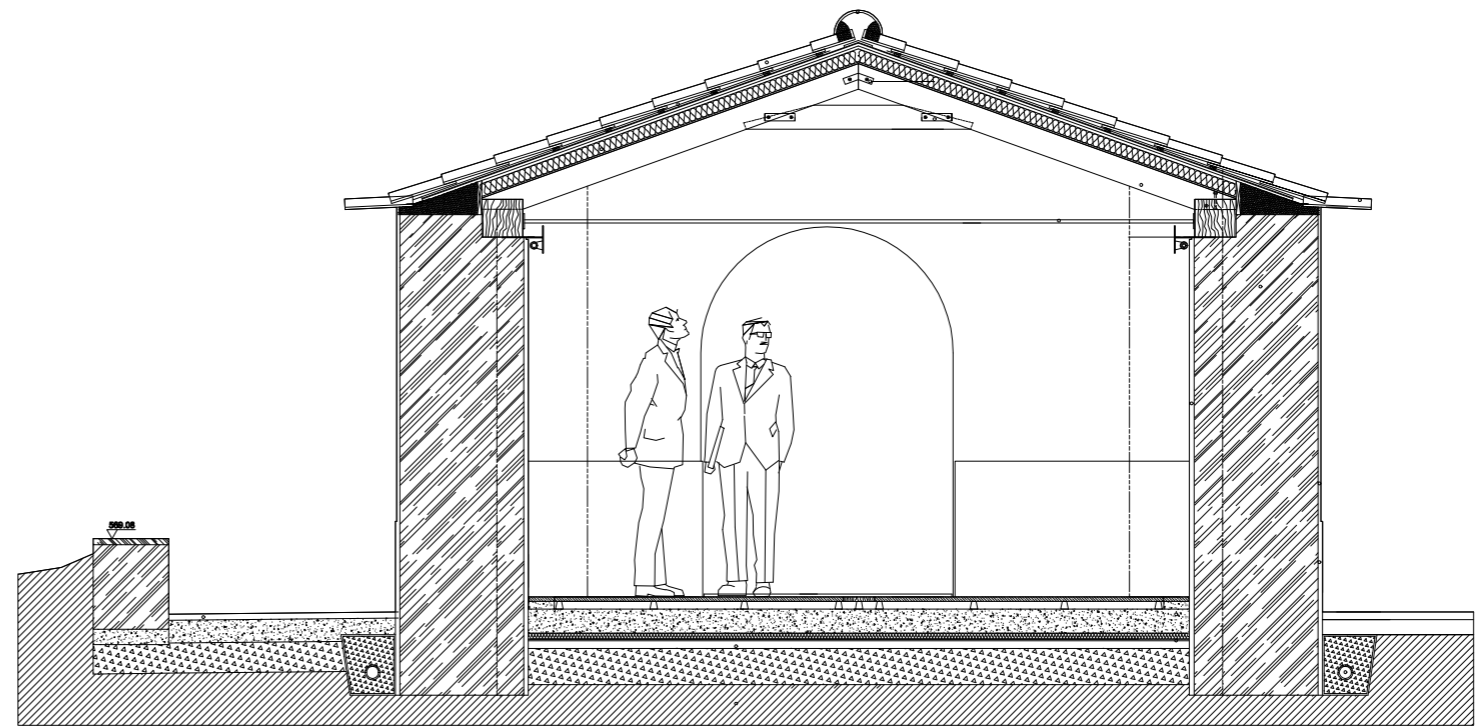
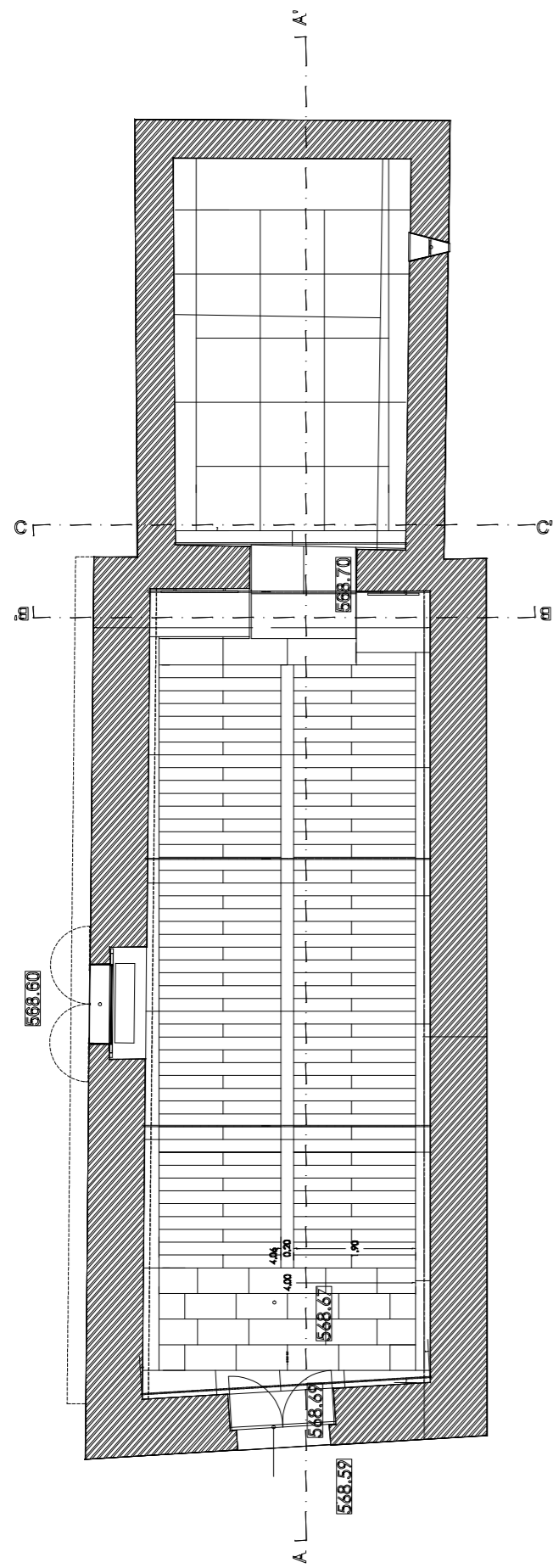
palestras e concertos em ocasiões específicas.

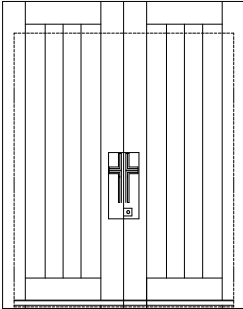
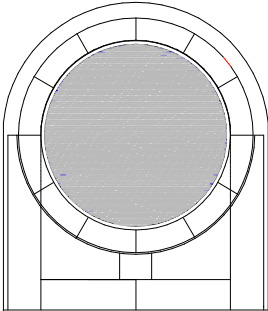


A nível de pavimento, a capela-mor terá um pavimento misto (soalho de madeira e lajeado de granito bujardado), enquanto que na nave será aplicado apenas soalho de madeira. Prevê-se que junto dos vãos assinalados (**P1** e **J1**) se apliquem degraus sobrevelados em granito.

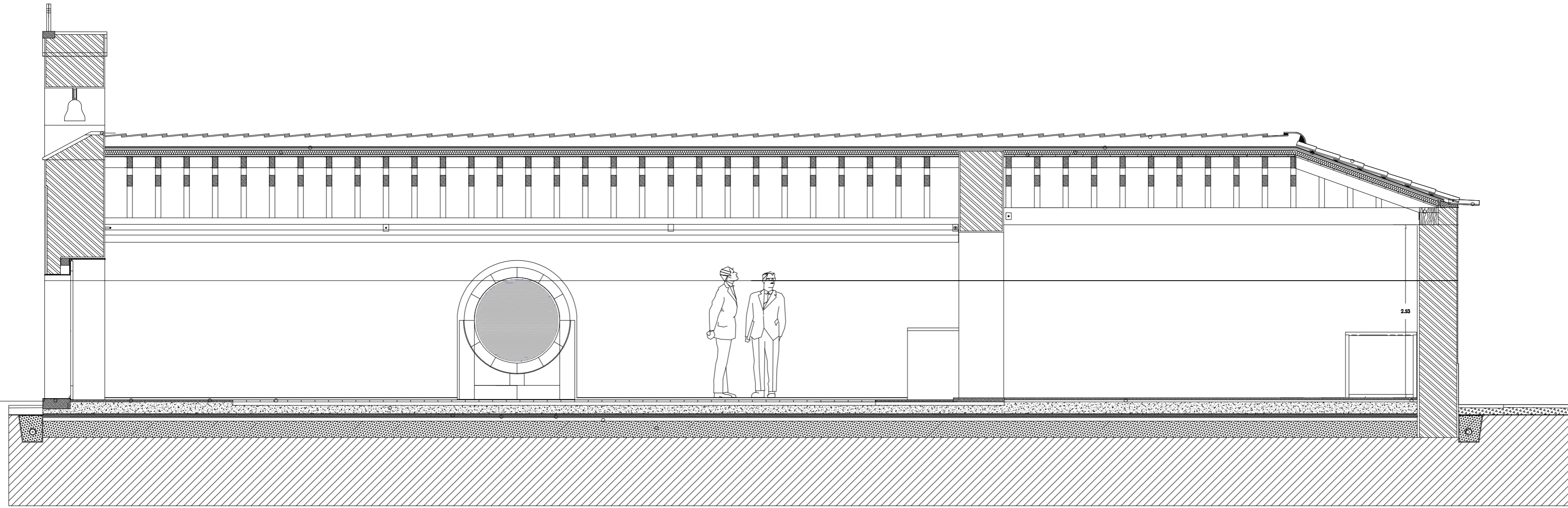
Relativamente à estrutura, as soluções aplicadas terão como objectivo colmatar as situações de deformação e repor a verticalidade das paredes, assim como, reparar os danos da cobertura e a sua estabilização. No que concerne particularmente à cobertura da capela-mor será resposta a solução de três águas, sendo a estrutura existente desmontada, dando lugar a uma nova estrutura de madeira em autoclave. Será ainda alterado o seu pé-direito através da subida do nível da cumeeira resultante da correcção da inclinação das águas.

Aplicar-se-á um novo esquema de revestimento na composição da cobertura, de modo a melhorar tanto as questões de impermeabilização como térmicas. Assim, o novo esquema será composto por: Forro constituído por tábuas de madeira e isolamento térmico poliestireno extrudido (roofmate) a aplicar na capela-mor e painel sanduíche de madeira com isolamento de poliestireno extrudido no seu interior para a nave; sistema de ripado e contra-ripado em madeira e telha cerâmica de canudo.

Quanto aos vãos, o vão **J2** (vão Sul), será composto por um novo vitral. Na nave, o acesso principal à igreja será substituído por uma porta dupla de madeira (**P1**) e o vão da fachada Norte (**J1**), será transformado num vão fixo, ambos com portadas de chapa metálica. Pretende-se nesta proposta que este vão seja uma fonte de iluminação natural para nave, assim como, enquadrar o pátio exterior criado onde se encontrará uma composição de carácter escultórico.



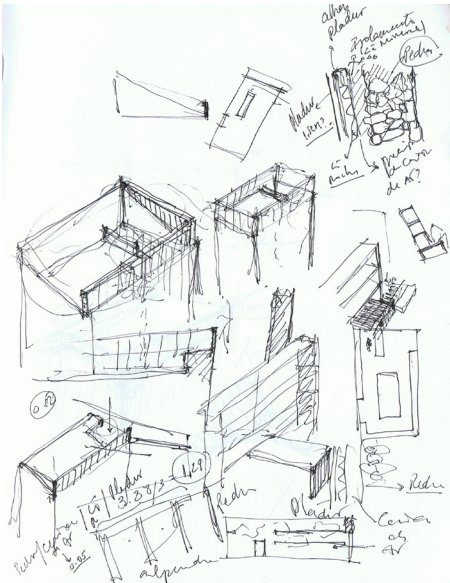
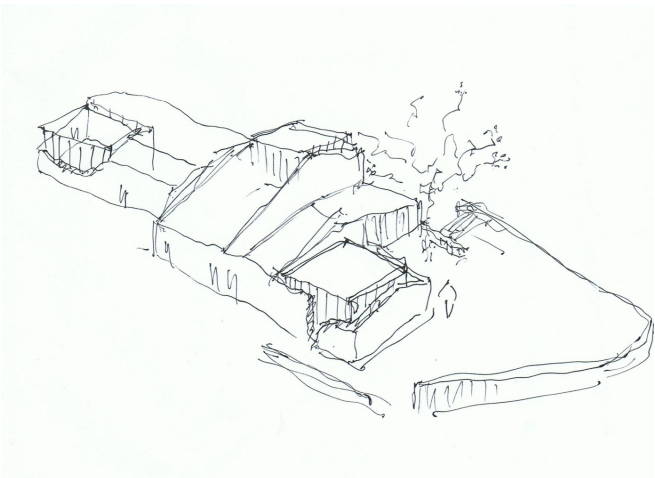
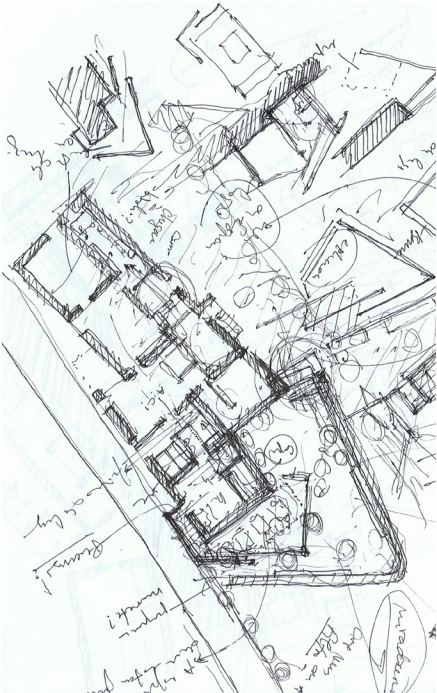
	PORTAS E JANELAS EXTERIORES	DIMENSÃO L x h m
P1	<p>Alçado</p> 	1.60 x 2.03
J1	<p>Alçado</p> 	1.70x 1.93
J2	<p>Alçado</p>  <p>Planta</p> 	<p>0.26x0.52</p> <p>Escala 1:50</p>



CORTE AA'

Escala 1:50

Esquissos de procura



Maquetes de Estudo | Estudo topográfico e de um conceito

